PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS COTIDIANAS DE UM BAIRRO BELORIZONTINO: o Concórdia

Andréia Ribeiro

Belo Horizonte
2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Andréia Ribeiro

REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS COTIDIANAS DE UM BAIRRO BELORIZONTINO: o Concórdia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profª. Drª. Luciana Teixeira de Andrade

Belo Horizonte
2008

*Dedico este trabalho aos moradores do Concórdia e ao bairro pelo seu aniversário de 80 anos que serão completados em 6 de setembro de 2008. Feli**cidades**!!*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a CAPES e os membros da Comissão Responsável pela Bolsa dessa instituição pela concessão da bolsa de estudo, sem a qual minha entrada nesse Programa de Pós-Graduação seria inviável.

Ao professor Carlos Evangelista Veriano, do Departamento de História da PUC-Minas, agradeço o apoio e o incentivo, no período da elaboração do projeto, para ingressar neste Programa de Pós-Graduação.

Aos professores José Moreira Souza, da Fundação João Pinheiro, e Juliana Gonzaga Jayme, da PUC-Minas, sou grata pelas valiosas contribuições no meu exame de qualificação.

Em especial agradeço à minha orientadora, Luciana Teixeira de Andrade, pelas várias leituras e releituras dos meus textos, pelo interesse demonstrado durante a produção da pesquisa e compreensão manifestada em cada discussão.

Ao Rildo César Souza, agradeço o apoio, o estímulo e o auxílio nos momentos difíceis e de satisfações no período da elaboração do trabalho.

À minha mãe e ao meu irmão, Osvaldo, meus agradecimentos sinceros pelo apoio e pela ajuda conferidas ao longo da pesquisa.

Ao João Vitor, sou grata pela sua preocupação infantil em sempre questionar se eu tinha muito “para casa” para fazer e pelas suas entradas bruscas no meu quarto me chamando para brincar.

Aos funcionários e funcionárias da Sala de Consulta do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, agradeço à atenção e a acessibilidade aos documentos pesquisados para elaboração do histórico do Concórdia.

Agradeço ao Gerson Freire e à Elaine Viza pela revisão do meu abstract.

Aos moradores do Concórdia sou extremamente grata pela atenção e hospitalidade dedicadas a mim e por terem contribuído significativamente para a realização deste trabalho.

O MISTÉRIO DOS BAIRROS

“Abstração administrativa para aquilo que presenciamos concretamente, o bairro surge pelos desígnios do destino. Cada bairro, com sua cosmogonia, sua mitologia e seus ritos, é um módulo móvel, ajustando-se conforme os passos no terreno.

[...] o bairro é a plenitude dos caminhos, onde todas as possibilidades de viagem se entrecruzam. Enquanto a imagem da rua, condição de deslocamento, é local, a imagem do bairro, condição de cruzamento das possibilidades, é também temporal. Ali, as casas se encontram no tempo e no espaço.

[...] o bairro é também o lugar da infância. Quando nascemos nos deparamos com brinquedos sem origens: já estavam lá antes de termos consciência deles. Da mesma forma, já nascemos em um bairro e, antes que saibamos, ele já estava lá, se estranhando de nossa existência. É lá onde aprendemos os nossos primeiros desencontros de pedras, nossas primeiras reações ao mundo, e sempre será, não importa quão longe nos afastemos, o cruzeiro do sul de nossas existências — as ruas que percorreremos na infância até a infância mais distante. O encontro passado e futuro de nossos desencontros. É na força do bairro, toda uma gama de lembrança juvenil e possibilidade futura, que surge seu poema de ruas, criando mistérios em lugares já carregados de mistérios. Os fantasmas de nós mesmos, inchados de lembranças que não podemos suportar, permanecem ali, enquanto vamos rodar o mundo.

[...]”

Márcio-André.

RESUMO

Esta dissertação analisa o bairro Concórdia, localizado na cidade de Belo Horizonte, privilegiando as percepções e concepções dos moradores sobre o seu bairro. Trata-se, portanto, de averiguar como o bairro é percebido e concebido pela população local e quais os elementos que contribuem e fundamentam suas visões. Além disso, por ser um local de vivência cotidiana, buscamos igualmente compreender as relações estabelecidas entre os moradores, destacando as relações de vizinhança e seus possíveis conflitos. Ao analisar as relações de vizinhança priorizamos os conteúdos que definem essa forma de relação para diferentes grupos de moradores, bem como alguns espaços e eventos locais que proporcionam e intensificam as relações e que acabam por sedimentar ou não a identificação dos moradores com o bairro.

Palavras-chave: Bairro, Representações sociais, Relações de vizinhança.

ABSTRACT

This dissertation analyze Concórdia neighborhood, located in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, remarking the perceptions and conceptions of its inhabitants about their neighborhood.

Therefore, the aim here is to check how the neighborhood is conceived by its local population and understand what elements promote and give foundations for their perception.

Beyond that, because the neighborhood is place where people experience their daily life, we tried to comprehend the relations among the inhabitants there, remarking the possible conflicts. When we analyzed the relations among the inhabitants, we focused on the subject which defines this relationships according to the different groups, as well as some revenues and events which promotes the intensification of these relationships, developing, or not, the identification of the inhabitants with the neighborhood.

Key-words: neighborhood, social representations, relationships of vicinity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 – Rua Purus, bairro Concórdia, década de 1970 30

FOTO 2 – Boi da Manta da Concórdia.....75

FOTO 3 – O Boi agradecendo a esmola.....76

FOTO 4 – Cortejo em comemoração ao dia das mães 78

FOTO 5 – Praça México.....100

FOTO 6 – Praça Bandeira.....100

FOTO 7 – Campo de futebol Inconfidência 101

FOTO 8 – Guarda de Congo São Jorge de Nossa Senhora do Rosário 101

FOTO 9 – Cortejo da Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário.....102

FOTO 10 – Cortejo da Guarda de Congo de São Bartolomeu de Nossa Senhora do Rosário.....102

FOTO 11 – O grupo Los Zumbi.....103

FOTO 12 – Cortejo do Boi da Manta pedindo esmola.....103

FOTO 13 – Vista parcial do Concórdia.....104

FOTO 14 – Vista parcial do Concórdia.....104

FOTO 15 – As gerações do Concórdia.....105

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Crescimento populacional e domiciliar da Vila Tiradentes, bairro Concórdia 34

TABELA 2 – Tipos de domicílios dos bairros Concórdia, Da Graça, Renascença e Nova Floresta 54

TABELA 3 – Rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios dos bairros Concórdia, Da Graça, Renascença e Nova Floresta 55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PLAMBEL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana

PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

URBEL – Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

ZAP – Zona de Adensamento Preferencial

ZAR – Zona de Adensamento Restrito

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO 13
1.1- Metodologia da Pesquisa e Estruturação dos Capítulos 15

2- O BAIRRO e a CIDADE 21
2.1- O Bairro Concórdia: Limites Oficiais e Subjetivos 36

3- O BAIRRO COMO ESPAÇO SOCIAL E DE PRIVATIZAÇÃO 41
3.1- Representações Locais do Concórdia 45
***3.1.1- Divisão subjetiva interna do Concórdia* 50**
***3.1.2- O Concórdia e seus vizinhos* 54**
3.2 – O Bairro e a Favela 58

4- A VIDA SOCIAL DO CONCÓRDIA 62
4.1- Relações de Vizinhança 62
4.2- Espaços de Interação 72
4.3- Sentimentos de Pertencimento 80

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 84

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86

APÊNDICE A – Relação por ordem de códigos dos moradores entrevistados 95
APÊNDICE B – Cronograma das principais festividades do Concórdia 99
APÊNDICE C – Fotos do bairro Concórdia 100

ANEXO A – Planta do Concórdia de 1929 106
ANEXO B – Detalhe da planta do Concórdia de 1929 107
ANEXO C – Mapa da Região Nordeste de Belo Horizonte 108
ANEXO D – Mapa da Divisão Subjetiva Interna do Concórdia 109
ANEXO E – Mapa do zoneamento do Concórdia de 1996 110
ANEXO F – Reportagem de 1934 sobre o bairro Concórdia 111

1- INTRODUÇÃO

De acordo com a Prefeitura e a PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte –, a cidade de Belo Horizonte atualmente possui 484 bairros, incluindo as vilas e favelas[1]. Estudar um desses bairros qualitativamente, isto é, utilizar os métodos de observação participante, entrevistas com os moradores e história oral – já que muitos destes bairros não possuem registros documentais sobre seu surgimento e povoamento – pressupõe conhecê-los a partir das vivências e das percepções subjetivas dos seus moradores.

O presente trabalho trata do estudo sociológico de um bairro belorizontino, o Concórdia, considerando as representações e as práticas cotidianas dos seus moradores. Representações e práticas que envolvem vizinhança, lugares de encontros preferidos, redes de amizades, múltiplas formas de solidariedade e que, além disso, permitem aos moradores perceberem e significarem o seu bairro. Ou seja, práticas e representações que facultam analisar como uma coletividade percebe, sente e vive seu bairro. Como bem destacou Gadea (2006) o objetivo da Sociologia é interpretar as ações dos indivíduos na realidade social e a maneira como eles dão significados aos fenômenos sociais, portanto, o social é captado como vivência para reconstruir seu sentido. Vivência como sinônimo de sociabilidade.

Esse tipo de investigação empreendida no Concórdia possibilitou apreender duas dimensões desse espaço – a local e a extralocal. A dimensão local refere-se à forma na qual os moradores estabelecem suas relações de vizinhança, seus sistemas de trocas, seus pontos de encontro e demarcação de diferenças. O que constitui para eles como permanência e mudança em relação ao seu bairro e qual o conjunto de representações simbólicas socialmente construídas e acionadas pelos moradores ao retratarem o bairro que habitam.

A dimensão extralocal refere-se as possíveis correlações e comparações entre o bairro e seus espaços adjacentes ou em relação a outras partes da cidade elaboradas pela população local. O que pode envolver diferenças ou semelhanças entre aspectos sociais, econômicos, culturais e outros. Essas percepções são possíveis porque os moradores de um determinado bairro não têm suas vidas confinadas nos espaços que residem. Eles freqüentam e transitam

[1] A delimitação dos bairros foi feita pela PRODABEL, a partir de consultas à população, representando os seus limites na cartografia do município, considerando a identificação popular, daí a sua denominação "bairros populares". Para atender as necessidades do Grupo de Gestão da Informação (grupo formado pela Prefeitura de Belo Horizonte, Prodobel, PMMG, Copasa, Cemig, Correios, Telemar e outros), essa delimitação passou recentemente por uma revisão geral, visando padronizar a base cartográfica do município (www.pbh.gov.br).

em outros espaços da cidade o que os possibilitam pensar e analisar o seu bairro a partir de outras realidades socioespaciais da sua cidade.

Assim, permitir que diferentes atores sociais (moradores de bairros) expressem suas relações e percepções aliadas à investigação empírica teoricamente orientada, contribui para a análise e para a compreensão dos contextos locais (bairros) e da vida citadina, logo, também para o reconhecimento das formas e maneiras que grupos urbanos se organizam e lidam com suas demandas, como se apropriam do espaço, como reelaboram sua cultura e como interagem com o outro.

O enfoque dado aos bairros belorizontinos nesta perspectiva é ainda pouco explorado pelas Ciências Sociais. Ao realizarmos um levantamento da produção acadêmica sobre os bairros de Belo Horizonte constatamos que os trabalhos realizados concentram-se, principalmente, na área da Arquitetura. Os estudos nessa área priorizam os fatores da expansão urbana nos bairros. Sob este ponto de vista temos as obras de Faria (1992) que analisou o caso do bairro Cidade Nova, Kuwahara (1990) que examinou o bairro Silveira e Azevedo Júnior (1999) que estudou o bairro Serra. As mudanças de estrutura do espaço residencial para comercial são o foco de estudo sobre o bairro Floresta de Gomes (1990). Em *"Uma conceituação de recuperação urbana para o bairro da Lagoinha"*, Pederzoli (1992) procura entender as razões do preconceito sobre o bairro Lagoinha e busca alternativas que visem o resgate do valor, integridade e, sobretudo, a aceitação do bairro[2]. Além desses, podemos também destacar o de Teixeira (1996), na área da Geografia, o qual visou captar de forma representativa o conceito que os moradores da Floresta têm do bairro, bem como identificar as transformações que traduzem sua metropolização, isto é, sua identificação com os demais bairros pericentrais de Belo Horizonte. Seu objetivo foi averiguar a percepção dos moradores da Floresta em relação à transformação deste espaço em uma parte do Centro, assim com um setor de passagem, com tendências de descaracterização em toda a extensão do seu território.

Na área das Ciências Sociais podemos destacar a obra de Vellasco (1993), a qual ressalta as modalidades de associativismo ao buscar examinar reivindições e conquistas dos moradores para a implantação de infra-estrutura na Vila Maria localizada no bairro Jardim Vitória, na Regional Nordeste com ênfase na sociabilidade e na organização praticadas entre os moradores da Vila. Em outro trabalho, Medeiros (2001) investiga as dinâmicas sociais do

[2] Os trabalhos de Kuwahara (1990), Faria (1992), Gomes (1990), Pederzoli (1992) e Vellasco (1993) foram citados na obra *"Belo Horizonte em tese"*, organizada por Guimarães e Azevedo (1995). Esse livro apresenta as produções acadêmicas sobre a cidade de Belo Horizonte até 1994.

bairro Bonfim, tendo como foco a prostituição. A análise privilegia, primeiramente, a história do Bonfim e da prostituição como mitos de origem e a construção social de um determinado espaço como diferente do resto da sociedade belorizontina. Em seguida, busca localizar o processo da prostituição e sua organização, entendendo as representações sociais construídas sobre o bairro.

Contudo, apesar da existência de trabalhos que contemplem os bairros, pouco se sabe sobre como se estruturam as redes de sociabilidades e de vizinhança, os padrões de interação que impregnam as práticas da vida cotidiana, as representações simbólicas e as modalidades de associativismo nos bairros belorizontinos.

A pesquisa que aqui apresentamos não investiga toda a realidade ou a vida social e cultural do bairro Concórdia, mas busca, de certa forma, atingir um dos objetivos propostos por Mayol (2003), isto é, *"elucidar as práticas sociais e culturais de usuários da cidade no espaço do seu bairro"* (MAYOL, 2003, p.37), ou ainda, realizar uma sociologia dos bairros, como afirma Barreira (2007), uma sociologia dos bairros supõe uma sociologia nos bairros, sinalizando para a multiplicidade de usos e representações simbólicas não redutíveis a uma expressão unitária.

1.1- Metodologia da Pesquisa e Estruturação dos Capítulos

As técnicas empregadas para obtenção dos dados qualitativos sobre o Concórdia foram a observação participante e as entrevistas. De acordo com Becker (1999), a observação participante consiste na coleta de dados através da participação na vida cotidiana do grupo ou organização que se estuda. Esses dados, ainda segundo o autor, possibilitam ao pesquisador contrapor, comparar e interpretar as informações obtidas por meio das entrevistas e das conversas informais. Dessa forma, a observação participante assegura ao pesquisador relacionar as variadas informações (coletas em campo) com o fim de apreender, na medida do possível, a realidade a qual o pesquisador se propôs analisar. Além desses aspectos a observação participante, como bem salientou Gans (1976), é o único método que habilita o pesquisador a chegar perto das realidades da vida social, assim como minimizar a distância entre o pesquisador e o seu objeto de estudo.

As minhas principais atividades de pesquisa enquanto observadora participante incluíram: a) caminhadas pelas ruas do bairro com o propósito de averiguar a intensidade das

relações entre os moradores no dia-a-dia, assim com

rua levava-me a outra e quais os espaços públicos existentes. Essas caminhadas possibilitaram-me apenas um conhecimento superficial do bairro.

Os primeiros lugares que conheci foram a Praça México e o campo de futebol Inconfidência. Cheguei nesses lugares perguntando aos transeuntes como fazia para ir a tal praça e a tal campo. Essa atitude deixou claro para mim que os mapas dos lugares são as pessoas que vivem neles quando não dispomos de um mapa tradicional, pois tinha somente a informação de que existiam tais lugares, mas não sabia como chegar a eles.

Sentada em um banco da Praça México e observando as pessoas irem e virem questionei-me como faria para entrar em contato e conhecer as pessoas que residem no Concórdia. Minha pesquisa dependia completamente desses moradores e eu os desconhecia. Saí dali um pouco frustrada, mas convicta de que seria necessário estabelecer algum contato para iniciar outros. No princípio, pensei em *"bater de porta em porta"* para conseguir alguma aproximação com os moradores. Porém, um dia, conversando com minha orientadora, ela mencionou que a empregada doméstica de sua amiga residia no bairro e que a mesma poderia ser a *"porta de entrada"* para o bairro. E foi o que aconteceu.

A minha inserção no bairro foi promovida por essa moradora que me apresentou outros moradores. Ela foi uma mediadora nos primeiros contatos efetuados entre mim e os outros moradores. A partir desse momento comecei a entrevistá-los.

A relação estabelecida entre mim e os moradores foi uma relação entre estranhos, pois estava eu ali, pesquisando um bairro, no qual não resido e conversando com pessoas que em sua maioria cresceram no Concórdia. Além disso, em todos os momentos que freqüentei os espaços do bairro fui tratada como uma estudante que pesquisa o bairro, tanto nas festas ocorridas nas ruas, como nos cultos, nas missas ou nas sessões religiosas, assim como andando pelas ruas e encontrando os moradores com os quais tive contanto, nas entrevistas ou nos encontros casuais.

Os questionamentos sobre *"porque estudar o bairro?"* e *"porque logo este bairro?"* foram freqüentes por parte dos moradores. Outros indagaram, *"o Concórdia é tão bom assim que dá para estudá-lo?"* Vale, aqui, responder ao leitor porque estudar o Concórdia. Vários foram os acontecimentos e caminhos, fortuitos ou não, que me direcionaram a eleger um bairro belorizontino como objeto de estudo na Pós-Graduação de Ciências Sociais.

A motivação inicial deu-se quando estava no curso de graduação e tive a oportunidade de realizar estágio na Secretaria de Administração Regional Municipal Nordeste / Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. No período do estágio uma das minhas funções era levantar dados bibliográficos e documentais em arquivos, museus e bibliotecas sobre os bairros dessa

Regional. Isso me possibilitou não só conhecer as origens de alguns bairros como também um pouco da dinâmica social contemporânea desses espaços. No conjunto desses bairros estava o Concórdia o qual despertou minha atenção pela sua origem e pela intensa produção cultural local promovida por seus moradores. Após a inserção no campo outros aspectos foram tornando-se instigantes e são sobre eles que disserto.

O antropólogo Geertz (1989) ao descrever seu processo de aceitação em uma aldeia balinesa destacou que um acontecimento imprevisto o possibilitou *"ser aceito pelos nativos"*. No meu caso, a aceitação foi um processo desenvolvido a partir da minha presença e participação nos eventos que ocorrem no bairro e não através de um episódio específico. No entanto, não fui aceita por todos os moradores. Estes que não me aceitaram concordavam em dar a entrevista, mas pouco falaram sobre suas vidas no bairro e sobre o bairro. As respostas eram sempre dadas com palavras simples: bom, ruim. Ao questionar essas palavras respondiam: bom, porque é bom não tem nada de extraordinário. Outros concordavam em conceder a entrevista, mas no dia e no horário marcados não se encontravam em casa. Ligava novamente para remarcar e davam alguma desculpa para não me receber.

Pude interpretar essas recusas como um receio em publicizar suas opiniões sobre o bairro e sobre os moradores, principalmente as opiniões negativas. Alguns moradores indagaram se suas falas iriam ser publicadas em jornais ou rádios, pois suas opiniões não poderiam ser expostas por serem muitos conhecidos no bairro. Outra hipótese para as recusas seria a concepção de que eu sou uma intrusa que estava querendo conhecer uma população e um espaço dos quais não faço parte. Esse aspecto pode ser compreendido tendo em vista que o meu papel no Concórdia era bem definido pelos moradores: *"ela está fazendo um trabalho sobre o bairro"*.

Muitos moradores tinham a plena consciência de que minha permanência no bairro era passageira, isto é, estava freqüentando o Concórdia porque meu objetivo era estudá-lo. Entretanto, para outros representei a possibilidade de ouvir atentamente suas falas sobre o seu bairro, sobre as dificuldades da convivência cotidiana e até mesmo sobre as alegrias e satisfações de morar no Concórdia.

Ao procurar os moradores para fazer as entrevistas percebi em alguns o sentimento aflorado de importância atribuída ao serem escolhidos. Aqueles que conheci e não entrevistei chegavam até a mim e me questionavam se eu não iria fazer entrevista com eles. Em dois momentos cedi. As crianças me abordavam mais diretamente perguntando o que eu estava fazendo e por que. Algumas chegaram a interrogar se eu iria entrevistá-las.

O contato com a Vila Tiradentes foi um encontro com a capacidade do ser humano em adaptar-se a qualquer situação. Ao andar pelos becos, sentia que estava entrando nas casas das pessoas sem ser convidada devido à falta de separação entre a porta da sala, o portão, o passeio e a rua. Pessoas almoçavam nos becos, mulheres faziam unhas, vi pessoas sentadas nos sofás assistindo televisão, roupas estendidas para secar nos becos. Uma invasão do espaço público por comportamentos e práticas por mim consideradas como íntimas e privadas. Como bem observou um morador: *"eles (moradores da Vila Tiradentes) fazem tudo no meio da rua ou do beco, como se não fosse rua, como se fosse o quintal deles"*.

Alguns moradores que entrevistei chegaram a negar que moravam na Vila, apesar de sua residência ser localizada nela. Afirmavam que moravam no bairro e que a Vila começava depois de sua casa. Outros, entretanto, exaltaram o lugar que moram como sendo seguro, onde todos conhecem todos. A atitude de negar ou de camuflar que reside na favela foi interpretada por mim como uma tentativa de desvincular a imagem negativa desse espaço da sua própria imagem. Isto é, a busca de livrar-se de um estigma que acaba por atingir a todos que ali residem.

Este trabalho se divide em três capítulos. No primeiro apresentamos um esboço histórico do surgimento do Concórdia relacionando-o com a cidade de Belo Horizonte. Para a elaboração deste histórico utilizou-se documentos impressos, como os relatórios de prefeitos e jornais, e entrevistas realizadas com os antigos moradores. Os relatórios dos prefeitos da cidade de Belo Horizonte analisados compreenderam os anos de 1918, 1919, 1922, 1926, 1927, 1929, 1930, 1948 e 1951. Esses relatórios foram examinados buscando identificar a intenção do poder municipal de construir uma vila proletária na cidade no final da década de 1910, o que resultou na fundação do atual bairro Concórdia em 1928, e posteriormente, os assuntos tratados em relação ao bairro, como a forma de aquisição dos lotes, o público alvo para instalar-se nesse novo espaço, a implantação de infra-estrutura, entre outros. A finalidade do uso de duas fontes distintas, impressas e orais, para escrever a história do Concórdia foi de confrontar as informações para construir evidências e interpretá-las. Logo em seguida, fazemos uma descrição do espaço físico do bairro Concórdia em relação a seus limites e suas divisões internas, tendo como base as referências oficiais (da municipalidade) e subjetivas (dos moradores).

O bairro como espaço social e de privatização, entendida como apropriação e familiarização cotidiana, é o assunto tratado no segundo capítulo. Ao empreender essas definições sobre o bairro buscamos, na medida do possível, analisá-las a partir dos dados empíricos obtidos sobre o Concórdia, tanto nas entrevistas como na observação participante.

Posteriormente, analisamos o conjunto de representações associadas ao Concórdia pelos seus moradores imbricadas de elementos históricos, sociais e culturais, logo, também como a favela Tiradentes é representada por diversos atores sociais.

Por fim, analisamos os conteúdos das relações de vizinhança presentes no bairro, assim como os possíveis conflitos oriundos dessas relações. Além das relações de vizinhança priorizamos analisar igualmente os locais de encontros e os eventos do bairro, pois constituem como fenômenos que definem a vida de bairro, assim como por serem locais preferidos de encontro e de convívio da população local. O desdobramento dessa análise permitiu também verificar a existência ou não dos sentimentos de pertencimento da população local em relação ao seu bairro.

2 - O BAIRRO e a CIDADE

O surgimento do bairro Concórdia é fruto da política de vilas operárias implementada em alguns espaços da Zona Suburbana de Belo Horizonte, a partir da década de 1920[4]. De acordo com Correia (2001), a vila operária, nas primeiras décadas do século XX, surgiu como modelo privilegiado para o enfretamento de um dos problemas centrais da cidade: a habitação do pobre urbano. Esses lugares definiam-se como opostos à favela e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. Ainda segundo a autora, o Estado não apenas se inspira nesses projetos, como toma emprestado o nome vila operária ou vila para suas primeiras realizações no campo da moradia. A cidade de Belo Horizonte não fugiu a essa regra, sendo uma das suas primeiras iniciativas, em relação à habitação do pobre urbano, a criação de vilas operárias, como será demonstrado mais adiante. Dessa forma, as vilas operárias passaram a ser os locais por excelência de moradia da população trabalhadora de baixo poder aquisitivo, conduzidas inicialmente pelo poder público para depois se tornarem um empreendimento privado na cidade de Belo Horizonte, como são os casos da Vila Cachoeirinha, Vila Renascença, entre outras. No entanto, como afirma Guimarães (1991), diversas eram as vilas onde moravam trabalhadores, embora somente a Concórdia fosse reconhecida oficialmente como Vila Operária da cidade.

Além das vilas podemos também destacar, em Belo Horizonte, o surgimento na década de 1930 da Cidade Ozanan[5]. Esse espaço foi produzido em parceria com o poder público e a Sociedade São Vicente de Paulo para abrigar a população de sem casa da cidade. A construção da Cidade Ozanan não passou despercebida por Barreto (1937) ao referenciá-la em sua obra nos seguintes termos, *"está-se construindo a Cidade Ozanan, a cidade da pobreza"* (BARRETO, 1937, p. 24).

A nova Capital mineira, fundada em 1897, foi concebida em uma planta contendo três zonas distintas: Zona Urbana, Zona Suburbana e Zona Agrícola[6]. A Zona Urbana, cercada por uma avenida em forma de círculo, atual Avenida do Contorno, foi reservada para *"as*

[4] Segundo Aguiar (2006), em Belo Horizonte, a partir dos anos 1920, a vila passou a designar bairros periféricos, de extensão variada, com pouca ou nenhuma infra-estrutura urbana, divididos em lotes de pequena extensão, que comportavam a construção de casas de pequeno porte.

[5] A Cidade Ozanan está situada no bairro Ipiranga, na Regional Nordeste. É administrada pela Sociedade São Vicente de Paulo e possui 59 casas que são ocupadas em regime de comodato por famílias de baixa renda.

[6] Não procuramos aqui reconstruir o processo histórico da ocupação de Belo Horizonte, mas destacar o contexto da constituição do espaço do bairro Concórdia na cidade. Sobre a lógica do processo de ocupação das zonas Urbanas e Suburbanas de Belo Horizonte, ver Guimarães (1991), Passos (1996), Buére (1997) e Aguiar (2006).

atividades econômicas e administrativas, ponto de partida para o povoamento" (GROSSI, 1997, p19), além de abrigar os bairros residenciais para os funcionários da administração pública. A Zona Suburbana, localizada logo após a Avenida do Contorno, abrigou, inicialmente, a população de baixo poder aquisitivo, com precária infra-estrutura urbana. A Zona Rural, evidentemente abrigava as atividades agrícolas.

No período da construção da cidade, 1894 a 1897, a Zona Urbana foi ocupada provisoriamente pelos construtores responsáveis pelo projeto da nova Capital, assim como pelos trabalhadores da construção civil. Após a inauguração, parte dos trabalhadores da construção civil da cidade permaneceu nos seus locais de residência. Dentre esses espaços podemos destacar as regiões da Barroca (atual bairro Lourdes) e Barro Preto *"destinadas a habitações operárias pelo Decreto de nº 2.486 de 1909 concedidas a título provisório pelo Estado"* (PENNA, 1997, p.106) e nas *"imediações do atual bairro Floresta, onde os operários construíram suas pequenas casas ou cafuas"* (BH 100 anos, 1997, p.13). Convém sublinhar, que os bairros Lourdes e Barro Preto estão situados dentro da Avenida do Contorno, na época Zona Urbana, já o bairro Floresta fora da Avenida, na Área Suburbana.

Os espaços e as moradias para os operários da cidade em algumas seções da Área Urbana foram concedidos provisoriamente, pois, segundo Araújo (1997), seu traçado geométrico, de tamanho prefixado, ordenado e funcional, não previu, dentre outras coisas, espaços e moradias para os operários. Em decorrência disso, a cidade passou a conviver, desde os seus primeiros anos, com favelas, loteamentos clandestinos e habitações improvisadas. Como afirmou Guimarães (1991), o projeto da cidade não contemplou sequer a necessidade de moradia para o operário que deveria construí-la. Dessa forma, a cidade-projeto, de início, criou o problema: não havia espaço pré-definido para a moradia do trabalhador urbano.

Diante desse contexto, no final da década de 1910, o poder municipal começou a discutir a possibilidade de se construir espaços na Zona Suburbana para alojar a população instalada provisoriamente na Área Urbana. Esse aspecto foi ressaltado nos seguintes termos:

> *no intuito de localizar definitivamente o proletariado desta capital, que se acha na sua quase totalidade instalado provisoriamente em terrenos da Zona Urbana, que esta Prefeitura não poderá ceder para construção de casinhas de valor mínimo, senão a título precário, como até agora foi feito, deseja esta administração criar Vilas Proletárias [...]*
> *A Prefeitura precisa preparar-se para poder oportunamente remover grande número de operários instalados provisoriamente na área operária – Barro Preto – os quais à vista das disposições da Lei nº 138, de 16 de outubro de 1917, não poderão mais conseguir domínio definitivo dos lotes que ocuparem, nem por compra, como ficou estabelecidos nos títulos provisórios, expedidos de acordo com*

> *o decreto nº 1.516, de 2 de maio de 1902, nem por cessão gratuita de conformidade com a Lei nº 33, de 11 de fevereiro de 1909 e decreto nº 2.486, de 30 de março de mesmo ano e nem por aforamento por falta de condições previstas em lei.* (PREFEITURA MUNCIPAL DE BELO HORIZONTE, 1918, p.14).[7]

De acordo com a citação acima podemos destacar neste período, dois posicionamentos do poder público municipal sobre a moradia do proletariado da cidade em terrenos da Zona Urbana. O primeiro, remover a população instalada provisoriamente na Área Urbana. O segundo posicionamento refere-se à mudança de postura ao rever a legislação urbana que garantia o domínio dos lotes na Área Urbana que após o ano de 1918 tornou-se ilegal, pois, a legislação urbana segrega na medida que seus lotes de grandes extensões passam a serem valorizados tornando-se inadequados à moradia dos pobres.

Um ano após esse posicionamento cria-se a *"Lei nº 178 ficando autorizado o prefeito criar vilas proletárias em pontos convenientes da cidade"*. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1919, p.27).

As discussões do poder municipal em relação à criação de vilas proletárias foram constantes entre 1918 a 1928. Durante esse período a Prefeitura fez várias observações acerca da futura vila proletária. Dentre as questões levantadas destacamos a forma de aquisição dos terrenos, que ficou estabelecida por meio de aforamento, assim como o público alvo para residir na vila, como pode ser constatado na citação a seguir:

> *Os lotes dessa vila serão aforados de acordo com a lei, as pessoas reconhecidamente pobres e que não sejam proprietárias em nenhum outro ponto da Capital, não sendo permitido mais de um lote para cada habitação.*
> *Deve ser dada preferência para o aforamento desses lotes as pessoas já instaladas provisoriamente na área operária da oitava seção Urbana, no lugar denominado Barroca e em qualquer outro local que não convenha ou não possa a Prefeitura aforar para construção de pequeno valor.* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1919, p.14 e 15).

Em 1922, a Prefeitura, após legislar sobre a forma de aquisição do terreno, bem como a população que seria alojada para a vila proletária, especifica o terreno na Zona Suburbana que seria destinado a construção da vila *"denominado Pasto da Prefeitura nas imediações da Lagoinha"* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1922, p.51).

Embora a escolha do local para projetar a vila tenha sido feita em 1922, o levantamento e o projeto foram concluídos em 1927 na gestão do prefeito Cristiano Monteiro Machado.

---

[7] Ao analisar os relatórios dos prefeitos belorizontinos constata-se que os termos proletariado e operariado referem-se a todo e qualquer trabalhador braçal e mal renumerado.

> *Com o fim de se projetar uma vila operária foram levantados os terrenos da Prefeitura, situados fora do perímetro e denominado Pasto da Prefeitura [...]. Em seguida ao levantamento foi projetada a Vila operária, tendo-se em vista o fim a que se destina*. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1927, p.91).

Em 1927, a planta da Vila Concórdia foi concebida em uma área de 917.300,00 m, com 77 quarteirões e 1.890 lotes com as seguintes ruas: Araras, Beberibe, Cairú, Guanabara, Itamaracá, Itapagipe, Iguassú, Itapeva, Itaquera, Itararé, Ibitinga, Jaraguá, Joacema, Jiquia, Jataí, Jequiriçá, Juruá, Juparanã, Jundiaí, Jaquari, Jacuipe, Jaguaribe, Pegeú, Pomonga, Panema, Parati, Pirai, Purus, Sumaré, Sahi, Saquarema, Tamboril e Urandi[8]. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1927, p.94). (ANEXO A). Essa planta encontra-se no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH. Na mesma estão definidas as ruas com seus respectivos nomes; uma praça, que hoje recebe o nome de Praça México; uma área verde, onde se localiza atualmente um campo de futebol de várzea, Campo Inconfidência e uma favela, Vila Tiradentes (ANEXO B), assim como a definição dos lotes e quarteirões e os limites do Concórdia com a Rua Pitangui e Jacuí.

Embora planejada, a execução da Vila Concórdia, inicialmente, limitou-se à *"marcação de 18 quarteirões, com um total de 429 lotes e abertas as seguintes ruas: Iguassú, Itapagipe, Itamaracá e parte das ruas Jacuí, Guanabara, Urandi, Tamboril, Cairú e Pageú"*. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1927, p.90-91).

Após um ano da execução de uma pequena parte do espaço que seria a vila, a mesma foi legalizada em 6 de setembro de 1928, com o nome de Vila Concórdia, sendo a planta aprovada no ano de 1929. No nome da Vila ficaram as marcas do processo da transferência dos moradores da 8ª, 9ª e 12ª Seções Urbanas, correspondendo à Barroca (atual bairro de Lourdes) e ao Barro Preto. Transferência essa salientada pelo prefeito Christiano Monteiro Machado em 1929,

> *Toda Zona denominada Barroca está sendo aberta. Situada no centro Urbano, era inevitável que as imposições do crescimento da cidade forçassem a administração a abrir as ruas que a circulam.*
> *A todos possuidores de cafuas que lá estavam tem a prefeitura assegurado a obtenção de lotes na Vila Concórdia.* (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1929, p.30).

[8] Os nomes dessas ruas permanecem até hoje, exceto as ruas Jaraguá, Pomonga, Parati e Sumaré.

Em 1930 foram demolidas 1.140 cafuas na Barroca das 1.971 existentes. Parte desses moradores foi transferida para a Vila Concórdia ou para o Morro Alto[9]. Além de a prefeitura fornecer *"lotes por aforamento em um desses lugares, fornecia igualmente o transporte para a mudança dos bens e de material de construção aproveitável"*. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1930, p.63).

A Vila Concórdia, projetada para ser mais uma das vilas operárias de Belo Horizonte e destinada apenas a casas de moradores e não a fábricas, teve em parte seu projeto frustrado. Como é corrente na moradia dos pobres no Brasil, eles chegam antes da instalação da infra-estrutura. O que os moradores da região da Barroca e do Barro Preto encontraram foi um espaço precário e sem infra-estrutura apropriada para receber essa população, pois a Vila não fora concluída. Como mencionado anteriormente, apenas algumas ruas foram abertas, as outras, especificadas na planta da Vila, eram, segundo os moradores do Concórdia, trilhas com terrenos cobertos de mato.

Ao questionar aos moradores do Concórdia sobre o surgimento do bairro o que se descobre são fragmentos de uma história política e social da cidade de Belo Horizonte, que reportam ao bairro.

Uma moradora assim destaca o motivo da fundação do bairro.

> *O que eu sei sobre o surgimento do bairro é o seguinte: tinha uma favela lá na Barroca. Aquela área da Amazonas. Eles [Prefeitura] estavam querendo construir alguma coisa lá. Mas tinham moradores que moravam lá e para eles fazerem essa renovação na Barroca tinha que tirar o pessoal de lá e alojar em algum lugar. Na pesquisa para onde levaria o pessoal escolheram esta área aqui [bairro Concórdia], mas o pessoal não queria sair de onde eles estavam, Praça Raul Soares, aquela região. Eles já tinham suas casinhas lá, já estavam bem habituados e não estavam querendo mudança. Com muito custo, eles [Prefeitura] conseguiram mostrar o pessoal que aqui era um lugar bom. Foram conversando até que dominaram a conversa, e eles [moradores da Barroca] aceitaram vir para cá. Ficou assim, pelo fato deles concordarem de ficar nesse local, eles [Prefeitura] deram o nome de Vila Concórdia.* (M18, 62 anos, funcionária pública)[10].

Outra moradora, além de destacar a transferência dos moradores da antiga Barroca, cita o que era o espaço do bairro antes de fundarem a vila proletária.

[9] Não foi possível identificar o espaço denominado Morro Alto nesse período.
[10] Entrevista concedida em 23/03/2007. Optamos por identificar os moradores entrevistados pelo código M, com seus respectivos números para diferenciá-los. Ver apêndice A, relação por ordem de códigos dos moradores entrevistados.

> *A maioria dos moradores diz que o bairro surgiu por causa da favela da Barroca. A minha mãe morava na Jacuí, o lugar chamava-se Vila Caiaux. Depois que ela casou que veio para cá [1937]. O patrão da minha mãe que conseguiu esse terreno para o meu pai comprar. Aqui era um pasto da Prefeitura.* (M10, 59 anos, pensionista, grifo meu)[11].

Os lugares que essa moradora enfatiza acima são localidades que hoje corresponde ao espaço do bairro Concórdia. Como bem salientou Romano (1997) ao assegurar que a Vila Caiaux foi o primeiro povoamento onde hoje é o bairro Concórdia e que essa Vila era situada nas imediações do antigo pasto da Prefeitura.

Entretanto, outros moradores apesar de não citarem a transferência da população da antiga Barroca para o bairro Concórdia evocam outros aspectos para esclarecer o surgimento do bairro. Uma moradora explica que *"as terras da Concórdia eram do Cristiano Machado e ele doou para fazer o bairro para os pobres"*. (M5, 61 anos, professora aposentada)[12]. Cristiano Monteiro Machado foi prefeito de Belo Horizonte de 1926 a 1929 e foi na sua gestão que o bairro Concórdia foi fundado, 1928. O que explica atribuir a esse prefeito o ato de doar as terras para fundar o bairro. Outra moradora, ainda explica que o bairro surgiu a partir de doação de terras promovida por um prefeito belorizontino, Otacílio Negrão de Lima. "E*u ouvi falar que um prefeito doou essas terras para os pobres. O prefeito foi o Otacílio Negrão de Lima"*. (M11, 85 anos, costureira aposentada)[13]. Vale ressaltar, que no período da gestão desse prefeito, 1935 a 1938, o bairro Concórdia não era totalmente povoado, isto é, ainda era um dos espaços reservados para alojar a população de baixo poder aquisitivo que morava em áreas consideradas indesejadas pelo poder público municipal ou às pessoas que estavam chegando na cidade de Belo Horizonte.

Um outro morador afirma não saber a história do surgimento do bairro, mas destaca uma das causas do seu povoamento:

> *Como surgiu o bairro? Isso aí eu não sei, não. Tem que ser os moradores mais antigos do que a gente, os primeiros.*
> *A história que mais ou menos sei é: aquele conjunto IAPI, naquela ocasião veio fazer o conjunto e muitos que trabalharam na construção do IAPI vieram morar na Concórdia.* (M4, 61 anos, pai de santo e pintor aposentado)[14].

O Conjunto IAPI, localizado na Avenida Antônio Carlos, bairro São Cristóvão, foi planejado e construído na gestão do prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1940 a 1945.

[11] Entrevista concedida em 19/04/2007.
[12] Entrevista concedida em 01/05/2007.
[13] Entrevista concedida em 23/04/2007.
[14] Entrevista concedida em 15/03/2007.

A vinda desses trabalhadores para o Concórdia justifica-se devido a proximidade do Conjunto ao espaço do bairro, assim como o período de sua construção, pois o Concórdia não era totalmente povoado na década de 1940.

Essas lembranças podem ser interpretadas tendo em vista a perspectiva de Delgado (2006), ao afirmar que História, tempo e memória são processos interligados. Porém, o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, que se nutre de lembranças de família, de histórias escutadas e registradas. Essas memórias da constituição do bairro abarcam, principalmente, processos não vividos, mas que foram absorvidos a partir das lembranças de família e de histórias escutadas. Lembranças e histórias que se referem a um grupo social específico destinado a habitar o bairro, os pobres.

A precariedade do espaço do bairro Concórdia é também evocada pelos moradores[15]:

> *Aqui tudo era jeca. Aqui não tinha rua. Tinha mato, aquelas vassourinhas. Era tudo trilha [...]. Aqui tinha sete bicas [...].*
> *Minha irmã nasceu lá na Barroca. Minha mãe morou num barracão lá. Depois ela veio para cá. Quando meus pais veio para cá [em 1928] tinha poucas pessoas, podia contar no dedo.*
> *Aqui não tinha nada. Depois que começou a ter coisas aqui [...]. Quando eu tinha oito anos [1936], eu lembro: as casas eram de tipo bangalô e de adobe [...]. Até hoje, tem casas, aqui, que é de adobe. A minha casa é de adobe, foi eu que fiz. Eu tirava terra aqui em frente de casa para fazer o adobe. Tinha um barranco aqui. Aqui era tudo barranco [...].*
> *Minha mãe era trabalhadeira. Ela tinha cavalo em casa, tinha cocheiro. Ela comprava carne no matadouro e vendia nos restaurantes lá da cidade. Aqui no bairro, naquela época [década de 1930], passava o gado que ia para o matadouro. A gente ficava na cerca para ver o gado passar. Aqui era uma roça.* (M8, 79 anos, lavadeira pensionista)[16].

Como pode ser constatado na fala dessa moradora, o espaço do bairro nesse período continha características típicas de vilarejos do interior. No entanto, vale ressaltar que o bairro (vila) Concórdia, na década de 1920, não era o único que possuía essas características. A aprovação indiscriminada de vilas sem infra-estrutura urbana era uma prática comum. A Prefeitura em 1935, com objetivo de impedir essa prática, criou um decreto de Nº 54 em que obrigava os loteadores a realizarem obras de urbanização nos novos loteamentos, embora a própria Prefeitura tenha iniciado o processo de aprovação de vilas sem infra-estruturas urbanas adequadas.

[15] A precariedade da Vila Concórdia foi assunto abordado nas páginas do jornal Estado de Minas em 1934 e 1935. “As necessidades dos bairros. A Villa Concórdia flagelada pela falta de água e o excesso de poeira”, Estado de Minas, 31 jul 1934, p.5. “Sem água, luz e calçamento: o triste estado das ruas Guaranesia e Jacuhy”, Estado de Minas, 08 dez 1935, p.8. (Ver Anexo F).
[16] Entrevista concedida em 15/05/2007.

Apesar de ser aprovada pelo poder público sem infra-estrutura adequada, a Vila Concórdia, além de receber os moradores da Barroca e do Barro Preto, recebeu igualmente a população vinda de outros bairros da cidade e do interior do estado de Minas Gerais com a esperança de melhores condições de vida na nova capital mineira. De acordo com as entrevistas realizadas com os moradores, encontrei duas famílias oriundas da antiga região da Barroca, cinco de outros bairros (vilas) da cidade de Belo Horizonte, uma do estado de São Paulo e dezoito vindas de diversas cidades do estado de Minas Gerais. Essas famílias passaram a residir no bairro entre o final da década de 1920 e início dos anos 1950[17].

As famílias transferidas da área da Barroca e do Barro Preto e as vindas de outros lugares receberam os lotes, que variavam entre 300 a 600 metros quadrados, por meio de aforamento. O processo de aforamento era o único meio usado, até 1948, para adquirir lotes no bairro Concórdia[18]. A partir deste período ocorreram concomitantemente o foro e a hasta pública, sendo que a última permaneceu até o fim da década de 1970. Convém destacar, que essa forma de aquisição não garante a propriedade imediata, mas somente a posse do terreno. Muitos moradores do Concórdia ainda não têm a propriedade de seus lotes ou por falta de condições financeiras ou de conhecimento para regularizá-los. Esse aspecto foi citado por vários moradores. Essa realidade, aliada à marca de bairros populares, dificulta a expansão dos estratos de renda média, principalmente, nos espaços que originaram as vilas operárias, como é o caso do bairro Concórdia.

As primeiras casas foram construídas com adobe e a delimitação dos terrenos com cerca de arame farpado ou bambu[19]. Uma moradora destaca o estilo de residência construído no início do povoamento do bairro, bem como os tipos de aposentos dessas moradias:

> *a Prefeitura dava uma planta de um bangalô. Tinha que construir um bangalô ele era feito com adobe. Era tudo igual. Tinha as medidas, isto é, a metragem do terreno e o local que deveria ser construído o bangalô. [...] Dois quartos, uma cozinha, uma sala e um banheiro. Não tinha nem rua aberta. Eram poucas casas, ruas sem abrir [...].*
> *As casas eram todas padronizadas. Era até feio. Tudo igual. Hoje em dia tem poucas casas dessas.* (M5, 61 anos, professora aposentada)[20].

[17] Ver apêndice A, item que contem um breve histórico de como e quando os moradores vieram morar no bairro.
[18] Em 1948 a Vila Concórdia é promovida a bairro.
[19] De acordo com Watanabe e Braga (1960) as casas construídas pela população de baixo poder aquisitivo da cidade de Belo Horizonte, entre 1894 a 1960, utilizavam principalmente dois elementos: telha e adobe. Segundo os autores, a feitura de adobes requer pouco material: barro e fôrmas de tábua, o que motivou o seu grande uso pela população de baixa renda.
[20] Entrevista concedida em 01/05/2007.

Como pode ser observado nessa fala, alguns moradores residem até hoje nessas casas, já outros conseguiram melhorar as condições de suas moradias. Como afirma um morador: *“é*

Foto 1 – Rua Purus, bairro Concórdia.
Fonte: Arquivo pessoal de Luiza Maria da Silva.

Para todos os moradores entrevistados as ruas do Concórdia eram precárias. Alguns enfatizaram como eram as condições de sua rua, outros não só retrataram como era sua rua, como também outras. *"Quando eu vim para cá não tinha nada [1947]. A rua era toda de terra. Tinha até uma escadinha para gente subir para poder chegar em casa"*. (M11, 85 anos, costureira aposentada)[24].

> *Aqui mudou muita coisa. Quando eu era criança [1950] isso aqui era um bairro assim: ruas, tudo buraco. Na Itararé tinha um buraco medonho [...]. A Rua Iguassú, a Itaquera, a Itararé era um buraco tremendo. A última que eles [Prefeitura] mexeram foi a Itararé, mas ficou muitos anos acidentada. Aqui, a nossa rua, Tamboril, era um brejo. Aqui foi aterrado. Hoje são asfaltadas. Os calçamentos nas ruas foram de grande utilidade para a população, os moradores.* (M18, 62 anos, funcionária pública)[25].

[24] Entrevista concedida em 23/04/2007.
[25] Entrevista concedida em 23/03/2007.

O crescimento populacional do bairro é percebido pelos moradores a partir da quantidade de casas que foram sendo construídas com o decorrer dos anos, além de frisarem a existência de poucas residências na década de 1950. *"As casas eram sortidas. Tinha uma casa aqui [Rua Araras], outras na Rua Purus, outras na Tamboril. Era assim, não era igual hoje cheio de casas"*. (M4, 61 anos, pai de santo e pintor aposentado)[26].

> *No princípio [1950] tinha a Igreja Nossa Senhora das Graças. Algumas poucas casinhas, na parte lá de cima, onde é a igreja, na Rua Guanabara. Poucas casas, poucos moradores. No lado de cá, a mesma coisa. No lado de cá tinha uma casa aqui na esquina [Rua Tamboril], duas na Rua Purus, uma tem a mesmas características até hoje. Depois foi crescendo, aparecendo mais pessoas. O bairro*

> *Minha mãe vendia carne para os restaurantes lá da cidade. Ela pegava carne no matadouro [região do atual bairro São Paulo]. Ela tinha os restaurantes certos para ela entregar, lá na cidade. Ela ia a pé. Tinha bonde, mas ela não pegava o bonde não. Um bonde passava na Lagoinha e outro na Rua Jacuí. Toda vida ela gostou de andar a pé.* (M8, 79 anos, lavadeira pensionista)[30].

Além do bonde, outro meio de locomoção muito usado pelos moradores era andar a pé. Ao descreverem o percurso do bairro ao Centro da cidade indo a pé os moradores destacaram as vias utilizadas por eles.

> *Pegava a Jacuí e ia direto para o centro. Depois o pessoal foi começando a conhecer melhor o caminho e ia a pé pelo Colégio Batista [Rua Pitangui] e Antônio Carlos. Ou então, seguindo a Rua Tamboril você sai em cima do Túnel da Lagoinha.* (M18, 62 anos, funcionária pública)[31].

> *Naquele tempo [décadas de 1950 a meados de 1970] não existia a Cristiano Machado e nem o Túnel da Lagoinha[32] [...]. A maioria ia para cidade a pé. Poucos pegavam o bonde. Muitos pegavam a Antônio Carlos, descia a pé para a cidade, ou Colégio Batista, ou ia pela Jacuí para a Floresta. Quase ninguém pegava condução, não. Aqui era uma roça verdadeira. Toda vida foi muito perto do centro, então isso facilitou muito.* (M4, 61 anos, pai de santo e pintor aposentado)[33].

Convém destacar que o hábito de andar a pé pelos moradores que não possuem automóveis ainda permanece, devido á proximidade do bairro com o Centro. Além disso, os moradores justificam que andando a pé chegam mais rápido do que se tiveram que esperar o ônibus.

Atualmente as principais vias de comunicação do bairro Concórdia, (seja de ônibus, de carro ou a pé) com os espaços adjacentes e com o núcleo central são: as Ruas Jacuí e Pitangui e as Avenidas Cristiano Machado e Antônio Carlos, assim como o Túnel da Lagoinha. Essas vias, além de promover o acesso da população do bairro a outros espaços da cidade de Belo Horizonte são corredores de atividades, isto é, contam com comércio e serviço expressivos.

Diferentemente do seu entorno, que contém um comércio diversificado em relação à oferta de produtos e serviços, o interior do bairro Concórdia é formado por comércio e serviços básicos, como padarias, açougues, pequenas mercearias, depósitos de materiais de construção, botecos, salões de beleza, locadoras de filmes, lojas de roupas e calçados. O seu comércio é apenas local.

---

[30] Entrevista concedida em 15/05/2007.
[31] Entrevista concedida em 23/03/2007.
[32] A construção do Túnel da Lagoinha e a abertura da Avenida Cristiano Machado iniciaram em 1950. O Túnel foi concluído na década de 1970 e a Avenida na de 1980. (SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA CAPITAL, 2000, p.5 e 8).
[33] Entrevista concedida em 15/03/2007.

Além de um comércio local o bairro conta com três praças: Praça México (foto 5)[34], Praça Bandeira (foto 6) e Praça Gabriel Passos e um campo de futebol de várzea denominado de Inconfidência (foto 7), lugar este onde são realizados jogos de futebol amador e escolhido pelas crianças para realizarem brincadeiras, como "peladas" e empinar pipas.

As instituições educacionais existentes no Concórdia são: Escola Municipal Hugo Pinheiro Soares; Escola Municipal Renê Giannetti; Escola Estadual Benjamim Guimarães, Escola Estadual Flávio dos Santos e duas creches – Menino de Jesus e Assistência ao Menor Carente, ambas mantidas pela Sociedade São Vicente de Paula em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte. A Escola Municipal Hugo Pinheiro Soares abriga o projeto Escola Aberta – projeto Federal realizado em parceria com o Município – com atividades culturais e esportivas nos fins de semana para a população do bairro. Atualmente, o projeto Escola Aberta no bairro Concórdia possui cinco oficinas: culinária, artesanato, dança, esporte (futsal, basquete e vôlei) e percussão. Os oficineiros, assim denominados pelo projeto, são também moradores do bairro.

O Concórdia também possui um posto policial comunitário, localizado no prédio do Centro Catequético Padre Candinho na Rua Itararé e duas ONGs (Organizações não-governamentais), uma, denominada de MSU – Movimento dos Sem Universidade, oferece curso pré-vestibular para os moradores do bairro e a outra A Dinâmica dos Computadores, oferta cursos na área de informática.

As manifestações culturais e religiosas no bairro são diversificadas. Existem três grupos de Reinado ou Congado, Guarda do Congo São Jorge de Nossa Senhora do Rosário (foto 8), fundada em 1938, Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário (foto 9), fundada em 1944 e Guarda de Congo de São Bartolomeu do Reino de Nossa Senhora do Rosário (foto 10), fundada em 2000[35]; duas Igrejas católicas, uma delas situada na Vila Tiradentes, várias igrejas evangélicas, quatro terreiros de Umbanda e três de Candomblé. Uma escola de samba, Grêmio Recreativo Escola de Samba Inconfidência Mineira, fundada em 1951, vários times de futebol amador, apresentação do Boi da Manta no mês de maio, mais conhecido pela população local como Boi ou Bumba-Meu-Boi, um grupo de capoeira, denominado de Luanda Capoeira, um grupo de percussão, Los Zumbi (foto 11), festas juninas

[34] Ver Apêndice C.

[35] Os grupos de Reinado ou Congado são remanescentes das irmandades leigas de Nossa Senhora do Rosário, que na Capitania de Minas floresceram no século XVIII. As irmandades "*funcionaram como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social"* (BOSCHI, 1986, p.14). Atualmente, os grupos de Reinado mantêm devoção a Nossa Senhora do Rosário ao realizarem e participarem das festas do Rosário de Nossa Senhora, assim como a outros santos de devoção, São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, Nossa Senhora das Mercês, São Lázaro, entre outros.

no mês de junho e julho, barraquinhas no decorrer do ano (as barraquinhas são parecidas com feiras, onde se vendem pratos de comidas, tira gostos e bebidas), comemoração no dia das mães pelas ruas do bairro e do natal, festa realizada em dezembro no campo de futebol Inconfidência.

O bairro Concórdia, como já citado, abriga uma favela denominada de Vila Tiradentes. Segundo a Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte – URBEL (1994), o surgimento da Vila Tiradentes está relacionado com o aumento do número dos familiares e/ou a vinda dos parentes do interior com interesse em fixar-se em Belo Horizonte, estes foram orientados pelas famílias moradoras do bairro, a ocuparem uma área do bairro que não havia sido urbanizada. Essa área, de acordo com a planta do bairro de 1927, era um espaço verde e pertencia à Prefeitura de Belo Horizonte. O início do processo de ocupação da Vila dá-se concomitantemente com o do bairro. Porém, o adensamento da Tiradentes deu-se principalmente a partir de 1955. Os motivos atribuídos ao crescimento da Vila a partir desse período são: migração das cidades do interior de Minas Gerais, com um contingente maior vindo de Governador Valadares, Teófilo Otoni e Vale do Jequitinhonha; impossibilidade de pagamento de aluguel de outras famílias já residentes em outros espaços da cidade de Belo Horizonte e a proximidade ao Centro da cidade, o que facilita o trânsito até mesmo a pé, daqueles que ali trabalham.

Em 1989 a Prefeitura reconheceu oficialmente a Vila Tiradentes pelo Decreto nº 6.345, de 28 de setembro do mesmo ano e a regularizou, doando aos moradores o título de propriedade.

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte, produzido pela Fundação João Pinheiro em 2006, a favela Tiradentes ocupa uma área de 42.700 m², com 313 domicílios e uma população de 1.290 habitantes. Comparando-se os dados de 1991 e 2000, como mostra a tabela 1, observa-se uma queda de 8,44% na população e um aumento de 2 domicílios.

TABELA 1
População residente e número de domicílios – Vila Tiradentes

VARIÁVEIS	1991	2000	TAXA DE CRESCIMENTO
População Total	1.409	1.290	(-) 8,44%
Número de Domicílios	311	313	(+) 0,64%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006

A Vila Tiradentes é dividida pelos seus moradores entre *"Campo de Cima"* e *"Campo de Baixo"*. *"O Campo de Cima"*, mais antigo, situa-se entre as ruas Padre Candinho e Jundiaí. O *"Campo de Baixo"*, com ocupação posterior, situa-se entre as ruas Padre Candinho e Jaguaribe. Essa divisão estabelece uma distinção entre os moradores que vieram primeiro e os que vieram depois, estes últimos vistos pelos primeiros como invasores e culpados pelo crescimento da favela e pela extinção de um dos campos de futebol, denominado Concórdia. Os moradores da área apelidada de *"Campo de baixo"* instalaram-se no campo de futebol Concórdia, iniciando a ocupação pelas beiradas até dominar completamente todo o espaço, diminuindo a área de lazer do bairro, pois, neste período o bairro Concórdia possuía dois campos de futebol, o Inconfidência e o Concórdia. Isso ocorreu entre 1970 e 1975. Essa invasão do campo de futebol Concórdia é reconhecida tanto pelos moradores da Vila Tiradentes como pelos moradores do bairro. Conversando com um morador o questionei sobre a possibilidade de invasão também do campo de futebol Inconfidência, já que o mesmo está situado ao lado da Vila. O morador foi categórico ao afirmar que *"hoje se alguém tentar construir qualquer barraco no campo os próprios moradores do bairro derruba ele. Hoje a gente não permite isso, naquela época, eu não sei porque, permitiram, hoje não."* (M2, 23 anos. Promotor de vendas)[36].

Atualmente, as possibilidades da expansão territorial da Vila Tiradentes são remotas, pois a mesma é cercada pelo campo de futebol Inconfidência e por duas escolas municipais, além de ser limitada por ruas com fluxo considerável de veículos. No entanto, a pesquisa de campo possibilitou constatar o fenômeno do crescimento vertical da Vila Tiradentes com casas de dois ou mais pavimentos.

Como foi mostrado, o surgimento do bairro Concórdia está diretamente relacionado com a política de remoção da população de baixa renda da Zona Urbana. Além disso, o bairro Concórdia abrigou igualmente uma parte da população recém chegada na cidade de Belo Horizonte, após a década de 1920. Embora a Vila (bairro) Concórdia fosse a única reconhecida pelo poder municipal, até o início da década de 1930, a Área Suburbana já contava com várias outras Vilas. Dentre elas destacamos Vila Minas Gerais (atual bairro Carlos Prates), Vila Nova Suíssa (atual bairro Nova Suíça), Vila Esplanada (atual bairro Esplanada), Vila Independência (atual bairro Pompéia), Vila Santo André (atual bairro Santo André), entre outras. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1926, p.112-113).

[36] Entrevista concedida em 07/05/2007.

2.1- O Bairro Concórdia: Limites Oficiais e Subjetivos

Atualmente o bairro Concórdia pertence, administrativamente, à Regional Nordeste de Belo Horizonte[37] (Anexo C). Os seus limites, de acordo com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, são estabelecidos pelas Ruas Jacuí, Pitangui, Paru, Madeira, Javari e a Avenida Cristiano Machado. Seus vizinhos são os bairros Lagoinha, Colégio Batista, Floresta, São Cristóvão, Cachoeirinha, Renascença, Nova Floresta e Da Graça.

Apesar do bairro Concórdia possuir limites oficiais precisos para demarcar a dimensão do seu espaço físico esses limites são apenas parcialmente absorvidos pela população local. Para os seus moradores, os limites pela Rua Jacuí e a Avenida Cristiano Machado são aceitos plenamente. A Rua Jacuí e a Avenida Cristiano Machado são vias que estabelecem limites entre vários bairros da região. Esse papel desempenhado por essas vias foi ressaltado por vários moradores. Já a Rua Pitangui não exerce o mesmo poder que a Jacuí e a Cristiano Machado desempenham. Para alguns moradores o bairro termina nessa rua e para outros é na Avenida Antônio Carlos. Já nas Ruas Paru, Madeira e Javari a fluidez é proeminente.

Em relação aos bairros vizinhos os moradores citam aqueles que são localizados próximos de sua residência. Quem mora na Rua Purus considera como vizinhos do Concórdia os bairros Cachoeirinha, São Cristóvão, Lagoinha. Como destaca uma moradora da Rua Purus: *"Cachoeirinha, São Cristóvão e Lagoinha, nós estamos no meio desses bairros"*. (M6, 60 anos, tecelã aposentada)[38]. Para quem mora na Rua Tamboril entre Rua Itaquera e Jaguaribe, vizinho é o bairro Renascença. Quem reside após a Praça México, da esquerda para a direita, os bairros vizinhos são Da Graça, Nova Floresta e Floresta. Poucos moradores citaram a totalidade dos bairros que fazem fronteira com o Concórdia.

Como vimos, os limites e as referências dos bairros vizinhos produzidos subjetivamente pelos moradores são geralmente apoiados nos limites precisos construídos pela administração municipal. Além disso, esses limites subjetivos variam um pouco de pessoa para pessoa o que denota, de acordo com Souza (1989), existir um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico razoavelmente expressivo do que seja o espaço físico do bairro Concórdia para seus moradores.

---

[37] A cidade de Belo Horizonte é divida administrativamente por nove Regionais, sendo elas Venda Nova, Norte, Nordeste, Pampulha, Noroeste, Leste, Oeste, Centro - Sul e Barreiro.
[38] Entrevista concedida em 04/04/2007.

Enfim, a percepção dos moradores sobre os limites do Concórdia é permeada por uma combinação que envolve a configuração espacial determinada pelo poder municipal a qual é aceita parcialmente pela população local e uma subjetividade apoiada nos deslocamentos, na localização da residência e também a partir de marcos referenciais que foram passados de geração a geração produzindo uma herança simbólica sobre o que é interior ou exterior ao bairro.

Verificou-se também que a população do Concórdia o concebe constituído por dois espaços bem delimitados e distintos, *"Parte de Cima"* e *"Parte de Baixo"* (ANEXO D)[39]. A *"Parte de Cima"* é vista como nobre e a *"Parte de Baixo"* como precária e pobre. A *"Parte de Cima"* inicia-se na Praça México até a Rua Jacuí, ou seja, Rua Guanabara da esquerda para a direita até a Rua Jacuí. A *"Parte de Baixo"* inicia-se na Rua Tamboril da direita para a esquerda. Essa divisão busca estabelecer uma distinção social dos espaços do bairro. Os elementos destacados pelos moradores para sustentá-la são a arquitetura das casas, o nível socioeconômico dos moradores, a história da aquisição dos lotes no bairro e os estilos de vida diferenciados. Esse aspecto será discutido no segundo capítulo.

Além dessa divisão construída pelos moradores do Concórdia o espaço do bairro é também dividido pelo poder municipal. De acordo com

A área ZEIS é o espaço que abriga a favela Vila Tiradentes. É delimitada pelas ruas Jundiaí, Tamboril, Tapira, Jaguaribe e Purus. A ZEIS é uma região em que há interesse público em ordenar a ocupação, por meio de urbanização e regularização fundiária, ou em implantar ou complementar programas habitacionais de interesse social, e que se sujeitam a critérios especiais de parcelamento, ocupação e uso do solo, subdividindo-se nas categorias ZEIS-1, ZEIS-2 e ZEIS-3. A Vila Tiradentes corresponde à categoria ZEIS-1/3, sendo uma região ocupada desordenadamente por população de baixa renda, nas quais existe interesse público em promover programas habitacionais de urbanização e regularização fundiária, urbanística e jurídica, visando promover a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes e sua integração à malha urbana. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1996, p.65).

Há uma relação próxima entre essas zonas definidas pela Prefeitura e a percepção dos moradores. A região denominada pela população local de *"Parte de Baixo"* corresponde aproximadamente à zona ZAR. Segundo os moradores essa região possuía várias nascentes de águas e córregos e é também toda manilhada, além disso, a urbanização dessa parte deu-se posteriormente à região denominada de *"Parte de Cima"*, que corresponde aproximadamente à zona ZAP. A urbanização refere-se à canalização das nascentes de água e dos córregos e a pavimentação das ruas que eram bem acidentadas. Ainda segundo os moradores, a *"Parte de Baixo"* teve vários terrenos ocupados por meio de invasão, uma vez que quem possuía condições financeiras para comprar um terreno não escolhia essa parte do bairro por ser bem precária. Aliado a esse aspecto essa região do bairro passou a ser mais ocupada a partir do final da década de 1970 devido ao início da sua urbanização. Além disso, a zona ZAR está situada próxima à favela Tiradentes (zona ZEIS) que foi ocupada essencialmente por meio de invasão.

Outro aspecto relacionado ao bairro Concórdia é a sua localização no espaço metropolitano belorizontino, mais especificamente na Área Pericentral da cidade. A Área Pericentral é uma denominação cunhada pela PLAMBEL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana – com o intuito de diferenciar os espaços da RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte. Os espaços da RMBH foram classificados em oito macro-unidades espaciais, sendo elas: Núcleo Central, Área Pericentral, Pampulha, Eixo Industrial, Periferias, Franja, Área de Expansão Metropolitana e Área de Comprometimento Mínimo com a Metropolização (PLAMBEL, 1985, p.33).

A Área Pericentral na qual localiza-se o Concórdia, é caracterizada por ser um espaço de posição intermediária entre o Centro e as outras áreas do Aglomerado Metropolitano. Sua

importância decorre de ser passagem obrigatória do trânsito entre o restante do Aglomerado e o Centro, o que viabilizou a formação de diversos corredores de atividades que a atravessam, constituindo um conjunto de pólos articulados com o Centro Metropolitano.

A Área Pericentral é uma das áreas de ocupação mais antiga de Belo Horizonte. Originalmente foi o local de moradia dos segmentos da população excluídos da área urbana (Núcleo Central) por ação deliberada do governo através da política de vilas proletárias implantadas na área suburbana. Com o crescimento da cidade, a Área Pericentral se requalificou e consolidou, adensando-se e perdendo suas características iniciais de periferia urbana. (PLAMBEL, 1985, p.52).

Apesar do Concórdia ser bem localizado na malha urbana de Belo Horizonte, o bairro não sofreu, nas últimas décadas do século passado, mudanças significativas em relação ao padrão socioeconômico de seus moradores, assim como no padrão das moradias. Trata-se de um bairro que abriga uma população que remonta a sua origem, isto é, grande parte de seus moradores é constituída pelos filhos e netos da população que começou a povoar este espaço. Além dessas características, o Concórdia não acompanhou o processo de verticalização sofrido pelos espaços circunvizinhos a ele. Na pesquisa de campo, notamos a verticalização presente somente no limite do bairro, próxima a Rua Pitangui, entre os bairros Floresta e Colégio Batista.

As análises dos dados do Setor Censitário do Censo de 2000 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – nos possibilitou aferir as seguintes características do Concórdia. É um bairro com 12.774 habitantes e 3.775 domicílios. Destes, 98,5% (3.722) são domicílios particulares e 1,5% (53) são coletivos. Os domicílios particulares subdividem-se em permanentes, 99,89% (3.718) e improvisados 0,11% (4). Dos 3.718 domicílios particulares permanentes, 88,38% (3.286) são casas, 9,22% (343) são apartamentos e 2,40% (89) são do tipo cômodo. No bairro, portanto, sobressai o tipo de residência horizontal, com pouca presença de domicílios improvisados, assim como apartamentos e cômodos.

Ao compararmos os dados do Setor Censitário de 1991 e 2000, verificamos que o crescimento do bairro em relação ao número total de domicílios foi irrisório. Em 1991, o bairro possuía 3.769 domicílios e em 2000 foi para 3.775 domicílios. Entretanto, esse crescimento não se refere aos domicílios particulares permanentes, já que esses tiveram uma queda de 0,40% durante esse período, tendo 3.733 domicílios particulares permanentes em 1991 e 3.718 em 2000.

O rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios mostra que abriga uma população majoritariamente de baixa renda. Quando se compara às décadas de 90 e 2000

observa-se uma pequena melhora na renda, que não deve ser vista como uma especificidade do bairro, mas expressão de uma tendência nacional. Em 1991, os chefes dos domicílios permanentes com renda inferior a 5 salários mínimos correspondiam a 68,33% do total, e em 2000 observa-se uma queda nesse grupo que passa a corresponder a 62,23%. Os domicílios com renda maior que 10 salários mínimos em 1991 correspondiam a 11,61% e em 2000 a 15,94%. Já os domicílios sem rendimento em 1991 correspondiam a 2,30% do total de moradias e em 2000 chegam a 7,23%. Aqui já se observa um dado negativo em relação à distribuição da renda, pois apesar de corresponder a uma parcela pequena da população, os domicílios sem rendimento mais que triplicam.

.

3- O BAIRRO COMO ESPAÇO SOCIAL E DE PRIVATIZAÇÃO

O que vem a ser um bairro? O IBGE o definiu como uma *"subdivisão intra-urbana legalmente estabelecida através de leis ordinárias das Câmaras Municipais e sancionada pelo Prefeito"* (IBGE, 2002, p.6). No entanto, essa conceituação não consegue abarcar o espaço social que é o bairro ao considerarmos que o mesmo não é somente algo dado com limites identificáveis no mapa de alguma cidade. O bairro é igualmente construído a partir de vivências, de relações e de referências cotidianas locais. São esses elementos que definem a vida de cada bairro, pois, cada um, como bem assegurou Cordeiro (2001), possui identidade própria, já que tem nome, história, memórias e sociabilidades partilhadas. Configurando, portanto, como espaço social construído tanto pela população local como pelos processos e dinâmicas históricas sociais da vida citadina.

Em *"Efeitos de Lugar"*, Bourdieu (1999) afirma que o espaço social é o espaço físico apropriado. Ou seja, o espaço social é a requalificação do espaço físico por meio de oposições sociais objetivadas, parte alta/parte baixa, parte nobre/parte indígna, periférica/central etc. Essas oposições sociais objetivadas no espaço físico *"tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estrutura mentais (chique/ não chique etc.)"*. (BOURDIEU, 1999, p.162).

Assim sendo, os bairros de uma cidade são espaços sociais que representam a forma na qual agentes sociais visualizam e dividem o espaço citadino. No caso da cidade de Belo Horizonte temos uma proliferação de oposições sociais objetivadas, bairros boêmios, nobres, pobres, violentos, centrais, periféricos, entre outras. O bairro, conseqüentemente, significa e precisa a localização de um determinado agente social em uma dada cidade, e ao mesmo tempo hierarquiza a sua posição social. Diante disso, o bairro enquanto espaço social é capaz de reforçar distinções sociais.

O bairro Concórdia como espaço social é percebido pelos seus moradores como um bairro pobre e com características de periferia, apesar de estar localizado próximo ao centro. Pobre por abrigar uma população majoritária de baixa renda. Periferia por possuir um número expressivo de casas sem acabamentos ou casebres, por não ter um comércio favorável e diversificado como o existente nos bairros vizinhos, assim como por não ter uma ambiência semelhante a esses bairros: casas bem acabadas; números expressivos de prédios com mais de quatro andares.

Essa concepção é traduzida da seguinte forma por alguns moradores ao serem questionados se há diferença entre bairro Concórdia e outros bairros de Belo Horizonte. *"No lugar que a gente está sim, pois a gente está muito próximo ao centro, e em volta de bairros com melhores infra-estruturas, melhores de modo geral. Em relação a esses bairros há diferenças. Mas se a gente for olhar para a periferia é igual aqui"*. (M26, 39 anos, pastor)[40].

Por esses depoimentos, e por outros que se seguirão, é possível perceber que a noção de periferia se desvinculou de seu sentido original de espaços precários e distantes das áreas centrais[41] para adquirir uma conotação sociológica mais geral de falta e de inferioridade em relação a outros espaços: o Concórdia não tem o que os outros bairros têm, principalmente os vizinhos, com os quais a comparação é mais freqüente. Há também um sentido de falta de prestígio que se refere não apenas ao espaço do bairro, mas também aos seus moradores. A moradora abaixo se identifica como uma pessoa que freqüenta bairros melhores do que o Concórdia onde ela mora. Interessante também observar na sua fala sobre esses outros bairros, a concepção de ruas arrumadas, tanto fisicamente, quanto pela ausência de pessoas.

> *Vejo diferença sim. Os bairros que eu freqüento parece que as pessoas têm condições melhores [Sagrada Família, Da Graça, Renascença]. O Concórdia é mais pobre em relação a esses bairros. Comparando com os bairros mais próximos ele é mais carente [...]. Esses bairros que te falei parece que as pessoas não saem, só ficam dentro de casa. Suas casinhas bonitinhas, as ruas arrumadinhas, dá essa impressão.* (M33, 28 anos, broxurista)[42].

Para Lefebvre (1975) o bairro não existe enquanto uma unidade isolada e autônoma ele depende completamente de outras estruturas mais vastas: municipalidades, poder político, instituições. Posto isso, sua existência está vinculada ao processo histórico e social de uma dada cidade. Esse aspecto pode ser observado no esboço histórico, descrito anteriormente, sobre surgimento do Concórdia.

Embora o bairro possa ser apreendido, no contexto da cidade, como espaço social que demarca oposições e distinções sociais na vida citadina, esse mesmo espaço pode ser compreendido também como um lugar da vida cotidiana. Ou seja, podemos igualmente defini-lo como local de vivência, de praticas cotidianas e culturais. Como afirma Gonçalves (1988), o bairro define-se através do vivido e do agir social, consolidando-se a partir de sua história.

40

Outro aspecto relacionado ao bairro é sua oposição ao centro. Primeiramente, para que haja um centro é necessária à existência de bairros, sendo o centro, segundo Gonçalves (1988), mais valorizado quanto mais aberto se apresentar a todos os tipos de populações, de utilizações e de apropriações simbólicas. Os bairros, ao contrário, são mais valorizados quanto à intensidade da significação e quanto à qualidade de utilização e de apropriações simbólicas, sempre que sejam especificadas quer por um determinado tipo de população, quer por uma função particular, quer ainda pela conjunção de ambas.

Além dessas características, podemos também considerar o bairro como uma ambiência social que expressa uma relação dialética entre espaço privado e público, pois a sua porção de espaço público se insinua pouco a pouco como um espaço particularizado pelo fato dos seus usos e práticas cotidianas. Dessa forma, *"o bairro é um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo de privatização do espaço público."*[43] (MAYOL, 2003, p.45). A privatização, segundo Mayol (2003), ocorre a partir do conhecimento dos lugares desse espaço, dos trajetos cotidianos, das relações de vizinhança e das relações com os comerciantes. Esses atos, praticados no dia-a-dia do bairro, propiciam reconhecê-lo e reconhecer os seus usuários e moradores.

A possibilidade da privatização do bairro, entendida aqui como sua apropriação e familiarização cotidiana, reside na capacidade que o morador tem de conquistar dia-a-dia seu lugar de moradia, seja através das relações constituídas nesse espaço, das práticas cotidianas simples e do tempo de residência no bairro, pois a privatização necessita de tempo, tempo para conhecer, tempo para ser reconhecido.

As narrativas de alguns moradores do Concórdia são contundentes e nos fornece alguns elementos presentes no processo da transformação dos espaços públicos do bairro em espaços privados. Apesar de visto aparentemente como públicos, são concebidos e apropriados como espaços privados, de familiaridade.

> *Eu adoro morar aqui. Eu não sei te explicar direito. Não tem explicação. Eu me sinto bem aqui.*
> *Se eu sair na rua todo mundo me conhece. Se eu precisar comprar qualquer coisa aqui eu não preciso ter dinheiro. Oh moço, estou precisando comprar isso e isso. Tem condições de você me servir? Tal dia eu te dou o dinheiro. É questão de crédito. Não é que em outro lugar eu não vou ter isso, mas até eu conquistar isso tudo.* (M19, 35 anos, vigilante, grifo meu)[44].

[43] O sentido de privatização aqui utilizado difere da apropriação privada e de fechamento de determinados espaços públicos como ocorre nos condomínios fechados.
[44] Entrevista concedida em 28/05/2007.

O morador inicia sua fala afirmando não saber explicar porque adora morar no bairro. Entretanto, busca exemplificar o seu adorar a partir de acontecimentos cotidianos como o conhecimento pessoal e a conquista do crédito (que envolve tempo) na relação com o comerciante.

Outros moradores também destacam o conhecimento pessoal e as amizades: "g*osto muito daqui. Nós fomos criados todo mundo aqui, tem um círculo de amizades que considera, que respeita muito. Que conviveu, que cresceu com a gente. Eu conheço bem dizer todo mundo. Quem eu não conheço me conhece"*. (M16, 42 anos, cabeleireiro)[45]; "e*u amo o bairro pela hospitalidade de todos. Nasci e cresci aqui. Conheço as pessoas do bairro [...]. Quando eu saio de casa e estou chateado, vem uma pessoa te cumprimenta: Bom dia! Cumprimenta com satisfação.* (M14, 29 anos, auxiliar administrativo)[46].

São falas que valorizam a familiaridade, a hospitalidade, a convivência e a possibilidade de conhecer *"todo mundo do bairro"* ou *"bem dizer todo mundo"* negando, portanto, a existência do anonimato. Mesmo não conhecendo um morador específico conhece-se o seu irmão, ou seu pai e ou sua mãe e isso já constitui uma referência de quem é esse morador.

Além desses aspectos verificamos que há igualmente uma identificação pessoal das residências, isto é, se você pergunta onde fulano de tal mora os moradores sabem indicar a residência. Nos estabelecimentos comerciais ocorre o mesmo, eles são identificados pelos nomes de seus proprietários: a lojinha da Silvana; o bar do Rodrigão[47]; o bar do "Mixirica" ou da Mary, neste caso o proprietário é o "Mixirica", mas quem sempre está no bar trabalhando é a Mary, sua irmã e assim por diante.

A privatização do bairro Concórdia efetua-se, portanto, a partir do conhecimento pessoal das residências e dos estabelecimentos comerciais, da convivência prolongada e do contato diário, que permite romper com o anonimato e conquistar a familiaridade.

O bairro por ser um espaço social está sujeito a um conjunto de representações que são constituídas a partir de sua história (origem), da vivência prolongada, das relações sociais, entre outros aspectos. Uma vez que

> *as representações não se geram, não se mantêm nem se transformam por si próprias, num qualquer universo simbólico desenraizado e autoconstitutinte, mas são socialmente produzidas, divulgadas, transmitidas, modificadas, aniquiladas,*

[45] Entrevista concedida em 03/05/2007.
[46] Entrevista concedida em 15/05/2007.
[47] Este estabelecimento está localizado em frente a uma praça denominada oficialmente de Gabriel Passos. Entretanto, os moradores do bairro a reconhecem como praça do Rodrigão.

> *reconstruídas, utilizadas e accionadas – tudo isso por agentes sociais, no quadro de relações sociais, no desenrolar de processos sociais e com variados efeitos sociais.* (COSTA, 1999, p.501).

Nesse sentido, cabe-nos aqui apontar e analisar o conjunto de representações associadas ao bairro Concórdia pelos seus moradores, ou seja, como uma coletividade percebe e sente o seu bairro.

3.1- Representações Locais do Concórdia

As representações associadas ao bairro Concórdia pelos seus moradores são diversificadas. Esta diversidade, geralmente se deve as distintas inserções do morador nas relações sociais presentes no bairro. Estas são perpassadas pelo seu perfil socioeconômico, credo religioso, nível de escolaridade, ambições pessoais, tempo de moradia e a localização de sua residência no bairro, quanto mais situado nos limites com os outros bairros vizinhos menos os moradores se envolvem com a vida do Concórdia. Esse último aspecto foi ressaltado nestes termos: *"eu não tenho vínculo aqui. Eu moro na ponta, perto da Jacuí. Então, eu não percebo o bairro"*. (M28, 38 anos, comerciante)[48].

As representações mais consensuais partilhadas pelos moradores são as que se relacionam com a história do bairro: *"bairro antigo"; "bairro de população antiga";* com a sua estratificação social: *"bairro pobre";* com as diferenças de credos religiosos, *"bairro com diversidade religiosa"* e com a sua localização na malha urbana de Belo Horizonte: *"bairro perto do centro"*. Convém destacar que a proximidade do Centro constitui um valor para a população local, pois esse aspecto se traduz em economia de tempo e de dinheiro. Além disso, morar próximo ao Centro tem um valor simbólico positivo para essa população. Os moradores do Concórdia continuam fazendo uso do Centro para compras diversas. As outras centralidades da cidade, como a região do Minas Shopping, que é próxima ao bairro, não foram citadas como lugares para as compras ou outras atividades.

As representações menos consensuais são acionadas de acordo com o envolvimento dos moradores na vida social do bairro. Para os moradores que promovem os eventos no bairro e para os que participam desses eventos, o bairro é representado como sendo *"muito rico de cultura"*, *"alegre"*, *"festivo"*. Esses moradores que destacam a cultura, a alegria e a

[48] Entrevista concedida em 12/09/2007.

festividade do bairro são pessoas que estão envolvidas direta e indiretamente nos eventos do bairro. Esse grupo de moradores é composto de perfis sociais, econômicos e educacionais diferenciados. Já os moradores que têm representações apostas a essas são os evangélicos, os comerciantes e outros moradores com status econômico mais elevado. Esse grupo destacou ter condutas e estilos de vida diferentes dos vivenciados pela maioria dos moradores do bairro. Para esse grupo o Concórdia é representado como *"um bairro que não tem lugar para freqüentar, não tem nada de interessante"* e *"um bairro sem atrativos"*.

Essas percepções podem ser exemplificadas pelas seguintes falas:

> *Eu não vejo nada de importante aqui. Aqui não é um bairro interessante que dá para fazer muita coisa, não. Não têm barzinhos, esses lugares assim para poder sair, igual a Savassi. Aqui é mais buteco. Não tem um barzinho legal. Aqui não tem lugar de reunir a galera.* (M21, 21 anos, balconista)[49].

> *Aqui têm mais festas religiosas, principalmente os congados. É uma tradição diferente da nossa. São condutas, estilos de vida diferentes. As festas, em geral, não acho positivo. As festas religiosas eu prefiro não comentar.* (M26, 39 anos, pastor)[50].

Além dessas representações, que retratam a forma nas quais grupos distintos percebem e significam o espaço que habitam a partir de suas ambições pessoais, condutas e estilos de vida diferenciados, o Concórdia ganha outras representações ao ser comparado com os bairros vizinhos. Essa comparação foi ressaltada de forma explícita, principalmente, pelos moradoretvs da sscóa

> *processo. [...] O bairro Concórdia muda, mas muda devagar. O progresso aqui vai de carroça. (M28, 38* anos, comerciante, grifo meu)[52].

Nessas falas percebemos associações da tradição com o atraso, do novo com o progresso e da presença de prédios como sinônimo de desenvolvimento.

Já para os moradores com escolaridade e renda mais baixos o bairro foi retratado como humilde e de gente humilde, no sentido de ser *"um bairro pobre e carente"*. As associações entre os bairros vizinhos não foram mencionadas de forma explícita, mas a concepção de que se trata de um espaço carente, pobre e que abriga uma população de baixa renda não foram omitidas, o que denota existir, para esse grupo, diferenças do Concórdia com outros bairros mais abastados ou mais favorecidos economicamente.

Além das representações e das comparações com os bairros vizinhos percebi, ao longo da pesquisa, que a imagem do bairro para os de fora, segundo os moradores, está geralmente associada à concepção de favela. Essa concepção refere-se prioritariamente a um lugar de pobreza. Essa imagem de favela associada ao bairro pode ser entendida considerando vários aspectos. O primeiro deles relaciona-se à origem do bairro:

> *Um dia eu estava conversando com uma professora, ela mora no bairro Da Graça. Ai ela falou: o Concórdia não vai para frente porque veio dos favelados lá da Barroca. E ficou com a idéia de favela. Ai eu falei que não concordava com isso, porque o pessoal evoluiu.* (M5, 61 anos, professora aposentada)[53].

O segundo deles pauta-se na idéia de que apesar do Concórdia estar próximo do Centro possui características de bairro periférico, sendo neste caso, um espaço habitado por uma população de baixo poder aquisitivo e com uma ambiência diferente dos bairros localizados próximos ao Centro.

A existência de uma favela no bairro, Vila Tiradentes e a proximidade com a favela Pedreira Prado Lopes[54], colaboram para vincular o Concórdia a uma favela. Segundo alguns moradores, *"quando falam Concórdia o pessoal vincula com a Vila Tiradentes. Acham que é um grande aglomerado"*. Outros destacam a associação do Concórdia com a Pedreira.

---

[52] Entrevista concedida em 12/09/2007.
[53] Entrevista concedida em 01/05/2007.
[54] De acordo com Nascimento (2004), a Pedreira Prado Lopes, localizada no bairro São Cristóvão, figura entre as seis favelas mais violentas da capital há pelo menos seis anos. Ainda segundo o autor, levantamentos realizados pelas Policias Civil e Militar de Minas Gerais indicam que a Pedreira Prado Lopes é hoje o principal ponto de tráfico de crack de Belo Horizonte.

> *Tem pessoas que já ouviram falar que a Concórdia fica perto da Pedreira. Tem essa coisa assim. Nunca veio no bairro, não sabe como que é, mas por ser próximo generaliza tudo. Acha que aqui também é assim, violento. Mas, aí você vai explicar, conversando para a pessoa entender que não é. Não estou falando da Pedreira, nada desse tipo, mas é uma coisa que a gente vê.* (M14, 29 anos, auxiliar administrativo)[55].

Há também referências, dos de fora sem mencionar a origem do bairro ou a uma favela específica: *"Eles falam que é um horror. Deus me perdoe da Concórdia, a Concórdia só tem favela. Na Rua Saquarema só tem gente pobre. O comentário é esse"*. (M10, 59 anos, pensionista)[56].

Essas representações são produzidas externamente e segundo os moradores, pela população dos bairros vizinhos. No entanto, essa vinculação do Concórdia com a favela, isto é, com um lugar de pobre, não é somente produzida externamente, é também propagada e resignificada por alguns moradores do bairro. Como destaca este morador:

> *o bairro tem uma história ligada a pobreza, a exclusão. Alguns moradores não sabem da história, mas o vê como um lugar que abriga pobres. As pessoas produzem o discurso de que a Concórdia não vai pra frente. Enquanto outros bairros desenvolvem a Concórdia não.* (M31, 33 anos, historiador)[57].

As frases típicas que alguns moradores remetem ao bairro são *"essa favela"*, *"essa Concórdia não vai pra frente"*, *"a Concórdia não muda"*. Essas imagens simbólicas foram aspectos que apareceram nas entrevistas, mas sempre atribuídos aos outros. Ninguém assumiu ter essa percepção do bairro. No entanto, fica evidente que o bairro carrega um estigma: bairro de pobre, processo de exclusão, sua função de existir – abrigar pobres. Visão que é reproduzida e resignificada socialmente tanto pelos moradores do bairro, como pelos moradores dos bairros vizinhos.

O estigma, tal como concebe Goffman (1988), é um atributo profundamente depreciativo, mas que na realidade é uma linguagem de relações e não de atributos, pois são os discursos de atributos depreciativos que fundamentam o estigma aos indivíduos, aos espaços, às categorias de ocupação, entre outros.

No caso do bairro Concórdia os discursos de atributos depreciativos são extraídos a partir de fragmentos dos processos históricos relacionados com o surgimento desse espaço. Sendo corrente, entre os moradores, a afirmação de que o Concórdia é um bairro que surgiu para abrigar pobres e a permanência desse tipo de morador continuou. Outro discurso que

[55] Entrevista concedida em 15/05/2007.
[56] Entrevista concedida em 19/04/2007.
[57] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.

reforça o estigma é a percepção de que o Concórdia difere dos bairros vizinhos, isto é, não acompanhou o processo de mudança ocorrida nesses espaços. Os moradores destacam que apesar de ser um bairro antigo, ele não mudou proporcionalmente aos bairros mais novos da região. Essa percepção da permanência de alguns aspectos no bairro colabora para afirmarem que é *"um bairro que não vai para frente, que nunca muda"*. O *"ir para frente"* denota uma perspectiva de semelhança de ambiência do Concórdia com os bairros vizinhos, sendo estes verticalizados, com um comércio diversificado e que abriga uma população de poder aquisitivo mais elevado em relação ao Concórdia. Assim, como forma de contraporem ao estigma de bairro pobre e de vizinhança favelada alguns moradores preferem dizer que moram nos bairros Da Graça, Renascença ou Colégio Batista e não no Concórdia.

Apesar do Concórdia carregar uma identidade negativa alguns moradores buscam, na medida do possível, reverter essa identidade. Podemos exemplificar essa afirmação a partir do engajamento de um morador, M31, ao declarar-me que está produzindo um livro, *"Concórdia dos nossos sonhos: um resgate, uma reflexão"* – título provisório –, que segundo ele a intenção com o livro é de

> *trabalhar com as escolas e trabalhar essa visão de bairro de pobre. Eu vou tentar transformar em um aspecto de valorização na busca de auto-estima, de onde nós somos: somos um bairro de operários. Resgatar essa história e fazer disso um instrumento de valorização.* (M31, 33 anos, historiador, grifo meu)[58].

Nessa fala torna-se evidente a tentativa do morador de procurar uma identidade positiva para o bairro. Além disso, ele busca reverter o estigma em algo positivo, lançando mão das manifestações culturais, como pode ser percebido na fala a seguir:

> *eu tenho orgulho de falar que moro no Concórdia, por causa das coisas culturais. Eu não sofro com a visão de pobreza, de morar num bairro perto do Centro de Belo Horizonte, mas que não tem o glamour de uma Floresta, de uma Nova Floresta, do Renascença e tal. Ele [o bairro] é meio jogado no escanteio. Mas eu não sofro com isso não. Eu adoro, eu até reforço que moro aqui.* (M31, 33 anos, historiador, grifo meu)[59].

Esse recurso é também utilizado por outros moradores não sendo algo exclusivo do morador supracitado.

[58] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.
[59] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.

> *Aqui é um bairro humilde, um bairro de gente humilde. Mas aqui a gente diverte muito. Cultura, né? Aqui tem muita cultura. É um bairro que tem, igual tem congado, o boi, a Escola de Samba. Isso é uma cultura*. (M17, 43 anos, do lar)[60].

3.1.1- Divisão subjetiva interna do Concórdia

Outro aspecto relacionado ao processo de estigmatização do bairro é a sua divisão subjetiva interna. O Concórdia é dividido pelos seus moradores em dois espaços diferentes. "*Parte de Cima"* vista como mais nobre e "*Parte de Baixo"* mais precária e pobre. Essa divisão busca estabelecer uma distinção social dos espaços do bairro. Os elementos destacados para sustentá-la são a arquitetura das casas, o nível socioeconômico, a história da aquisição dos lotes no bairro e os estilos de vida diferenciados. Outro elemento que reforça essa representação da *"Parte de Baixo"* é a presença da favela Tiradentes. Lugar geralmente associado pelos moradores com a desordem, com vendas e consumo de drogas ilícitas, de violência, de incivilidade, de ociosidade e como um entrave para o bairro em relação à mudança do seu padrão socioeconômico. Como enfatiza esse morador:

> *Eu acho que a Vila estraga o bairro. Porque as pessoas de fora têm restrições a isso. É uma Vila, uma mini-favela. [...]. Se não fosse essa Vila aqui, o bairro era para ser igual à Cidade Nova, um bairro chique, um bairro bom.* (M27, 20 anos, auxiliar administrativo e estudante universitário)[61].

A história da aquisição dos lotes é um argumento para alguns moradores para explicar às diferenças dos espaços no bairro.

> *A parte que foi aforada é a "Parte de Baixo", Tamboril para baixo. A parte que é a Rua Guanabara, Itamaracá, Urandi, aquele lado ali, não entrou nessa não [Parte de Cima]. No entorno, o perfil é de casas melhores. São lotes que não têm barracão. Na "Parte de Baixo" é bem mais precário. Um lote tem vários barracões. Ali moravam os pais, teve os filhos, os filhos casaram fizeram um puxadinho, os filhos dos filhos estão morando lá também. A "Parte de Baixo" que foi aforada.* (M28, 38 anos, comerciante)[62].

Convém relembrar que o processo de aforamento era o único meio usado, até a década de 1940, para adquirir lotes no bairro. A partir deste período ocorreram concomitantemente o

[60] Entrevista concedida em 08/05/2007.
[61] Entrevista concedida em 08/09/2007.
[62]Entrevista concedida em 12/09/2007.

foro e a hasta pública, sendo que a última permaneceu até o fim da década de 1970. A família desse morador passou a residir no bairro em 1971.

Outro morador contrapõe a visão de que lotes com várias famílias residindo só existem na "Parte de Baixo": *"Uma parte do bairro vista como nobre, [Parte de Cima], tem terrenos que moram dez famílias. Essa parte foi urbanizada primeiro. [...] Em determinados aspectos ela difere. No geral, não"*. (M31, 33 anos, historiador)[63]. Esse morador destaca que o argumento de muitas famílias residindo em um mesmo lote não é um fenômeno exclusivo da *"Parte de Baixo"*. Entretanto, menciona que a *"Parte de Cima"* foi urbanizada primeira tentando apontar diferenças entre as duas partes do bairro.

Outro morador ao estabelecer as diferenças entre a *"Parte de Cima"* e a *"Parte de Baixo"* destaca os estilos das casas e os comportamentos dos moradores:

> *O bairro se divide. A "Parte de Baixo" é totalmente diferente da "Parte de Cima", da pracinha do México. Lá em cima é bem diferente daqui de baixo, da rua da igreja para baixo, Tamboril, é bem diferente.*
> *Não que o pessoal fala: eu não gosto do pessoal lá de baixo.*
> *Em questão social, você vê as diferenças das casas, bem diferentes. [...] Você não vê o pessoal lá de cima colocando som na rua e ouvindo música o dia inteiro. Aqui para baixo acontece mais isso. O pessoal lá em cima parece que trabalha mais, não tem tempo livre.* (M29, 22 anos, estudante universitário)[64].

Uma moradora enfatiza a diferença de estilos entre os moradores desses dois espaços. *"E a Escola de Samba que era lá na Rua Urandi, lá na 'Parte de Cima'. Agora a gente trouxe aqui para baixo [Rua Tamboril]. Aqui que é foco do povo. Lá eles não gostam de batuque. A Escola nasceu lá e eles não gostam que a Escola toca lá"*. (M17, 43 anos, do lar)[65].

Outro morador ressalta as diferenças socioeconômicas:

> *Tem gente que mora lá em cima que não vem aqui em baixo. O pessoal lá de cima tem um pouquinho a mais e se acha melhor [...]. Tem preconceito, preto, favelado [...]. O pessoal fala mal. O pessoal de baixo fala do pessoal de cima e o pessoal de cima fala do de baixo.*
> *Quando eles precisam de serviços lá em cima, eles vêem buscar a mão-de-obra aqui em baixo (pedreiro, servente, pintor). Mas a gente xinga eles também e fica elas por elas. Na verdade, cada um acha que é melhor do que o outro.* (M32, 22 anos, artista plástico)[66].

[63] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.
[64] Entrevista concedida em 13/09/2007.
[65] Entrevista concedida em 08/05/2007.
[66] Entrevista concedida em 14/11/2007.

Essas distinções sociais dos espaços construídas pelos moradores podem ser interpretadas como discursos produzidos para desqualificar ou enaltecer determinadas condições sociais ou comportamentos buscando marcar diferenças. No entanto, no cotidiano do bairro, tanto os moradores da *"Parte de Cima"* como os moradores da *"Parte de Baixo"* transitam e circulam nesses espaços. Além disso, alguns aspectos ressaltados pelos moradores estão presentes tanto na *"Parte de Cima"*, como na *"Parte de Baixo"*.

Em um estudo clássico, *"Os estabelecidos e os outsiders"*, Elias e Scotson (2000) detectaram em uma comunidade da periferia urbana inglesa uma clara divisão em seu interior. De acordo com os autores, os indicadores sociais dessa comunidade revelaram uma relativa homogeneidade. No entanto, não era esta a percepção daqueles que ali moravam. A população de uma das regiões da comunidade se percebia com características humanas superiores e atribuía aos moradores de uma outra região qualidades humanas inferiores, se comparadas com eles. Essa distinção funda-se em um princípio de antiguidade, os antigos e os novos.

Além de compreender a estratificação social e a estrutura social dessa comunidade os autores destacaram que

> *encontrava-se ali, nessa pequena comunidade [...], como que em miniatura, um tema humano universal. Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que os outros grupos interdependentes se pensam a si mesmo (se auto-representam) como humanamente superiores.* (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.19).

Essa estratificação também presente no bairro Concórdia, mas com suas particularidades, sustenta-se a partir de dois termos, "nobre" e "pobre". A parte nobre, termo, como afirmaram Elias e Scotson (2000) que preserva o duplo sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada. No Concórdia a parte nobre é concebida como o lugar que concentra os moradores com alto poder aquisitivo, logo, onde todos trabalham e não têm tempo para permanecer nas ruas e bares, suas casas são bem acabadas e bonitas, os terrenos são ocupados somente pela família nuclear não agregando outros parentes, – fenômeno percebido por alguns moradores como favelização de lotes por concentrar um número expressivo de casas e de pessoas em pequenos espaços. Já a parte pobre, está ligada à desordem, pela subdivisão dos lotes, à sujeira e à ociosidade. As falas dos moradores, citadas acima, buscam qualificar uma parte do bairro e desqualificar a outra. Entre o nobre e o pobre, considerando a concepção da população que reside no bairro, podemos constatar as seguintes oposições: casas melhores em contraposição aos barracões, a ética do trabalho em oposição à ociosidade, o silêncio (ordem) em contraste com o barulho

(desordem), o belo em discordância com o feio, a favelização de lotes em dissonância com os lotes com apenas uma residência.

Esse artifício de distinção social pode ser analisado a partir das concepções de Ribeiro; Cruz e Maberla (2007) sobre estratégia de transferência do estigma verificado em um Conjunto Habitacional popular na cidade do Rio de Janeiro.

Ao estudar um Conjunto Habitacional popular, localizado no bairro Leblon, Rio de Janeiro, território que ocupa a posição mais elevada na hierarquia socioespacial da cidade, Ribeiro; Cruz e Maberla (2007) constataram que entre esses dois espaços (o Conjunto e o bairro) há demarcação social e econômica, assim como de distinção social. Os moradores do Conjunto Habitacional popular são estigmatizados pelos moradores do Leblon como pobres e por ser os moradores do Conjunto oriundos de favelas. A estratégia desses moradores para escapar dos rótulos de inferioridade é estigmatizar outros moradores que residem no Conjunto, principalmente os migrantes do Nordeste. Segundo os autores, esses moradores migrantes são percebidos como diferentes pelos outros moradores do Conjunto principalmente porque não tiveram a mesma trajetória de vida desses últimos.

Esse recurso da estratégia de transferência do estigma é percebido no bairro Concórdia quando comparamos os discursos produzidos para definir a *"Parte de Cima"* e a *"Parte de Baixo"*. Assim sendo, os moradores da *"Parte de Cima"* buscam livrar-se do estigma de pobre ao referir-se a *"Parte de Baixo"* como o local em que concentra a pobreza e a mazela do Concórdia. Entretanto, essa distinção ou a estratégia de transferência do estigma é produzida ou reproduzida a partir de discursos depreciativos não se constatando fronteiras rígidas em relação ao trânsito nos dois espaços.

A estratégia da transferência do estigma torna-se também evidente ao descrever uma situação vivenciada por mim no bairro. Durante a festa junina do bairro, fui apresentada a um morador que é dono de uma barraca de churrasco. Neste dia, ele estava trabalhando na festa e aproveitei para perguntar-lhe onde fica a sua barraca no bairro. Ele respondeu: *"fica na 'Parte de Cima". Aqui na 'Parte de Baixo', (local que estava sendo realizada a quadrilha), é a parte pobre, onde mora a ralé"*. Logo em seguida, o questionei se havia mesmo essa diferença. Um outro morador, que mora na parte de baixo, interpelou afirmando que ele estava brincado e a conversa cessou com risos. Dessa forma, o estigma bairro de pobre é construído e reforçado por um jogo de estratégia de transferência, seja em relação à *"Parte de Cima"* com a de *"Baixo"*, seja por atribuir à população antiga ou a favela Tiradentes a visão de que se trata de um bairro de pobre.

3.1.2- O Concórdia e seus vizinhos

As comparações entre o Concórdia com os bairros vizinhos também foram recorrentes, o que nos levou a indagar se essas diferenças são plausíveis ou não. Para tanto comparamos alguns indicadores sobre o tipo de domicílio e o nível de renda dos bairros Concórdia, Da Graça, Renascença e Nova Floresta. A escolha por esses três bairros foi feita considerando-se as referências dos moradores do Concórdia a esses espaços. As comparações com alguns indicadores sociais é um exercício para ver até que ponto eles encontram apoio na realidade e não uma forma de validar ou não os discursos dos moradores.

Em relação ao processo de verticalização do espaço que abrange esses quatro bairros verificamos, como pode ser constatado na tabela 2 a seguir, que no Concórdia a presença de apartamentos é a menor (9,22%). Nos bairros Da Graça e Nova Floresta sobressaem os apartamentos. Entretanto, a presença de apartamentos no Renascença, embora seja relativamente pequena, excede a existente no Concórdia. Esses dados corroboram as percepções dos moradores do Concórdia ao destacarem que o bairro está em volta de bairros mais verticalizados (fotos 13 e 14). A maior presença de Cômodos no bairro Concórdia é também reveladora da sua maior precariedade habitacional.

TABELA 2
Tipos de domicílios dos bairros Concórdia, Da Graça, Renascença e Nova Floresta

TIPO DE DOMICÍLIO	CONCÓRDIA	DA GRAÇA	RENASCENÇA	NOVA FLORESTA
Casa	3.286 (88,38%)	1011 (44,94%)	2.916 (79,27%)	831 (42,58%)
Apartamento	343 (9,22%)	1.209 (53,73%)	703 (19,10%)	1.097 (56,19%)
Cômodo	89 (2,40%)	30 (1,33%)	60 (1,63%)	24 (1,23%)
Total	**3.718**	**2.250**	**3.679**	**1.952**

Fonte: Censo Demográfico do Brasil, 2000.

Com relação à renda nominal mensal, como pode ser observado na tabela 3, o Concórdia apresenta uma porcentagem superior de domicílios com renda abaixo de 5 salários mínimos, 62,23%. Já o bairro Renascença possui 47,72% de domicílios nessa faixa de renda, o bairro Da Graça 32,70% e o Nova Floresta 29,40% de moradias.

Ao comparar os domicílios com renda superior a 10 salários mínimos verifica-se que o Concórdia possui a menor porcentagem de moradia neste nível de renda, 15,94%, o Renascença 22,43%, o Da Graça 35,54% e o Nova Floresta 39,89%. Além disso, se compararmos cada variável do rendimento nominal do bairro Concórdia com as dos bairros

Da Graça e Nova Floresta observamos que nenhuma delas aproxima-se ou equivale a dos dois bairros. Essas diferenças confirmam a percepção de que existem diferenças socioeconômicas entre o Concórdia e seus vizinhos, embora possamos igualmente detectar que as diferenças entre o Concórdia e o Renascença não são destoantes, como também há presença de moradores de baixo poder aquisitivo residindo tanto no bairro Da Graça e no Nova Floresta o que justifica afirmar que não são bairros que abrigam exclusivamente uma população de alto poder aquisitivo.

TABELA 3
Rendimento nominal mensal dos responsáveis pelos domicílios dos bairros Concórdia, Da Graça, Renascença e Nova Floresta

RENDA	CONCÓRDIA	DA GRAÇA	RENASCENÇA	NOVA FLORESTA
Pessoas responsáveis pelos domicílios com rendimento até ½ salário mínimo	19 (0,51%)	5 (0,22%)	9 (0,24%)	2 (0,10%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de ½ a 1 salário mínimo	531 (14,28%)	119 (5,29%)	311 (8,45%)	89 (4,56%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 1 a 2 salários mínimos	642 (17,26%)	172 (7,64%)	452 (12,29%)	141 (7,22%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 2 a 3 salários mínimos	472 (12,69%)	146 (6,49%)	382 (10,38%)	107 (5,48%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 3 a 5 salários mínimos	650 (17,48%)	294 (13,06%)	602 (16,36%)	235 (12,04%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 5 a 10 salários mínimos	709 (19,07%)	635 (28,22%)	940 (25,55%)	532 (27,25%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 10 a 15 salários mínimos	198 (5,32%)	319 (14,17%)	342 (9,30%)	267 (13,67%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 15 a 20 salários mínimos	126 (3,39%)	208 (9,24%)	244 (6,63%)	208 (10,65%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios com mais de 20 salários mínimos	269 (7,23%)	273 (12,13%)	239 (6,50%)	304 (15,57%)
Pessoas responsáveis pelos domicílios sem rendimento	297 (7,96%)	79 (3,51%)	159 (4,32%)	67 (3,43%)

Fonte: Censo Demográfico do Brasil, 2000

Além dos moradores fazerem comparações do bairro Concórdia com os outros bairros vizinhos buscando explicar o que significa *"ir pra frente"*, eles igualmente fazem o uso de um ditado popular para explicar a estagnação desse espaço: *"tem uma cabeça de burro enterrada aqui"*. Esse ditado exprime a idéia que no lugar em que está enterrada uma cabeça de burro as coisas não caminham, não vão para frente. Entretanto, a propagação dessa idéia por meio do ditado popular não se limita apenas a sua expressão há igualmente uma lenda para justificar a possível presença dessa cabeça no bairro.

> *O Rennê Giannetti [Escola Municipal] era um cemitério indígena [...]. Essa cabeça de burro foi enterrada na época dos indígenas, era um cemitério indígena. Eu não sei se é verdade. Foi no cemitério que a cabeça foi enterrada e por isso que o bairro não vai pra frente [...]. Se for verdade tem que achar essa cabeça, arrancar ela e jogar na água corrente. Não vai mais urubuzar a gente.* (M32, 22 anos, artista plástico)[67].

Outra moradora contesta essa explicação de uma causa externa (a cabeça de burro enterrada) e atribui aos moradores a causa da estagnação do bairro:

> *Eles [moradores] falam que a Concórdia era um cemitério. E aqui foi enterrada uma cabeça de burro. E por isso que aqui ninguém consegue nada. Nada vai pra frente. A gente ouve isso das pessoas mais velhas. Eu acho que o bairro não vai pra frente porque as pessoas não gostam de estudar, de trabalhar.* (M33, 28 anos, broxurista)[68].

Essas narrativas podem ser relacionadas com a concepção de mito fundador proposta por Chauí (2000). Segundo ela, a fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A estagnação do bairro Concórdia, para seus moradores, é originária de um tempo passado imaginário, que resiste e sua narrativa fornece a essa população uma explicação para a realidade a qual eles concebem.

Consideramos, entretanto, que a estagnação do bairro Concórdia ou por ser *"um bairro que não foi pra frente com os seus vizinhos foram"* esteja diretamente relacionada com a permanência das famílias que passaram a residir nesse espaço logo após sua fundação e que a presença da favela Tiradentes também reforça a concepção de que seja um bairro favelado. A permanência dessa população, na região pericentral que se *"converteu em local*

[67] Entrevista concedida em 14/11/2007.
[68] Entrevista concedida em 14/11/2007.

privilegiado de moradia da classe média após a década de 1960[69]*"* (PLAMBEL, 1986, p.29), significa, de um lado, a conquista de famílias de baixa renda de se manter numa área que se elitizou para os padrões da maioria dos moradores do Concórdia, por outro lado, essa mesma população tende a construir socialmente o seu bairro como estigmatizado segundo sua relação com os espaços circunvizinhos.

Devido a proximidade física do Concórdia com bairros onde residem pessoas com nível socioeconômico mais alto nos pareceu apropriado pensá-lo a partir do conceito de *"ganhos do espaço"* de Bourdieu (1999). Ao analisar as lutas pela apropriação do espaço, Bourdieu considerou que o lugar ocupado pelos grupos sociais na cidade permite acesso a várias formas de capital inscritas no território. A apropriação, segundo o autor, resulta em *"ganhos do espaço"*. Os *"ganhos"* podem ser de três tipos *"Ganhos de localização"*, associados ao fato de pessoas estarem situadas perto de agentes e de bens raros e cobiçados (como equipamentos educacionais, culturais ou de saúde), *"Ganhos de posição ou de classe"* como os que são assegurados por um endereço prestigioso, isto é, devido à localização em áreas simbolicamente valorizadas, embora algumas pessoas possam usufruir somente do prestígio que a área proporciona e *"Ganhos de ocupação"* (ou de acumulação) efetivados a partir da posse de um espaço físico (vastos parques, grandes apartamentos etc) podendo ser uma forma de manter a distância ou de excluir toda espécie de intrusão indesejável. Ainda segundo o autor esses *"ganhos do espaço"*, sobretudo apropriando-se (material ou simbolicamente) de bens raros (públicos ou privados) que se encontram distribuídos, dependem do capital que se possui.

No caso dos moradores do bairro Concórdia, vislumbramos uma apropriação parcial do espaço, tendo em vista as categorias de *"ganhos do espaço"*. O *"Ganho de localização"* é relativamente efetivado, pois se refere à proximidade do bairro ao Centro, assim como pela percepção de que o bairro está próximo de recursos públicos e privados diversificados, como comércio, escolas, transporte, entre outros. Como destacam os moradores *"é um bairro com fácil acesso a qualquer região de Belo Horizonte. Porque a gente está situado nas maiores vias públicas da cidade, Cristiano Machado e Antônio Carlos"*. (M2, 23 anos, promotor de vendas)[70]; *"aqui no bairro não tem muitas coisas, mas no entorno do bairro tem. Ele está cercado de outras coisas e isso facilita muito"*. (M26, 39 anos, pastor)[71].

[69] Os principais indutores de modificação da área foi a implantação e ocupação do bairro Cidade Nova na década de 1960, abertura da Avenida Cristiano Machado e a implantação do Minas Shopping e Minas Casa na década de 1990. (PLAMBEL, 1986 e PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1995).
[70] Entrevista concedida em 07/05/2007.
[71] Entrevista concedida em 25/08/2007.

O *"Ganho de posição ou de classe"* não se efetua como o anterior, pois morar no bairro Concórdia não constitui um prestígio se for comparado com os bairros vizinhos. Como salientaram os moradores ao assegurarem que é prática corrente entre alguns moradores do bairro falarem que moram nos bairros Da Graça, Renascença ou Colégio Batista. Ou seja, o endereço não é prestigioso.

Os *"Ganhos de ocupação"* não se aplica ao Concórdia, pois o bairro não tem espaços públicos prestigiados como parques, nem moradias de alto status e valor além de ter em seu interior um espaço ainda mais estigmatizado, como é a favela.

Diante do exposto, as representações do bairro Concórdia pelos seus moradores são diversificadas e imbricadas de elementos históricos, sociais, econômicos e culturais e sua força não está necessariamente ligada à sua veracidade ou não. Como dizem Elias e Scotson (2000)

> *é freqüente as crenças coletivas serem impermeáveis a qualquer dado que as contradiga ou a argumentos que revelem sua falsidade, pelo simples fato de serem compartilhadas por muitas pessoas com quem se mantém um contato estreito. [...] Nesse caso, o sentimento de que a crença é verdadeira pode tornar-se quase inerradicável e persistir com grande intensidade, mesmo que, num nível mais racional, o indivíduos chegue a conclusão de que ela é falsa e venha a rejeitá-la.* (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 127-128).

No entanto, essa diversidade não é necessariamente excludente, ela pode operar como um mecanismo utilizado e reutilizado por diversos agentes sociais. Os moradores, em momentos específicos e dependendo das pessoas com as quais estiver interagindo, poderá acionar uma das representações com o fim de identificá-lo no contexto citadino ou pela simples necessidade de descrever o espaço que habita.

3.2 – O Bairro e a Favela

As visões de alguns moradores do bairro Concórdia sobre a favela Tiradentes são imbricadas de discursos pejorativos acerca desse espaço. Lugar de desordem, de vendas e consumos de drogas ilícitas, de violência, de incivilidade, de ociosidade e assim por diante.

Entretanto, outros moradores buscam a partir de discursos contrários, romper com as visões pejorativas imputadas a esse espaço. "A *favela é mal tratada e subjugada"* (M19, 35

anos, vigilante)[72] e *"se o bairro é mal visto ou não, não é por causa dela. Pessoal simples, sofredor. [...] Lá você tem um tratamento do interior, porque as pessoas lá são do interior. Ali é o retrato atual da origem do bairro Concórdia"*. (M31, 33 anos, historiador)[73]. Ou ainda,

> *a vila é muito carente. Eu conheço bastante lá. É um lugar difícil. Ali, qualquer hora do dia, qualquer dia que a gente for ali a gente vai ver o aglomerado de pessoas, de manhã, de tarde e de noite, uma multidão de pessoas que não tem o que fazer. Então, é um lugar muito carente, onde todos os problemas sociais acontecem. [...] É um lugar, no meu modo de ver, que ninguém deveria viver. É uma forma como ninguém deveria viver. Mas é a precariedade do país.*
> *Uma proximidade muito grande. Muito barulho. É uma vida estressante. Eu falo por que eu vou muito lá. Uma vida estressante.* (M26, 39 anos, pastor)[74].

Já os moradores da Tiradentes acham que o preconceito sobre eles é generalizado entre os moradores do bairro: *"as pessoas do bairro têm preconceito com a favela Tiradentes, sim. Ah, aqueles favelados, eles falam assim. As mulheres da Tiradentes são mal vistas..."*. (M33, 28 anos, broxurista)[75].

Para alguns moradores do bairro a favela não é parte integrante do mesmo, e sim, um espaço dentro de outro espaço. *"A Vila é freqüentada pelos moradores da Vila, e não por outras pessoas [...] A Vila é um espaço fechado. Ali tem regras e leis próprias [...]. É um problema que é sustentado pelos próprios moradores"*. (M28, 38 anos, comerciante)[76]. Além disso, é vista como um entrave para o bairro em relação à mudança do seu padrão socioeconômico, como destacado anteriormente.

Outros ainda ressaltam que a única coisa de ruim que o bairro tem é a favela, mas ponderam afirmando: *"não que eu não gosto das pessoas lá, mas a favela traz sempre algo de ruim. Dizem que para entrar lá tem que pedir licença"*. (M6, 60 anos, tecelã aposentada)[77].

Apesar de a favela Tiradentes ser considerada pelos moradores do Concórdia como espaço distinto do bairro eles mantêm contatos, laços sociais, como amizades e casamentos. O que leva os moradores do bairro a considerarem a favela Tiradentes um outro espaço são sua configuração territorial (os becos e as vielas), a sua representação pejorativa - um morador destaca da seguinte forma a imagem da favela: *"a imagem da favela é igual à imagem do Brasil lá fora. Tudo mundo fala que no Brasil é só violência e mulher pelada. E todo mundo*

[72] Entrevista concedida em 28/05/2007.
[73] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.
[74] Entrevista concedida em 25/08/2007.
[75] Entrevista concedida em 14/11/2007.
[76] Entrevista concedida em 12/09/2007.
[77] Entrevista concedida em 04/04/2007.

acredita. É assim com a favela. Lá só tem violência e bandido". (M29, 22 anos, Estudante Universitário)[78] - e a concepção desses moradores de que lá os problemas sociais estão concentrados, gente sem oportunidade, envolvimento com drogas ilícitas, assassinatos, entre outros. Essa distinção é uma forma de impor fronteira, buscando destacar que são espaços diferentes apesar da proximidade física e relacional.

Entretanto, a população que reside na favela Tiradentes tende valorizá-la, destacando as amizades ali construídas e as relações estabelecidas entre eles. Os moradores entrevistados ressaltaram as ajudas mútuas praticadas entre vizinhos como um aspecto positivo. Mas também destacam os problemas, como a "lei do silêncio" a que estão submetidos e as dificuldades enfrentadas na criação dos filhos:

> *Os meninos aqui da comunidade eu criei eles tudo para as mães trabalhar. [...]*
> ***Pesquisadora:*** *a comunidade para a senhora é a favela toda?*
> *Não, é o pessoal da rua.*
> ***Pesquisadora:*** *o que significa comunidade para a senhora?*
> *As pessoas conversam com a gente, trata a gente bem. A gente vai na casa delas e elas vêm aqui. Tem proximidade. Não tem brigas. A gente não briga com ninguém aqui, a gente não é bobo.*
> *Aqui é a lei do silêncio. A polícia chega perguntando se eu conheço fulano de tal, eu digo que não e que cheguei aqui há duas semanas. [...] Por isso que eu estou aqui até hoje. Tem 40 anos que eu estou enfiada aqui dentro.* (M24, 60 anos, pensionista, grifo meu)[79].

Outros problemas são mencionados principalmente pelas mulheres com filhos e sem maridos:

> *Aqui é bom, mas tem umas pessoas que não dá para conviver. Não tem como, isso é das pessoas e não do lugar [...]*
> *As pessoas batem nos meninos da gente [...]. Aqui para criar os meninos sem marido é muito ruim. Aqui tem menino demais. Um bate no outro. Os mais velhos batem nos meninos pequenos [...]. É muito ruim nessa parte. Para educar os filhos da gente é difícil, principalmente sozinha.* (M20, 27 anos, do lar)[80].

Com relação à violência e a venda e uso de drogas ilícitas elas estão presentes tanto na Vila Tiradentes como no bairro. O que nos chamou atenção foi o poder da lógica territorial da favela sobre o bairro em relação à venda e ao uso de drogas. No caso da Vila Tiradentes é notório que sua lógica territorial no que diz respeito à "lei do silêncio" seja eficaz, pois seus moradores estão em um contexto muito mais difícil de reagir contra essa regra. Entretanto, a

[78] Entrevista concedida em 13/09/2007.
[79] Entrevista concedida em 14/07/2007. Essa moradora perdeu dois filhos e um genro, assassinados na Vila Tiradentes.
[80] Entrevista concedida em 17/07/2007. O marido dessa moradora foi assassinado na Vila Tiradentes.

prática da "lei do silêncio", assim como a violência, originada a partir da venda e uso de drogas, acabam por atingir igualmente o cotidiano dos moradores do bairro, principalmente os moradores que residem próximos a Tiradentes, bem como as instituições também localizadas próximas a favela. Como relata essa moradora do Concórdia:

> *Aqui tem muita droga. Os mais velhos escondem, despistam. Os novos não. Eles fumam em qualquer lugar e na frente dos outros.*
> *Nos eventos que têm aqui eles fumam, eles cheiram. No boi você não viu não, a maresia? [...].*
> *Até no Colégio tem. Dentro do banheiro. Vai a diretora falar. Teve um que falou que ia matar ela. Porque ela chama a atenção. Ai ela deixou pra lá.*
> *Vêm os guardas municipais. Eles também não podem falar nada. Teve um, porteiro, que teve que sair da escola. Vou te matar, vou fazer e acontecer. Deu soco na cara dele. Teve que tirar ele daqui. [...].*
> *Todo mundo finge que não vê. Vai fazer o quê? Às vezes vem polícia perguntando se a gente conhece fulano. A gente fala que nunca viu e tem que falar alto para eles ouvirem que a gente não está dedurando.*
> *Vem polícia direto aqui fingindo que quer comprar. A gente fala que não sabe que aqui não tem isso.* (M17, 43 anos, do lar)[81].

Essa fala reflete a concepção de Burgos (2005) ao afirmar que "*a territorialização da cidade tem funcionado como um importante limitador do pleno uso popular do potencial político inerente aos regimes democráticos"*. (BURGOS, 2005, p. 191). De um lado temos os moradores da favela aprisionados às regras da própria favela, de outro temos os moradores e as pessoas que prestam serviços no bairro, como os servidores públicos mencionados na fala anterior, que acabam sendo também obrigados a comportarem conforme essas regras. Dessa forma, as regras que aparentemente podem ser apreendidas como fenômenos restritos da favela Tiradentes tendem a se manifestar também nos espaços do bairro.

Por fim, as representações e as distinções em relação aos espaços do Concórdia e a Vila Tiradentes são visões que fundamentam a forma na qual esses moradores constroem e resignificam o espaço social. Porém, não são somente as visões que os moradores têm do Concórdia que definem a vida desse bairro. Outros aspectos, como as formas de relacionamentos, principalmente as relações de vizinhança, os usos ou não dos espaços do bairro (público ou privado), seus grupos, suas manifestações locais revelam outras facetas da vida desse bairro. Esses aspectos serão tratados no próximo capítulo.

[81] Entrevista concedida em 08/05/2007.

4- A VIDA SOCIAL DO CONCÓRDIA

> *O espaço social, da mesma forma que agrega e une as pessoas, é fator de distinção, impondo diferenças e qualificando os sujeitos. Entretanto, de forma relacional e interativa, os sujeitos, no seu cotidiano, alteram e manipulam os sentidos e significados dos lugares, criando estruturas afetivas, cognitivas e individuais.* (ARAÚJO, 1997, p. 54).

Essa epígrafe mostra que o espaço social apesar de estabelecer distinções e diferenças é também um cenário com variadas formas de relacionamento e interações. Dentre as formas de interações sociais presentes no bairro Concórdia, priorizamos as relações de vizinhança constituídas pelos seus moradores, bem como alguns espaços e eventos locais que tendem a proporcionar e intensificar as relações entre esses indivíduos, logo também a identificação dessa população com o espaço que habita.

4.1 – Relações de Vizinhança

Ao mencionarmos o termo bairro a primeira idéia que vem à tona é que se trata de um espaço com um conjunto considerável de residências. Geralmente, essas residências estão dispostas lado a lado e frente a frente umas das outras. Essas disposições dos domicílios com os seus residentes denominamos de vizinhança. Logo, cada bairro, independente da disposição das residências, horizontais ou verticais, de seu tempo de existência, se velho ou novo, constitui uma vizinhança. Nosso objetivo, nesse capítulo, é averiguar, portanto, como se estruturam as relações oriundas das vizinhanças do bairro Concórdia, assim como outros desdobramentos dessa relação.

De acordo com Park (1987), a vizinhança é a menor unidade local e existe sem organização formal, ou seja, é espontânea. Ainda segundo o autor a *"proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida citadina"*. (PARK, 1987, 31). Entretanto, essa vizinhança se constitui considerando cada parte da cidade tomada em separada, isto é, o quarteirão, o bairro, a praça, entre outras.

Apesar da vizinhança se constituir em cada parte da cidade Andrade e Mendonça (2007) destacam que o mais corrente nos estudos sobre vizinhança é a averiguação de sua

permanência ou não. Segundo as autoras, essa tradição se deve em grande parte à conceituação da vizinhança como um tipo de interação face-a-face entre pessoas conhecidas, sustentadas por laços de parentesco e amizades. Estruturas essas apreendidas como pouco condizentes com o modo de vida urbano.

A tendência de ver a vizinhança como um tipo de interação em extinção nas grandes cidades encontra respaldo em um dos textos mais importantes sobre o modo de vida metropolitano, *"A metrópole e a vida mental"* de Georg Simmel. Neste texto, Simmel (1987) destacou que a economia do dinheiro e a mentalidade intelectualista fomentaram uma anonimidade, uma alta impessoalidade, um nivelamento e uma uniformização das coisas e das pessoas na vida social da metrópole. No entanto, *"os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e na precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura de mais alta impessoalidade, por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal"*. (SIMMEL, 1987, p. 15, grifo meu).

A subjetividade altamente pessoal, referida por Simmel, é caracterizada pela atitude *blasé* e a reserva. A atitude blasé está intimamente ligada à economia do dinheiro, pois reflete a interiorização da lógica pecuniária nas relações entre os indivíduos, destituindo das pessoas suas essências, seus valores e suas individualidades. Essa desvalorização aliada à impossibilidade de manter contatos com todas as pessoas que vivem nas grandes cidades emana uma atitude que Simmel denominou de reserva.

A reserva permite ao homem metropolitano uma autopreservação em face da grande cidade. Essa autopreservação possibilita ao indivíduo metropolitano realizar escolhas, isto é, escolher as pessoas com as quais criará um vínculo maior e outras com as quais terá relações impessoais. O resultado da reserva foi bem explicitado por Simmel ao apontar que *"freqüentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos. E é esta reserva que aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados"*. (SIMMEL, 1987, p. 17). No entanto, a reserva não pressupõe somente interações distanciadas socialmente ou relações impessoais, fugazes e superficiais, mas ao contrário possibilita ao indivíduo metropolitano *"adaptar-se às exigências da vida moderna, um indivíduo extremamente objetivo, por outro lado permite-lhe buscar uma vida determinada a partir de seu interior"*. (ANDRADE, 2004, p.37).

O duplo aspecto da reserva, atender a uma demanda exterior e ao mesmo tempo uma demanda interior, confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal sem precedentes se comparada com a vida na pequena cidade ou com a vida rural. Mas,

> *[...] a liberdade individual [...] não deve ser entendida apenas no sentido negativo de mera liberdade de mobilidade e eliminação de preconceitos e filistinismo mesquinho. O ponto essencial é que a particularidade e incomparabilidade que, em última análise, todo ser humano possui, sejam de alguma forma expressa na elaboração de um modo de vida.* (SIMMEL, 1987, p.21, grifo meu).

A liberdade individual, segundo Simmel (1987), permite o afrouxamento das tradições, normas e condutas que regem a vida nas pequenas cidades, isto é, contatos pessoais, íntimos, familiaridades o que expressa a ausência do anonimato. Já os indivíduos metropolitanos elaboram um modo de vida mais reservado, mais individualizado e mais impessoal, enfim, o anonimato, que reforça para a idéia da extinção da vizinhança nas grandes cidades.

Entretanto, se pensarmos o modo de vida descrito por Simmel como um tipo ideal, podemos também pensá-lo como mais presente em alguns lugares do que em outros, mais presente nos espaços públicos e centrais das grandes cidades, espaços por natureza mais anônimos, já em alguns bairros, as interações ou as relações de vizinhança se expressam de uma outra forma, mais pessoal e menos anônimas. Além disso, há, nas grandes cidades, relações de vizinhança com conteúdos bastante diferenciados, algumas mais pessoais e outras mais impessoais. Como bem mencionou um morador ao fazer uma comparação do convívio entre os moradores do Concórdia e dos bairros que ele freqüenta:

> *o pessoal do bairro é bem sociáveis. Ajuda bastante em caso de necessidade. Eu conheço os bairros Sagrada Família, Da Graça, Floresta e Buritis e você não vê convívio entre os moradores. Parece que ninguém se conhece. Aqui no bairro é raro você ir à padaria e encontrar alguém que você não conhece. Também não é comum você sair na rua e encontrar alguém que você não conhece. Não há muito diálogo, de você parar e conversar com todo mundo, mas sempre, você passa e cumprimenta todo mundo e conversa com um ou com outro.* (M29, 22 anos, estudante universitário)[82].

Essa comparação é pertinente, pois em bairros distintos podemos encontrar conteúdos de relacionamento também distintos, desde um convívio maior, familiar e face-a-face até relações mais anônimas e impessoais.

Wirth (1987) retomou os estudos de Simmel também para caracterizar o modo de vida urbano. Para ele a urbanização, processo inerente à metrópole, tende a substituir os contatos primários por secundários, a enfraquecer os laços de parentesco, a declinar o significado social da família, a fazer desaparecer as relações de vizinhança e a corroer a base tradicional da solidariedade social. Ainda, segundo Wirth (1987), os grandes números nas cidades, isto é,

[82] Entrevista concedida em 13/19/2007.

quantidade de população e densidade são responsáveis pela variabilidade individual, pela relativa ausência do conhecimento pessoal íntimo, pela segmentação das relações humanas nas quais são em grande parte anônimas, superficiais e transitórias.

Diante desse impasse, ou seja, por um lado à concepção que nas grandes cidades as relações tendem a serem impessoais, transitórias e segmentarias, e por outro, as relações de vizinhança pressupõe auxílio mútuo, proximidade e intimidade, Andrade e Mendonça (2007) propõem tratar a vizinhança como a possibilidade de ação recíproca entre pessoas que residem próximas, ou seja, *"em termos simmelianos a vizinhança é uma forma de interação que pode abrigar diferentes conteúdos, desde os mais próximos e tradicionais, quanto os mais distanciados e mais urbanizados"*. (ANDRADE; MENDONÇA, 2007, p.4). Deste modo, conceber a vizinhança como uma forma implica considerá-la como existente nas grandes cidades, mas com conteúdos variados.

Simmel (1983 e 2006) ao definir a interação social separa, por abstração, dois elementos que na realidade se constituem como uma unidade: forma e conteúdo. As formas são as maneiras pelas quais os indivíduos se agrupam, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns contra os outros. As formas podem ser exemplificadas pelos partidos políticos, a família, os grupos religiosos, a vizinhança, as festas, entre outros. O conteúdo ou matéria da sociação é tudo quanto existe nos indivíduos (portadores concretos e imediatos de toda a realidade histórica) como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos, enfim tudo que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

Um dos objetivos deste capítulo é apreender a natureza dos conteúdos da vizinhança do bairro Concórdia. Para isso, podemos nos apropriar de algumas questões levantadas por Park (1987) ao propor uma investigação para as vizinhanças presentes nas grandes cidades, sendo elas "qual é a história da vizinhança?", "o que existe no subconsciente – nas experiências esquecidas ou fracamente lembradas – dessas vizinhanças que determina seus sentimentos e atitudes?", "o que existe perfeitamente consciente, isto é, quais são seus sentimentos, doutrinas etc... reconhecidos?", "o que é novo?", "qual é o ritual social, isto é, o que se deve fazer, a fim de evitar ser encarado como suspeito ou ser considerado estranho?".

Retomando a história do povoamento do Concórdia, podemos traçar de forma geral a história da vizinhança desse bairro. Inicialmente, prevaleceu uma população de baixa renda, sendo a maioria vinda do interior do estado de Minas Gerais para residir na capital mineira e que posteriormente passou a morar no Concórdia. Segundo os filhos dessa geração, a ajuda

mútua e a solidariedade entre esses vizinhos eram práticas corriqueiras e normais. As ajudas foram descritas da seguinte forma, auxílio em obter água na bica ou para quem tinha cisterna fornecer água para outros que não possuía tal recurso, mutirão para construção de casas ou reparos nas ruas, entre outras.

A concepção de alguns dos moradores de que os vizinhos do bairro são solidários, prestativos, um pelo outro vem dessa convivência inicial do bairro e que é reforçada e praticada pela segunda e pela terceira geração (foto 15). Como destaca uma moradora da segunda geração do bairro.

> *Vizinho é melhor que parente, porque às vezes o parente não quer saber da gente. Porque tem medo da gente dar despesas. [...] Vizinho não. Pelo menos aqui é um pelo outro, sempre foi assim [...]. Aqui toda vida foi assim. Os vizinhos aqui são gente fina, sempre solidários.* (M18, 62 anos, funcionária pública)[83].

Outro morador, da terceira geração, enfatiza essa concepção e prática entre os vizinhos:

> *Os vizinhos são solidários, todo mundo ajuda como pode. Você está mexendo com construção civil, vem um e te ajuda a bater laje. Depois você dá uma força também. É assim, um ajuda o outro.* (M2, 23 anos, promotor de vendas)[84].

O desdobramento da solidariedade, de ser prestativo e da sensação que um é pelo outro gera uma relação de vizinhança íntima e de confiança. Com o intuito de exemplificar um desses conteúdos presentes nas relações de vizinhança descrevemos duas situações que explicitam alguns dos conteúdos, a confiança. Na pesquisa de campo presenciei uma cena que retrata que desconfiar de um vizinho é ofendê-lo. Um morador queria emprestado, de uma vizinha, tábuas para montar um palanque. Ao pedir-lhe as tábuas, a vizinha declarou que no ano passado ela emprestou-lhes as referidas tábuas e ele não as devolveu. Porém, o morador argumentou que as tinha entregue para o seu marido. Ela retrucou, dizendo que não tinha conhecimento da devolução. Essa situação gerou uma pequena discussão entre eles e por fim o morador desabafou: *"eu não acredito que você esteja desconfiando de mim e da minha palavra"*.

Outra situação que retrata a confiança com um dos conteúdos fundamentais das relações de vizinhança é a declaração de morador entrevistado que mencionou que na casa dele vivem sua mãe, seu pai e ele. Todos saem de manhã e deixa com o vizinho a chave da

[83] Entrevista concedida em 23/03/2007.
[84] Entrevista concedida em 07/05/2007.

casa. Quem chega primeiro pega a chave com vizinho. A princípio achei esse fato estranho, afinal por que cada um não tinha uma cópia da chave? Diante do atual custo de uma cópia, esse hábito só se justifica por questões de confiança estabelecida há muitos anos. Esses exemplos mostram que no Concórdia as relações de vizinhança se pautam por sentimentos de proximidade e de confiança.

O tempo e a origem dos moradores antigos são elementos fundamentais dos sentimentos de proximidade e de confiança, o que não ocorre com o morador novo. Para os antigos, o vizinho recente, obviamente, é aquele que tem pouco tempo de residência no bairro, assim como o que não tem uma história de sucessão familiar. Como narra esta moradora *"até hoje, quer dizer sempre ficou a raiz. Morreu parente, ficou filhos, netos. Sempre ficou um resto do tacho na rua. Onde a gente combina muito"*. (M10, 59 anos, pensionista)[85].

Os vizinhos recentes por não possuírem esses atributos são geralmente encarados como metidos, distantes, ou seja, na fala dos moradores "nariz em pé". Como destaca essa moradora ao qualificar os vizinhos antigos e os novos.

> *Os vizinhos, os mais antigos, são mais prestativos. Se a gente precisar, seja a hora que for... É muito bom morar aqui por causa disso. Igual, quando eu estou precisando de alguma palavra amiga a primeira pessoa que procuro é a casa da D. Isabel. Lá eu considero como a extensão da minha casa. Porque de lá eu carreguei água doze anos. Porque aqui em casa não tinha água, nós carregamos água de lá para cá doze anos.*
> ***Pesquisadora**: e os vizinhos recentes, você tem contatos com eles?*
> *Tentar a gente tenta, mas tem uns que são muito nariz em pé. Cumprimenta, mas não é aquela intimidade.* (M3, 34 anos, empregada doméstica)[86].

O reverso da confiança é um maior controle sobre a vida pessoal, como bem salientou um morador, *"o bairro Concórdia preserva uma relação de vizinhança mais próxima. [...]. Tem gente que reclama que é até demais: pô, esse povo toma conta da vida da gente demais"*. (M28, 38 anos, comerciante)[87].

Simmel em *El espacio y la sociedad*, trata das relações de vizinhança nas grandes cidades e destaca que *"com vizinhos muitos próximos, há de haver relação, seja amistosa, seja hostil [...] e a proximidade pode ser a base, tanto da mais sublime felicidade com da mais insuportável violência"* (SIMMEL, 1939, p.235-236, tradução nossa[88]). No caso do bairro Concórdia o último aspecto, a insuportável violência, retrata a recusa da proximidade

[85] Entrevista concedida em 19/04/2007.
[86] Entrevista concedida em 23/04/2007.
[87] Entrevista concedida em 12/09/2007.
[88] Con vecinos muy próximos, ha de haber relación, ya amistosa, ya hostil [...] y la proximidad puede ser la base tanto de la más sublime dicha como de la más insoportable violencia.

por alguns moradores, pois a proximidade representa, neste espaço, o potencial para as constituições de relações íntimas e pessoais, convertendo-se, como supracitado, em um maior controle sobre a vida pessoal.

Embora essas características sejam, para a maioria dos moradores, definidoras das relações de vizinhança no bairro Concórdia, elas não são necessariamente harmoniosas, ao contrário, são muitas vezes fontes de conflitos, como no caso do empréstimo das tábuas narrado acima.

Para Simmel (1983), as causas do conflito são fatores de dissociação: ódio, inveja, desejo, necessidade. Mas o conflito em si é uma forma de interação, uma vez que não pode ser exercido por um indivíduo apenas. Simmel (1983), ao conceber o conflito como uma forma de interação sinaliza para a impossibilidade da existência de uma sociedade e/ou grupo absolutamente harmonioso. A sociedade, assim como o grupo, *"para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis"*. (SIMMEL, 1983, p.124).

Dessa forma, a vida de bairro, bem como as relações de vizinhança não pressupõem uma realidade social sustentada apenas por relações harmoniosas, amigáveis e num todo coeso. A vida de bairro, assim como a vida em outras esferas mais vastas da sociedade comporta conflitos e forças unificadoras. Como afirma Simmel (1983), a estrutura social é produzida a partir da cooperação das relações de conflito com as forças unificadoras. Só as duas juntas constituem o grupo como uma unidade viva e concreta.

Os conflitos oriundos das relações de vizinhança no bairro Concórdia geralmente estão relacionados à diferença socioeconômica, à diferença de credo religioso e pela própria caracterização da vizinhança, proximidade e contato, que proporciona também o diz que disse, o leva e traz, ou seja, a fofoca, e ainda os barulhos causados por músicas. Ainda que a fofoca muitas vezes contribui para a manifestação de conflitos, ela, como bem destacou Mayol (2003), é um elemento absolutamente fundamental da prática cotidiana do bairro: de uma parte, alimenta a motivação das relações de vizinhança como confiança e, de outra, tenta abolir sem cessar a estranheza contida no bairro.

Embora o conflito esteja presente em qualquer grupo e/ou sociedade, Simmel (1983) salienta que há uma relação entre a estrutura da cada grupo social e a medida de hostilidade que pode permitir entre seus membros. Essa equação pode ser verificada nas relações de vizinhança da seguinte forma: os conflitos gerados a partir de fofocas, de barulhos ou de desconfiança de um vizinho para com o outro são geralmente atenuados com o decorrer do

tempo, pois *"quando há uma certa solidariedade entre os membros os danos resultantes de choques hostis podem aqui e ali ser remediados com relativa facilidade"*. (SIMMEL, 1983, p.142). Entretanto, quando o conflito é oriundo das diferenças socioeconômicas e de credo religioso a tendência é de se produzir clivagens internas na vizinhança. Algumas falas ilustram essas clivagens.

> ***Moradora:*** *eu amo a Concórdia.*
> ***Mãe da moradora interfere dizendo:*** *eu detesto. Antigamente tinha os vizinhos antigos.*
> ***Moradora:*** *eu não quero saber de vizinho, não. Eu quero saber das coisas que tem aqui.*
> ***Mãe da moradora:*** *agora têm os outros, todos metidos. Todos os meus vizinhos morreram. Tá só eu aqui. Fazendo o quê aqui.*
> ***Pesquisadora:*** *então as pessoas que vieram depois para o bairro são mais metidas?*
> ***Moradora:*** *não são as pessoas que vieram para cá. São os filhos das pessoas que já faleceram. Aqui não tem gente muito nova [tempo de moradia]. Só porque conseguiram melhorar suas casas e tem um carrinho acham que é melhor do que a gente. Tem a casa melhor do que a da gente e gosta de desfazer da gente.* (M17, 43 anos, do lar e M8, 79 anos, lavadeira pensionista)[89].

Nesse caso a diferença e a rejeição pautam-se não pelo fato do vizinho ser um estranho e um novato, mas por ele ter mudado (objetivamente ou não), o seu status socioeconômico, rompendo assim com o sentimento de igualdade existente no grupo, seja de origem, seja de status. Esse exemplo é significativo, ainda que raro, pois a maioria dos moradores antigos que permaneceu no bairro partilha um status semelhante, o conflito em relação à diferença de credo religioso tornou-se muito proeminente no bairro devido principalmente ao crescimento das igrejas evangélicas. Hoje o bairro concentra evangélicos, católicos, umbandistas, candomblecistas, devotos das Irmandades do Rosário e espíritas.

Entre os vizinhos que professam religiões distintas os insultos, cada um à sua maneira, são freqüentes. No entanto, os moradores que professam religiões afro-descendentes são mais combatidos por outros moradores, principalmente os evangélicos e os de maior status, que negam e rejeitam esse tipo de crença. As falas são sempre pejorativas: *"grupo de preto que fica tocando tambor"*, *"coisa do capeta"*, ou insultos como *"queimam eles, Jesus"*.

Esse tipo de conflito, entre grupos, pode, segundo Simmel *"não só elevar a concentração de uma unidade já existente, eliminando radicalmente todos os elementos, que possam obscurecer a clareza de seus limites com o inimigo, como também pode aproximar pessoas e grupos"*. (SIMMEL, 1983, p. 157). Nesse sentido, devido à rejeição constante dos grupos de religiões afro-descendentes, a proximidade entre eles é intensa. Quando os grupos

[89] Entrevista concedida em 08/05/2007.

de Reinado realizam seus eventos religiosos os membros dos centros de Umbanda e/ou Candomblé são convidados e, geralmente, participam efetivamente de tais eventos, seja levando uma bandeira de algum santo ou um altar. O mesmo ocorre quando há festividades nos terreiros, realizando principalmente homenagens especiais aos membros dos Reinados presentes na sessão, como evidenciando a importância dos congados para o bairro, destacando a persistência e a fé desses grupos diante das dificuldades financeiras, entre outras. Essa proximidade entre as pessoas que professam credos afro-descendentes foi ressaltada por um pai de santo como uma das melhores coisas existentes no bairro: *"o que eu acho mais legal e importante aqui é a proximidade das irmandades, isto é, dos centros com os congados"*. (M25, 41 anos, pai de santo e auxiliar de enfermagem)[90]. Além disso, é comum no bairro os membros dos grupos de Reinado serem membros de algum terreiro e vice e versa.

Esse mesmo tipo de fortalecimento da coesão grupal com origem no conflito também pode ser observado no grupo que mais combate às religiões afro-descendentes, os evangélicos. Estes afirmam que os únicos lugares que freqüentam no bairro são a igreja e a casa dos membros da igreja. Além disso, a concepção dos evangélicos de que quem professa credos afro-descendentes adora qualquer coisa menos a Deus contribui para que *"a unidade dos seus membros continue efetiva e para que o grupo continue consciente desta unidade como algo de interesse vital"*. (SIMMEL, 1983, p.157).

Como vimos o conflito *entre os grupos* fortalece a sua coesão e proporciona a aproximação de grupos com afinidades. O conflito *no interior dos grupos* também é vivenciado nos grupos do bairro. Neste caso, como destacou Simmel (1983), põe a prova à unidade do grupo. Entre os conflitos presentes no bairro, os que mais se destacam na pesquisa foram àqueles surgidos no interior e entre os grupos de Reinado.

Como mencionado anteriormente, existem três grupos de Reinado no Concórdia: Guarda de Congo São Jorge de Nossa Senhora do Rosário, Guarda de Moçambique 13 de Maio de Nossa Senhora do Rosário e Guarda de Congo de São Bartolomeu do Reino de Nossa Senhora do Rosário. Convém mencionar que os membros do grupo de Reinado são constituídos primeiramente por uma família: avó, mães, filhos e netos. É um grupo de herança. Os filhos e os netos são os herdeiros do Reinado. Os restantes dos membros não são herdeiros, somente compõem o grupo.

No Concórdia, até 1999, existia dois grupos de Reinado, São Jorge e 13 de Maio. O Reinado de São Bartolomeu é fruto de uma dissidência com o Reinado 13 de Maio. Os

[90] Entrevista concedida em 25/08/2007.

membros do Reinado de São Bartolomeu já pertenceram ao Reinado de São Jorge e por último ao Reinado 13 de Maio. A saída de alguns membros do Reinado de São Jorge, que hoje compõem o Reinado de São Bartolomeu, foi destacada por um membro do Reinado de São Jorge: *"juntaram como o Reinado 13 de Maio e montaram uma Guarda de Congo. Depois eles saíram de lá, não deu certo. Ai eles foram tocar por conta deles, só para eles."*

O conflito entre os membros do Reinado de 13 de Maio resultou na origem do Reinado de São Bartolomeu. Os conflitos destacados foram de ordem pessoal, como um mau tratamento e divergências de opiniões, como trocar ou não o estilo ou a cor da blusa da Guarda de Congo, enfeitar de forma diferente ou não o santuário no dia da festa a Nossa Senhora do Rosário, entre outros.

Aparentemente esses conflitos podem ser considerados banais, mas devemos destacar que para alguns dos herdeiros do Reinado 13 de Maio a manutenção do que o representa, envolvendo desde a veste da Guarda e a forma de enfeitar, deve ser mantida da mesma forma quando o Reinado foi fundado pela sua avó. Para os herdeiros isso significa preservar a tradição do próprio Grupo.

A formação do Reinado de São Bartolomeu polarizou as relações entre os grupos. De um lado, têm-se os Reinados São Jorge e 13 de Maio que são mais próximos, e do outro, o Reinado de São Bartolomeu, sempre visto com ressalvas pelos outros dois grupos. Apesar disso, o Reinado de São Bartolomeu é visto também como um novo destino das pessoas que desejam abandonar o Reinado 13 de Maio, devido aos conflitos surgidos entre seus membros. No caso do Reinado São Jorge, a saída de qualquer membro é remota, pois é constituído por uma única família: avó, mães, filhos e netos.

As relações conflituosas ainda permanecem, porém, de forma mais evidente entre os grupos, principalmente, dos Reinados de São Jorge e 13 de Maio para como o São Bartolomeu. Esses conflitos podem ser exemplificados com o descrédito para como o Reinado de São Bartolomeu em não realizar as festas dentro da tradição, relatos da vida pessoal dos membros como forma de denegrir o grupo, chacota ao comparar a Guarda de São Bartolomeu como um bloco carnavalesco, ou seja, a uma festa pagã. Diante desse quadro, o Reinado de São Bartolomeu sente-se impelido a promover a melhor e a mais bela festa à Nossa Senhora do Rosário, bem como a exaltar a devoção pela Santa e a trabalhar para manter a união do grupo.

Os conflitos presentes nas relações de vizinhança são manifestações de recusa por tudo àquilo que possa ameaçar a estrutura da vizinhança presente no bairro e baseada na origem compartilhada, na confiança e na proximidade. Já os conflitos religiosos se fazem presente

tanto entre os grupos tradicionais, como entre as guardas de congado, quanto entre os novos adeptos do neopentecostalismo.

Até aqui analisamos as relações de vizinhança advindas da proximidade residencial desses moradores, muito mais intensa entre os moradores de uma mesma rua. Entretanto, as interações entre os moradores de um mesmo bairro não estão confinadas nas ruas em que residem, há outros espaços dentro de um bairro que promovem o encontro, a troca de informações, a constituição de novas amizades, tornando-se locais preferidos de encontro e de convívio. Esses espaços são aqui denominados de espaços de interação.

4.2 – Os Espaços de Interação

Os espaços de interação são aqui concebidos de acordo com a definição de sítios de vizinhança empregada por Costa (1999) ao analisar as redes sociais e as interações cotidianas dos moradores de um bairro lisboeta. Segundo Costa (1999), os sítios de vizinhança constituem-se como pequenas subzonas dentro de um bairro. Tais unidades de vizinhança formam-se em torno de um determinado grupo de ruas, com características específicas: um campo de futebol, uma praça, um bar, entre outros. Nesses espaços articulam se, em geral, um conjunto de elementos, para além dos espaços da rua e das casas adjacentes[91].

No bairro Concórdia há uma diversidade de espaços de interação: o campo de futebol Inconfidência, os bares, as sedes dos grupos de Reinado, as esquinas, os bailes da terceira idade, os terreiros de Umbanda e de Candomblé, as praças com seus freqüentadores assíduos em horários específicos, às festas que ocorrem nas ruas do bairro – essas podem ser consideradas como espaços de interação anuais, pois são realizadas anualmente e em datas específicas[92], entre outros.

Os elementos componentes dos espaços de interação variam de unidade para unidade, pois cada espaço tem a possibilidade de agregar diferentes motivações e interesses. Por outro lado, os espaços de interação cooperam para a manutenção das relações entre os moradores para além da configuração da rua na qual residem, contribuindo ainda mais para a identidade do morador com o bairro.

---

[91] Para distinguir das relações de vizinhança, tal como foram tratadas acima, substituímos a denominação de Costa de *"sítios de vizinhança"* para *"espaços de interação"*, mantendo, no entanto, o mesmo conteúdo da sua definição original de *"sítios de vizinhança"*.

[92] Ver Apêndice B.

Um tipo de espaço de interação proeminente no bairro Concórdia são os bares. Convém destacar que os bares do Concórdia foram considerados como espaços de interação, pois são lugares freqüentados exclusivamente pela população local.

Pode-se afirmar que em cada rua do Concórdia existe um ou dois bares. Inicialmente, considerei que esses lugares fossem freqüentados somente pelo sexo masculino. Mas à medida que fui conhecendo o bairro constatei que eles são freqüentados tanto por homens como por mulheres, com exceção dos dias úteis, principalmente à noite, quando o público é eminentemente masculino. Nos fins de semana e feriados tanto homens como mulheres e famílias freqüentam os bares. Porém, cada um desses espaços de interação atraem públicos específicos, como destaca um morador:

> *Cada bar tem um ambiente diferente. O bar do Rodrigão é onde a gente vai assistir aos jogos de futebol quando a gente não vai ao Mineirão. O bar do Bil é uma pizzaria mais aconchegante, para o namoro. O Rancho de Minas é mais familiar. Os públicos são diferentes.* (M2, 23 anos, promotor de vendas)[93].

Em alguns bares acontecem rodas de pagode, outros são apropriados por moradores e moradoras para realizarem um pequeno churrasco, outros ainda, são lugares por excelência para discutir a organização dos futuros festivais dos times de futebol amador do bairro. As conversas nos bares, geralmente versam sobre a vida das pessoas que vivem no bairro, os jogos de futebol que aconteceram no fim de semana no campo Inconfidência, as confusões ocorridas durante os jogos de futebol, entre outros assuntos.

Freqüentei alguns bares do bairro, principalmente nas tardes de sábados e percebi que seus freqüentadores são assíduos e que a chegada de cada um é realizada individualmente. Chega-se um, depois outro e assim por diante constituindo como um verdadeiro ponto de encontro de conhecidos. Aqueles que por um motivo qualquer não aparecem os outros questionam ao dono do bar se fulano já esteve aqui. O dono responde: *"ele ainda não passou por aqui"*.

Os bares do Concórdia evocam formas de viver. Nesse sentido, um morador evidencia sua dificuldade de freqüentar os bares do bairro, pois para ele esse estilo de viver é limitado. O que denota que essa forma de viver não é compartilhada pela totalidade da população do bairro.

[93] Entrevista concedida em 07/05/2007.

> *Eu paro, às vezes, no bar e os assuntos são sobre o bairro. Isso é limitado para mim. Hoje eu consigo olhar para isso como um ponto positivo. É uma turma que vive aquilo. Comenta o jogo que aconteceu no campo no fim de semana. Faz um churrasco. É aquilo 365 dias. Isso eu não agüento, preciso de outras coisas.* (M31, 33 anos, historiador)[94].

Outro espaço de interação do bairro Concórdia é o campo de futebol Inconfidência. Durante os dias úteis seus usuários são crianças e adolescentes. Aos sábados e aos domingos o campo é usado para a realização dos jogos do campeonato de futebol amador promovido entre os times do Concórdia com outros times de bairros de Belo Horizonte[95]. Além dos campeonatos de futebol amador os times do Concórdia também realizam o festival do seu time. O festival é um evento organizado por cada time e cada um deles convida quatro times do Concórdia e quatro times de fora e realiza em um único dia o campeonato. O vencedor ganha um troféu e no fim do dia há uma festa. Esse festival é realizado com o patrocínio dos comerciantes locais, além de outras ações dos organizadores, como venda das camisas do time, vendas de ingressos para a festa final e vendas de bolsas confeccionadas com o nome do time.

Nos dias do campeonato e dos festivais dos times o campo é tomado por crianças, mães, pais, namoradas dos jogadores, jovens e idosos de ambos os sexos.

O campo de futebol Inconfidência é percebido pelos moradores do bairro como um lugar propício para encontrar os amigos do bairro que não residem na mesma rua. Além disso, a existência do campo de futebol no bairro contribui para a formação dos times a partir das relações de amizades e de outras afinidades. Assim sendo, o campo, bem como os times servem para aproximar e fortalecer os vínculos existentes entre os moradores do bairro.

Ao concebermos as festas do bairro Concórdia como espaços de interação estamos levando em conta dois aspectos que possibilitam considerá-las como tais. O primeiro relaciona-se com a coletividade que promove as festas, a demanda de tempo para organizá-las e o envolvimento de um grande número de moradores para sua preparação. O outro aspecto é a sua realização propriamente dita que agrega tanto os seus organizadores como os moradores que as freqüentam. Então, apesar de diferir dos outros espaços de interação que têm como substrato um espaço físico determinado, as festas foram aqui inseridas como momentos de interação que têm como espaço o bairro.

---

[94] Entrevista concedida em 20 e 24/09/2007.

[95] No Concórdia há uma proliferação de times de futebol amador: Time da Família, Time Tamboril, Time Tiradentes, Time dos Amigos, Time de Roma, Time do Rac, Time Inconfidência, entre outros. Esses times, com exceção do Time Inconfidência Esporte Clube, fundado em 1944 e registrado na Federação Mineira de Futebol, são considerados pelos moradores como times de festas, de distração.

As festas realizadas nas ruas do bairro Concórdia são[96]: festas do Rosário, com suas Guardas de Congo e Moçambique[97]; o Boi da Manta, mais conhecido pela população local como Boi ou Bumba-meu-boi; festas juninas; barraquinhas no decorrer do ano[98]; comemoração no dia das mães e a festa de natal da criança da Concórdia.

Segundo os responsáveis pelo cortejo do Boi da Manta, o Boi tem a função de anunciar a festa da Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário e também pedir esmola[99] para os moradores como auxílio nos gastos da festa do Rosário.

Foto 2 – Boi da Manta da Concórdia
Fonte: foto da autora

[96] As festas, geralmente, são anunciadas através de cartazes fixados em pontos de grande fluxo de pessoas, como padarias, bares, mercearias, farmácias, escolas, além dos postes de luz.
[97] Cada Guarda é um grupo de dançantes que acompanha as festas de Nossa Senhora do Rosário ou dos Santos Pretos, com uma história própria, com músicas, vestes e instrumentos particulares.
[98] As barraquinhas são feiras, onde se vendem pratos de comida, tira gostos e bebidas.
[99] Os responsáveis pelo cortejo do Boi denominam de esmola o dinheiro dado pelos moradores do bairro durante a apresentação do Boi da Manta.

O Boi sai pelas ruas do Concórdia e bairros adjacentes (Renascença e Silveira)[100] durante dez dias consecutivos, das 20:00 às 22:00 horas no mês de maio. Cada noite o Boi tem um percurso distinto, passando aproximadamente por cinco ou seis ruas. O cortejo reúne um grande número de pessoas, sendo a maioria adolescentes e jovens, mas também crianças acompanhadas pelos seus pais ou avós.

Junto ao Boi vai um grupo de homens denominados de componentes e identificados com um lenço colorido nos ombros. Uma dessas pessoas, nomeada de Boiadeiro, tem a função de recolher a esmola dada pelos moradores, assim como cantar em forma de rima alguns versos:

Boiadeiro: ***o Boi agradece a sua esmola!***
Coro: ***aeê o Boi!!***
Boiadeiro: ***oi, Deus lhe pague, Deus lhe ajude!***
Coro: ***aeê o Boi!!***
Boiadeiro: ***Fica aí que eu vou com Deus!***
Coro: ***aeê o Boi!! ...***

Foto: 3 – O Boi agradecendo a esmola.
Fonte: foto da autora.

[100] No bairro Renascença, o ponto de referência para o cortejo é chegar à Igreja Santo Afonso, lugar em que rezam o Pai Nosso. Já no bairro Silveira, é ir à Praça Preto Velho prestar uma homenagem a estatua do Preto Velho localizada nessa praça.

A saída do Boi pelas ruas do bairro promove diversão e ao mesmo tempo o encontro entre os moradores. Aqueles que não acompanham o Boi ficam nos portões e nas sacadas de suas casas para assistirem à correria que o Boi promove.

Para alguns moradores o Boi é a manifestação cultural mais importante do Concórdia: *"80% dos moradores gostam do Boi. O Boi é a relíquia da Concórdia. Eu freqüento desde criança"*. (M16, 42 anos, cabeleireiro)[101]; *"atrás do Boi só não vai quem já morreu. O quarteirão fica preto"*. (M18, 62 anos, funcionária pública)[102]; *"se o Boi não sair eles morrem do coração. Muita gente correu atrás desse Boi. O Boi enfeita a Concórdia. É uma beleza. Ninguém esquece. Essa é a festa mais alegre da Concórdia"*. (M4, 61 anos, pai de santo e pintor aposentado)[103].

O Boi, por concentrar um número expressivo de pessoas a sua volta, é, geralmente, visto por aqueles que não participam e não conhecem a sua dinâmica como momento propício ou apropriado para brigas e confusões. No entanto, durante os dez dias que o acompanhei não houve nenhum ato de violência. Evidentemente, que os responsáveis pelo cortejo usam alguns métodos para manter a ordem, devido à reunião de grande número de pessoas. Um deles é dizer que se algo sair errado o Boi pode acabar. Além dessa pressão eles contam com o apoio da Polícia Militar.

Um dos responsáveis pelo cortejo do Boi ressalta que a festa do Boi promove o reencontro dos moradores e faz parte do imaginário social dessas pessoas,

> *O Boi é importante porque ele anuncia a nossa festa. Outra importância do Boi é porque a gente revê os amigos. Querendo ou não, eles têm que trazer ou o neto ou o filho, isso é inevitável. [...] Chegou o mês de maio até uma criança de dois anos começa: aeê o Boi!!! Quem ensinou? Ninguém nem ensinou, ouve o pessoal falar, falar.* (M19, 35 anos, vigilante)[104].

Boi exerce um fascínio nas crianças do bairro. No mês de maio é comum as crianças apropriarem dessa manifestação para suas brincadeiras nas ruas. Elas inventam um boi, a partir de vários objetos, como vassouras, panos velhos, pedaços de pau e saem pelas ruas aludindo o cortejo do Boi da Manta, além disso, a fala *"aeê o Boi"* é corrente no bairro como forma de referir ao cortejo. O Boi também é responsável pela quebra da rotina no bairro. Nos dias do cortejo os moradores programam seus afazeres para não serem impedidos de freqüentá-lo. As escolas do bairro, as que têm horário noturno, também são atingidas nas suas

[101] Entrevista concedida em 03/05/2007.
[102] Entrevista concedida em 23/03/2007.
[103] Entrevista concedida em 15/03/2007.
[104] Entrevista concedida em 28/05/2007.

rotinas por evitar programar atividades avaliativas nestes dias, pois os alunos não comparecem as aulas.

A comemoração do dia das mães é realizada por meio de cortejo. No cortejo há42( )-80.19é t77â

De forma geral, as festas, segundo os moradores *"acordam o pessoal do bairro"* (M12, 70 anos, taxista aposentado)[105], *"proporciona uma aproximação das pessoas. Uma aproximação a mais. Um conhecendo o outro, se não conhece, fica conhecendo, formando uma amizade de quem não tinha. Até mesmo uma reaproximação"* (M3, 34 anos, empregada doméstica)[106]. Outros moradores apontam o que a festa pode proporcionar para diferentes grupos de moradores: *"a festa traz alegria. Tem uns que voltam à infância. Emoções que levam à infância, recordação. Por outro lado, por exemplo, movimenta o comércio do bairro [...]. Para os comerciantes é lucro, para nós é satisfação e alegria"* (M18, 62 anos, funcionária pública)[107]. Outros, ainda, falam das festas a partir de suas preferências: *"a reunião dos moradores se dá no Boi, na barraquinha e na Escola de Samba Inconfidência Mineira"*. (M14, 42 anos, cabeleireiro)[108].

Assim, as festas como os bares e o campo de futebol e tantos outros espaços de interação do bairro Concórdia favorecem a aproximação e fortalece os vínculos existentes entre os moradores, como também evocam formas de viver da maioria da população local. Já que esses espaços não são freqüentados pela totalidade dos moradores. As entrevistas e a pesquisa de campo possibilitaram averiguar que os espaços de interação tendem a serem usufruídos principalmente pelos moradores com menor poder aquisitivo e por aqueles que se identificam com a vida local do bairro. Entretanto, como bem salientou Costa (1999), nesses espaços as relações de vizinhança se adensam, aparecem investidas por uma grande intensidade de visitação, destacando-se no quadro de interação do bairro como locais preferidos de encontro e de convívio.

Esses espaços de interação por serem exclusivamente lugares de encontros, onde as amizades podem ser fortalecidas ou criadas contribuem essencialmente para a sedimentação da identificação dos moradores com o bairro que habitam. Como poderá ser verificado mais adiante, o tempo de moradia no bairro, o envolvimento nos acontecimentos locais, as amizades conquistadas, as coisas que se vive no bairro foram acionados pelos moradores como motivos que explicam a identificação com o bairro Concórdia.

[105] Entrevista concedida em 08/05/2007.
[106] Entrevista concedida em 23/04/2007.
[107] Entrevista concedida em 23/03/2007.
[108] Entrevista concedida em 15/05/2007.

4.3- Sentimentos de Pertencimento

Apesar das distinções sociais, das diferenças de condutas e comportamentos ressaltados pelos moradores e das representações associadas ao bairro pela população local encontramos um sentimento de pertencimento ao Concórdia algumas vezes bastante consolidado, outras vezes mais frágeis.

Um dos aspectos que favorece o sentimento de pertencimento a um espaço, bairro ou cidade, é o tempo de permanência neste local, pois o tempo se traduz na possibilidade do apego e no envolvimento com o que ocorre em um determinado espaço ou grupo e os pertencimentos são produzidos a partir de práticas simples, comuns e cotidianas. No caso do Concórdia o tempo é um fator primordial, já que a maioria dos moradores cresceu ou vive no bairro há muitos anos, assim como o envolvimento nos acontecimentos locais, principalmente os acontecimentos de cunho festivo.

As formas que os moradores expressam seus sentimentos de pertencimento ao bairro Concórdia variam de morador para morador. Alguns destacam os eventos festivos.

> *Eu amo a Concórdia. A Concórdia tem tudo de bom. Tem congado. Escola de Samba, campo de futebol. O que você quer mais? Tem muita coisa boa aqui na Concórdia. Tem barraquinha, pagode na porta de buteco. Antigamente, não tinha nada disso. Só existia o Boi e o congado. Agora olha o tanto de coisa que tem* (M17, 43 anos, do lar)[109].

Durante a pesquisa de campo compreendi que o envolvimento nos acontecimentos festivos do bairro sejam eles de cunho religioso, esportivo, dentre outros reforça e favorece o surgimento de laços de amizades, uma vez que as festas organizadas pela população local demandam ajudas das mais variadas, desde financeiras à prestações de serviços, como cozinhar, enfeitar o ambiente – no caso as ruas – no qual será realizado a festa, entre outras. Essas práticas dinamizam o pertencimento ao bairro já que são festividades que acontecem nas ruas com ajudas dos moradores simpatizantes dos acontecimentos festivos, ou seja, são práticas compartilhadas por um coletivo de indivíduos que favorecem a identificação com o bairro.

Outro morador destaca ser este o espaço que proporciona as coisas que gosta de vivenciar.

[109] Entrevista concedida em 08/05/2007. A moradora, no momento dessa fala, questionou-me se no meu bairro tem todo esse movimento.

> *Eu gosto da Concórdia. Eu não me vejo morando fora da Concórdia.*
> ***Pesquisadora:*** *Por que?*
> *Pelo costume, nascido e criado aqui. Eu não vejo um bairro melhor para mim do que a Concórdia. Nem o Belvedere*[110] *eu troco pela Concórdia.*
> ***Pesquisadora:*** *Por que?*
> *Porque, igual eu vejo no Belvedere, lá não tem as coisas que tenho costume de ter aqui, o que eu gosto de estar vivendo, lá não vai ter isso.* (M2, 23 anos, promotor de vendas)[111].

As coisas a que esse morador se refere são os acontecimentos locais, como o cortejo do Boi da Manta, os festejos a Nossa Senhora do Rosário, as festas juninas, os festivais dos times de futebol amador, ou seja, são eventos que fazem parte de sua vivência no Concórdia e que lhe proporciona sentido e apego ao bairro.

Outros moradores mencionam os laços de amizades construídos ao longo do tempo e das pessoas que habitam o bairro. *"Eu gosto daqui. Aqui é minha vida. Eu nasci aqui. Eu gosto muito desse lugar [...]. Gosto do pessoal do bairro. As pessoas daqui cativam à gente"*. (M15, 47 anos, pintor)[112]. Ou, *"porque eu gosto daqui? Todo mundo tem amizades, tem as amizades das crianças. [...] agora, eu vou para um lugar que não conheço ninguém, como é que eu vou viver? O que fica de um lugar, o que é? É a amizade, a conversa"*. (M11, 85 anos, costureira aposentada)[113].

Neste caso, a forma de exemplificar o sentimento de pertencimento ao bairro são as relações mantidas e construídas ao longo do tempo de vivência neste espaço. Relações que desembocam em amizades, em trocas de experiências e vivências a partir das conversas. Além disso, a fala dessa última moradora explicita que o lugar (o bairro) por si só não representa nada para a vida social, e sim, as relações e as trocas cotidianas entre os indivíduos que propiciam o sentido de pertencer a um determinado bairro.

Apesar dos moradores expressarem seus sentimentos de pertencer ao bairro de formas variadas podemos destacar dois elementos essenciais presentes nos seus discursos: os pontos de encontro e o encontro. Esses elementos presentes no espaço foram denominados por Simmel (1939), como significações sociológicas da fixação dos conteúdos no espaço para as formações sociais, ou seja, são conteúdos presentes no espaço que tendem a estabelecer ações recíprocas entre os indivíduos.

O ponto de encontro é *"a fixação no espaço de um objeto de interesse que produz determinadas formas de relações que se agrupam em torno do dito objeto"*. (SIMMEL, 1939,

---

[110] Bairro novo e bastante elitizado, com o metro quadrado mais caro da cidade.
[111] Entrevista concedida em 07/05/2007.
[112] Entrevista concedida em 17/05/2007.
[113] Entrevista concedida em 23/04/2007.

p.224, tradução nossa[114]). O ponto de encontro pode ser uma feira, um bar, um campo de futebol, uma praça, entre outros. Esses objetos fixos no espaço têm a característica de serem permanentes e variáveis e contribuem para o estabelecimento de formas de relações sociais propiciando contatos, trocas e interações entre os indivíduos.

O encontro é definido *"como uma forma sociológica específica, cuja determinação local é caracterizada pela linguagem mediante o duplo sentido da palavra, que significa tanto o encontro em si mesmo como o lugar no qual o encontro se verifica"*. (SIMMEL, 1939, p.227, tradução nossa[115]). O encontro, segundo Simmel (1939), possui duas características distintas e opostas: é breve e passageiro e, por outro lado, se fixa no espaço e no tempo. Ou seja, o encontro está presente tanto no espaço como no tempo, pois ele é realizado em um dado espaço, mas também permanece na consciência dos indivíduos como lembrança vivenciada e partilhada.

Como pôde ser verificado nas falas dos moradores essas duas significações sociológicas no espaço contribuem essencialmente para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dos moradores ao Concórdia, já que são conteúdos fixos no espaço que proporcionam contatos, trocas, interações e que se convertem em lembranças partilhadas e vivenciadas entre esses indivíduos.

Outro aspecto interessante relacionado ao sentimento de pertencimento é a afirmação de alguns moradores de que se consideram concordianos. Quando perguntei a naturalidade, alguns moradores responderam: *"sou concordiano"*. Ou então quando se referiam a alguém mais velho que mora no bairro ou a algum irmão afirmavam: *"ele é concordiano como eu"*. Ser concordiano equivale a viver no bairro desde os primeiros anos de vida, isto é, crescer no bairro, assim como é usado para se referir a pessoas que moraram no bairro desde criança, mas que depois se mudaram, porém continuam freqüentando o bairro devido a permanência de alguns dos familiares ou por causa das amizades lá presentes. Essas pessoas são apontadas pelos moradores da seguinte forma: "*aquele é concordiano, mas não mora mais aqui"*.

Nem todos os moradores expressaram esse sentimento forte de pertencer ao bairro. Alguns destacaram não ter vínculo algum com o Concórdia e buscam sair de lá. Esses moradores, geralmente, têm condições financeiras melhores em relação à maioria da população do Concórdia ou são pessoas que se consideram ter status social mais elevado. O que eles almejam é a aquisição de uma casa nos bairros vizinhos como a Floresta, o bairro Da

[114] La fijación en el espacio de un objeto de interes produce determinadas formas de relación que se agrupan en torna de dicho objeto.
[115] Como forma sociológica específica, cuya determinación local es caracterizada por el lenguaje mediante o duble sentido de la palavra, que significa tanto el encuentro mismo como el lugar en que el encuentro se verifica.

Graça, o Silveira, a Nova Floresta, a Renascença entre outros. Esse perfil de morador justifica essa posição pela convicção de que seus modos de vida não condizem com os dos outros moradores e acreditam que encontrarão um estilo de vida parecido com os seus nesses bairros vizinhos. Já os moradores que expressam sentimento de pertencimento valorizam e se identificam com a vida social do bairro, isto é, os círculos de amizades locais, os pontos de encontros do bairro, as manifestações festivas, entre outros aspectos da vida social local.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Concórdia, idealizado para alojar a população de baixa renda que morava nos atuais bairros Lourdes e Barro Preto e que posteriormente também abrigou os migrantes pobres de diversas regiões do estado de mineiro, carrega ainda hoje a marca de um lugar de moradia de pobres. Essa visão é reconstruída socialmente tanto pelas gerações que se sucederam neste espaço, como pelos novos moradores. Os que conhecem a história do bairro sustentam suas visões a partir da concepção de que foi um espaço produzido para abrigar uma população de baixa renda. Os que desconhecem a história do surgimento do bairro consideram que é a Vila Tiradentes que contribui para a estagnação do bairro, outros se apegam ao ditado popular, *"tem uma cabeça de burro enterrada aqui"*, outros ainda são mais concisos ao afirmarem que *"para o bairro veio uma população mais pobre e isso continuou"*.

O estranhamento em relação ao bairro ser um local de pobres advém das transformações porque passaram os bairros vizinhos. Trata-se de uma região que se elitizou, tornando-se um espaço, ainda que não exclusivo, dos grupos médios. Essa comparação reforça e aprofunda o estigma de bairro de pobre. Devido a essa permanência e ao estigma os moradores que ascendem socialmente almejam sair do bairro.

Um dos aspectos perversos desse estigma é que ele não vem só de fora, a própria população local o reforça. O que significa que tanto as populações de baixa, média e alta renda reproduzem e resignificam as oposições sociais objetivadas nos espaços citadinos – bairros pobres, ricos, chiques, não chiques entre outras. Convém destacar que o entendimento e análise desses processos foram construídos no decorrer da pesquisa e que se tornariam vagos e incompletos se tivéssemos ignorado a história do surgimento e ocupação do bairro Concórdia, assim como sua localização na malha urbana de Belo Horizonte.

Um dos desdobramentos do processo de estigmatização é a divisão subjetiva interna do Concórdia em *"Parte de Cima"* e *"Parte de Baixo"*. Divisão esta que busca atribuir a uma parte do bairro, *"Parte de Baixo"*, as causas e conseqüências da visão pejorativa do Concórdia.

Como contraponto ao estigma os moradores ressaltam os aspectos positivos do bairro também ligados a sua origem: os laços de amizades e de confiança, a alegria evidenciada nas festas, nos campeonatos de futebol amador e assim por diante.

Se por um lado, a permanência dessa população no bairro coopera para a sua representação como um bairro de pobre, por outro lado, a continuação desses moradores

contribui igualmente para a conservação de alguns dos conteúdos das relações de vizinhança vivenciados pela primeira geração desse espaço, bem como para conservação dos eventos locais, como os grupos de Reinado, o Boi, os times de futebol, as festas juninas e as barraquinhas que colaboram para fortalecer os laços de amizades, a manutenção e a recriação da cultura do bairro e dos espaços de interação. Além disso, pode-se verificar que os conteúdos das relações de vizinhança no bairro Concórdia são diversificados. O que denota que vizinhanças constituídas nas grandes cidades não são marcadas somente pela impessoalidade, pelas relações imediatas diretas e por reservas. Também comporta outros aspectos, alguns deles até mesmo opostos.

Neste contexto de análise verificou-se que a identificação com o bairro enquanto local não só de residência, mas de convívio e de familiaridade para maioria da população é ainda uma referência espacial importante. Essa é geralmente apreendida a partir do longo tempo de residência no bairro, pela história de sucessão familiar e pela conservação de alguns eventos e práticas culturais. Essa importância do território, seja do bairro, seja dos espaços de interação contribui para a manutenção dos elos sociais, ainda que perpassados muitas vezes por conflitos e por rejeições, os quais também desempenham nesse jogo um papel de manutenção da coesão.

Outra consideração a se fazer é que a pesquisa no bairro permitiu concluir que quanto mais os moradores se identificam com a vida social do bairro mais probabilidades têm de sentirem que pertencem a esse espaço e que esse espaço lhes pertencem. Consideramos que a identificação com a vida social do bairro está diretamente relacionada com a concepção e percepção desses moradores de que eles são os agentes que promovem a vida social local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A VILLA Concórdia flagelada pela falta de água e o excesso de poeira. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 31 jul. 1934. Caderno As necessidades dos bairros. p.5.

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital:** formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. 2006. 445f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos modernistas:** representações ambivalentes da cidade moderna. Belo Horizonte: PUC-Minas/C/Arte. 2004. 198p. (Coleção Política e Sociedade).

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes. Estudos de bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo. In.: **31º Encontro anual da ANPOCS.** Caxambu. 2007, p. 1-23.

ARAÚJO, Maria Marta Martins de. A vida nos subúrbios: memórias de uma outra Belo Horizonte. **Revista Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.2, n.3, p.50-56, out. 1997.

AZEVEDO JÚNIOR, Manoel Teixeira. Serra: um olhar urbano. **Revista Caderno Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.7, n.7, p.59-116, dez. 1999.

BARREIRA, Irlys Alencar F. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. **Revista Análise Social.** v. 182, p.163-180. 2007. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ASO/n182/n182a08.pdf> Acesso em 20 ago.2007.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte e sua história.** Belo Horizonte: 1937. 150p.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** 4 ed. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec. 1999.

BH 100 ANOS: **nossa história.** Belo Horizonte: Estado de Minas. 1997. 118p.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder:** irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais. São Paulo: Ática. 1986. 254p.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. In.: **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 10 ed. São Paulo: Cia das Letras. 2003, p.37-69.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In.: BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo.** 3 ed. Petrópolis: Vozes. 1999, p. 159-166.

BUÉRE, Júlio César. Belo Horizonte: a apropriação social do espaço urbano. In: PAIVA, Eduardo França (org). **Belo Horizonte:** história de uma cidade centenária. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva. 1997, p.65-85.

BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, territórios e cidadania. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.48, n.1, p.189-222, 2005.

CHAUI, Marilena. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000. 103p. (Coleção História do povo brasileiro).

COMPANHIA URBANIZADORA DE BELO HORIZONTE. **Síntese do diagnóstico social da Vila Tiradentes.** Belo Horizonte. 1994.

CORDEIRO, Graça Índias. Territórios e identidade sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.28, p. 1-16, 2001. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/313.pdf> Acesso em 16 maio.2007.

CORDEIRO, Graça Índias. Uma certa idéia de cidade: popular, bairrista, pitoresca. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto. 2004. p. 185-199. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8491.pdf> Acesso em 16 maio. 2007.

CORDEIRO, Graça Índias. **Um lugar na cidade:** quotidiano, memória e representação no bairro de Bica. Lisboa: Dom Quixote. 1997. 414p. (Coleção Portugal de perto).

CORDEIRO, Graça Índias; COSTA, António Firmino da. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana:** cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002, p.58-79.

CORREIA, Telma de Barros. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas nos vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, n.4, p.83-98, maio. 2001.

COSTA, António Firmino da. **Sociedade de bairro:** dinâmicas sociais da identidade cultural. Lisboa/Oeiras: Celta. 1999. 593p.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica. 2006. 135p. (Coleção: leitura, escrita e oralidade).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000. 224p.

FARIA, Aléxia Lage de. **Análise da evolução urbana do bairro Cidade Nova.** 1992. 144f. Monografia. (Especialização em Urbanismo), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa.** São Paulo/Rio de Janeiro: Folha de São Paulo/Nova Fronteira. 1988.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Omnibus:** uma história dos transportes coletivos em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1996. 380p. (Coleção Centenário).

GADEA, Carlos A. A crítica pós-moderna: analítica da interação e da sociabilidade. In.: **30º Encontro anual da ANPOCS.** Caxambu. 2006, p. 1-29.

GANS, Herbert J. Os habitantes de Vila Levitt: modos de vida e política em uma nova comunidade de subúrbio. In: RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica:** uma estratégia para um novo conhecimento social. Tradução Luiz Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p. 48-64.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p.278-321.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1988. 158p.

GOMES, Luiz Nogueira. **Aspectos físicos e humanos do centro comercial do bairro Floresta.** 1990. 103f. Monografia. (Especialização em Urbanismo), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v.4, p.15-32, 1998. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/157.pdf> Acesso em 20 ago.2007.

GROSSI, Yonne de Souza. Belo Horizonte: qual polis? **Revista Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.2, n.3, p.12-24, out. 1997.

GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões:** Belo Horizonte, cidade planejada. 1991. 323f. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas, Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Berenice Martins; AZEVEDO, Sérgio de (orgs.). **Belo Horizonte em tese**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Urbanos/UFMG. 1995. 324p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000:** agregados de setores censitários dos resultados do universo. Rio de Janeiro:IBGE. 2002. 41p.

KUWAHARA, Maria Cristina. **A expansão e a degradação ambiental:** um estudo de caso da periferia de Belo Horizonte. 1990. 48f. Monografia. (Especialização em Urbanismo), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

LEFEBVRE, Henri. Barrio y vida de barrio. In: LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 3 ed. Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Península. 1975, p.195-203.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIRAD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2. Morar, cozinhar. 5 ed. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes. 2003, p.37-207.

MEDEIROS, Regina. O Bonfim da prostituição: a presença ambivalente do outro. In: MEDEIROS, Regina et al. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas. 2001, p.49-112.

NASCIMENTO, Luís Felipe Zille do. **Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos:** um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes. 2004. 233f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte. Disponível em <http://www.crisp.ufmg/teses_felipezille.pdf.pdf> Acesso em 4 de maio de 2007.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Tradução Sérgio Magalhães Santeiro. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1987, p.26-67.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **A metrópole cinqüentenária:** fundamentos do saber arquitetônico e imaginário social da cidade de Belo Horizonte. 1996. 309f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

PEDERZOLI, Aurora. **Uma conceituação de recuperação urbana para o bairro Lagoinha.** 1992. 181p. Monografia (Especialização em Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

PENNA, Octávio. **Notas cronológicas de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais. 1997. 276p. (Coleção Centenário).

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CALÓLICA DE MINAS GERAIS. Departamento de Geografia. **Atlas da Arquidiocese de Belo Horizonte:** região episcopal Nossa Senhora da Piedade. Belo Horizonte: PUC-Minas/FUMARC. 1991, p.56. 1v.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos Membros do Conselho Deliberativo da Capital pelo Prefeito Affonso Vaz de Melo em 1918.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1918. 53p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da cidade de Belo Horizonte pelo Prefeito Cornélio Vaz de Mello em setembro de 1919.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1919. 86p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Flávio Fernandes dos Santos em 1922.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922. 89p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Christiano Monteiro Machado em outubro de 1926.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1926. 130p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Mensagem apresentada pelo Prefeito Christiano Monteiro Machado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte em 6 de outubro de 1927 e relatórios anexos.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927. 130p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Mensagem apresentada pelo prefeito Christiano Monteiro Machado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte em**

10 de outubro de 1929 e Relatórios anexos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1929. 125p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Prefeito Sr. Luiz Barbosa Gonçalves Penna, pelo diretores e chefes de serviços da Prefeitura de Belo Horizonte em outubro de 1930.** Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais; 1931. 89p.

PREFEITURA MINICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Octacilio Negrão de Lima e relativo ao período administrativo de 1948.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1949. 219p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano:** Programa de administração para Belo Horizonte. Apresentado pelo Prefeito Américo Renê Giannetti à Câmara Municipal na sessão ordinária de 22 de julho de 1951. Belo Horizonte: 1951. 201p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano diretor de Belo Horizonte:** leis de uso e ocupação do solo: estudos básicos. Belo Horizonte. 1995. 355p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano diretor e lei de parcelamento, ocupação e uso do solo.** Belo Horizonte. 1996.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis; MABERLA, Juliana Elenze Carreira. **Proximidade territorial e distância social:** reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano: A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro. Disponível em <http://w.w.w.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/texto_lcqr_cruzada.pdf> Acesso em 05 out. 2007.

ROMANO, Olavo. **Muito além da cidade planejada.** Belo Horizonte: Magnum. 1997. 160p.

SEM água, luz e calçamento: o triste estado das ruas Guaranesia e Jacuhy. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 08 dez. 1935. Caderno As necessidades dos bairros. p.8.

SIMMEL, Georg. El espacio y la sociedad. In.: SIMMEL, Georg. **Sociología:** estúdios sobre las formas de socialización. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina. 1939, p. 207-296.

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** Organização Evaristo Moraes Filho. São Paulo: Ática. 1983. 192p.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1987, p. 11-25.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006. 119p.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O bairro contemporâneo: ensaios de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n.3, p.139-172, abr/jun. 1989.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA CAPITAL. **30 anos Sudecap:** um registro fotográfico de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2000. 75p.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA – PLAMBEL. **A estrutura urbana da RMBH:** a estrutura atual. V2. Belo Horizonte: Plambel. 1985. 245p.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA – PLAMBEL. **Os complexos diferenciados de campos na RMBH.** Belo Horizonte: Plambel. 1986. 126p.

TEIXEIRA, Maria Cristina Vellefort. **Evolução e percepção do ambiente em um bairro pericentral de Belo Horizonte** – A Floresta. 1996. 157f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

UM bairro perto do centro, mas com problemas de uma vila. **Jornal de Casa.** Belo Horizonte, 17 a 23 out. 1982. Seção/Coluna Bairros. p.7.

VELLASCO, Ivan. **Da horda à ordem:** a construção do mundo social numa vila popular. 1993. 216f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia e Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

WATANABE, Hiroshi; BRAGA, Welber da Silva. **Morro do querosene:** alguns aspectos da formação de uma favela. Belo Horizonte: Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. 1960. 112p.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. Tradução Maria Corrêa Treuherz. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1987, p.90-113.

APÊNDICE A – Relação por ordem de códigos dos moradores entrevistados

CÓDIGO (MORADOR) / DATA DA ENTREVISTA	IDADE	PROFISSÃO PRINCIPAL (ATUAL OU ÚLTIMA)	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BAIRRO	COMO VEIO MORAR NO CONCÓRDIA (BREVE HISTÓRICO)
M1 Entrevista concedida em 19/04/2007	92 anos	Pensionista	70 anos	Veio para o bairro assim que casou em 1937. Antes de casar sua família residia na Rua Jacuí, num espaço denominado de Vila Caioux.
M2 Entrevista concedida em 07/05/2007	23 anos	Promotor de Vendas	23 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de sua bisavó materna, no final da década de 1920.
M3 Entrevista concedida em 23/04/2007	34 anos	Doméstica	34 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seu bisavô paterno, início da década de 1930.
M4 Entrevista concedida em 15/03/2007	61 anos	Pai de Santo e Pintor aposentado	57 anos	Veio para o bairro com seus pais na década de 1950. Sua família residia na cidade de Contagem, Minas Gerais, antes de vir para o bairro.
M5 Entrevista concedida em 01/05/2007	61 anos	Professora aposentada	61 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de sua tia-avó, no início da década de 1930, que residiu na antiga região da Barroca, atual bairro Barro Preto, Belo Horizonte.
M6 Entrevista concedida em 04/04/2007	60 anos	Tecelã aposentada	60 anos	Sua família reside no bairro desde a década de 1930, quando seus pais vieram do interior de Minas Gerais.
M7 Entrevista concedida em 20/12/2006	63 anos	Professor aposentado	57 anos	Veio para o bairro com seus pais em 1949. Sua família residia, antes de vir para o Concórdia, no atual bairro Carlos Prates, Belo Horizonte.
M8 Entrevista concedida em 15/05/2007	79 anos	Doméstica pensionista	79 anos	Sua família reside no bairro desde o final da década de 1920. Antes de vir para o bairro, sua família residiu na antiga região da Barroca, atual bairro Barro Preto, Belo Horizonte.
M9 Entrevista concedida em 15/03/2007	61 anos	Do Lar	31 anos	Veio morar no bairro na década de 1970 depois que casou com um morador.

M10 Entrevista concedida em 19/04/2007	59 anos	Aposentada	59 anos	Sua família reside no bairro desde 1937. Seus pais, antes de se casarem, residiram na rua Jacuí, num espaço denominado de Vila Caioux.
M11 Entrevista concedida em 23/04/2007	85 anos	Costureira pensionista	60 anos	Veio morar no bairro em 1947, assim que casou. Antes de residir no Concórdia seus pais já residiam em Belo Horizonte.
M12 Entrevista concedida em 08/05/2007	70 anos	Taxista aposentado	70 anos	Sua família reside no bairro desde o final da década de 1920, quando seus pais vieram do interior de Minas Gerais, Ponte Nova.
M13 Entrevista concedida em 04/01/2007	70 anos	Funcionário Público aposentado	66 anos	Veio para o bairro com seus pais na década de 1940. Antes de morar no Concórdia seus pais residiram na cidade de Nova Lima, Minas Gerais.
M14 Entrevista concedida em 15/05/2007	29 anos	Auxiliar Administrativo	29 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus avós paternos na década de 1950. Seus avós residiram na cidade de Contagem, Minas Gerais.
M15 Entrevista concedida em 17/05/2007	47 anos	Pedreiro	47 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda dos seus pais na década de 1940. Seus pais vieram da cidade de Esmeraldas, Minas Gerais.
M16 Entrevista concedida em 03/05/2007	42 anos	Cabeleireiro	42 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de sua avó na década de 1930. Sua avó veio do estado de São Paulo para Minas Gerais, residindo diretamente no Concórdia.
M17 Entrevista concedida em 08/05/2007	43 anos	Do lar	43 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus avós maternos no final da década de 1920. Seus avós residiram na antiga região da Barroca, atual Barro Preto, Belo Horizonte, Minas Gerais.
M18 Entrevista concedida em 23/03/2007	62 anos	Funcionária Pública	62 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus pais no final da década de 1920. Seus pais vieram do interior de Minas Gerais, Patos de Minas.

M19 Entrevista concedida em 28/05/2007	35 anos	Vigilante	35anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus avós no final da década de 1920. Seus avós vieram da cidade de Betim, Minas Gerais.
M20 Entrevista concedida em 17/07/2007	27 anos	Do Lar	27 anos	Sua família reside no bairro (Vila Tiradentes) desde o final da década de 1950.
M21 Entrevista concedida em 18/07/2007	21 anos	Atendente	21 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus avós paternos na década de 1930.
M22 Entrevista concedida em 18/07/2007	48 anos	Balconista	48 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de sua avó paterna na década de 1940. Sua avó residia na cidade de Santa Bárbara, Minas Gerais.
M23 Entrevista concedida em 18/07/2007	34 anos	Comerciante	34 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda dos seus pais na década de 1950. Seus pais residiram na cidade de Raposos, Minas Gerais.
M24 Entrevista concedida em 14/07/2007	60 anos	Pensionista	40 anos	Veio da cidade de Urucrania, Minas Gerais, para Belo Horizonte na década de 1960. Residindo diretamente no bairro Concórdia (Vila Tiradentes).
M25 Entrevista concedida em 25/08/2007	41 anos	Pai de Santo e Auxiliar de Enfermagem	41 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de sua avó materna na década de 1950. Veio da cidade de Montes Claros, Minas Gerais.
M26 Entrevista concedida em 25/08/2007	39 anos	Pastor	39 anos	Sua família reside no bairro desde a vinda de seus avós maternos na década de 1950. Vieram da cidade de Pirapama, Minas Gerais.
M27 Entrevista concedida em 08/09/2007	20 anos			

M28 Entrevista concedida em 12/09/2007	38 anos	Comerciante	36 anos	Sua família reside no bairro há 36 anos. Antes residia no bairro Ipiranga, Belo Horizonte. Seus pais vieram da cidade de Itabirito, Minas Gerais.
M29 Entrevista concedida em 13/09/2007	22 anos	Estudante Universitário	20 anos	Sua família reside no bairro há 20 anos. Antes morava no bairro Boa Vista, Belo Horizonte. Seus pais mudaram para o bairro Concórdia através de uma igreja Metodista, que cedeu o lote para sua família residir.
M30 Entrevista concedida em 17/09/2007	46 anos	Cozinheira	20 anos	Sua mãe veio da cidade de Pompéu, Minas Gerais, para Belo Horizonte na década de 1940. Inicialmente residiu na favela Pedreira Prado Lopes. Recebeu uma indenização do Estado, devido a obras na região e comprou uma casa na Vila Tiradentes, bairro Concórdia, em 1987.
M31 Entrevista concedida em 20 e 24 de setembro de 2007	33 anos	Historiador	31 anos	Sua família foi para o bairro em 1976. Veio da cidade de Pium-Í, Minas Gerais, com a orientação dos irmãos de seu pai que já residiam no bairro.
M32 Entrevista concedida em 14/11/2007	22 anos	Artista Plástico	22 anos	Sua avó materna veio da cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, em 1945. Residindo desde então na Vila Tiradentes, bairro Concórdia.
M33 Entrevista concedida em 14/11/2007	28 anos	Broxurista	20 anos	Sua avó veio da cidade de Pompéu, Minas Gerais, para Belo Horizonte na década de 1940. Inicialmente residiu na favela Pedreira Prado Lopes. Recebeu uma indenização do Estado, devido a obras na região e comprou uma casa na Vila Tiradentes, bairro Concórdia, em 1987.

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE B – Cronograma das principais festividades do bairro Concórdia

MESES	MAIO	JUNHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	DEZEMBRO
FESTAS						
	Apresentação do Boi da Manta pelas ruas do bairro. **Data:** dez primeiros dias do mês. **Local:**					

APÊNDICE C – Fotos do bairro Concórdia

Foto 5 – Praça México (“Parte de Cima da Concórdia”).
Fonte: foto da autora.

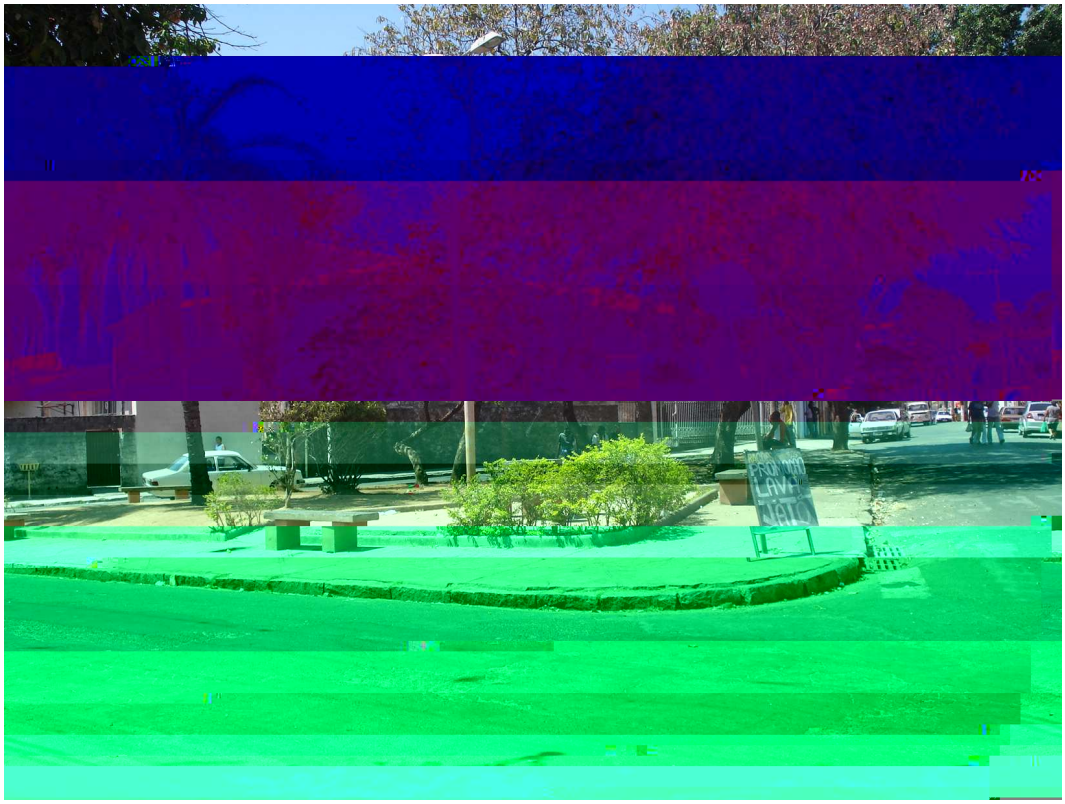


Foto 6 – Praça Bandeira. (“Parte de Baixo da Concórdia”).
Fonte: foto da autora.

Foto 7 – Campo de Futebol Inconfidência. No seu entorno a Vila Tiradentes.
Fonte: foto da autora.

Foto 8 – Guarda do Congo São Jorge de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: foto da autora.

Foto 9 – Cortejo da Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: foto da autora.

Foto 10 – Cortejo a Nossa Senhora do Rosário. Festa da Guarda de Congo de São Bartolomeu do Reino de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: foto da autora.

Foto 11 – O grupo Los Zumbi na Praça México.
Fonte: foto da autora

Foto 12 – Cortejo do Boi da Manta pedindo a esmola.
Fonte: Foto da autora.

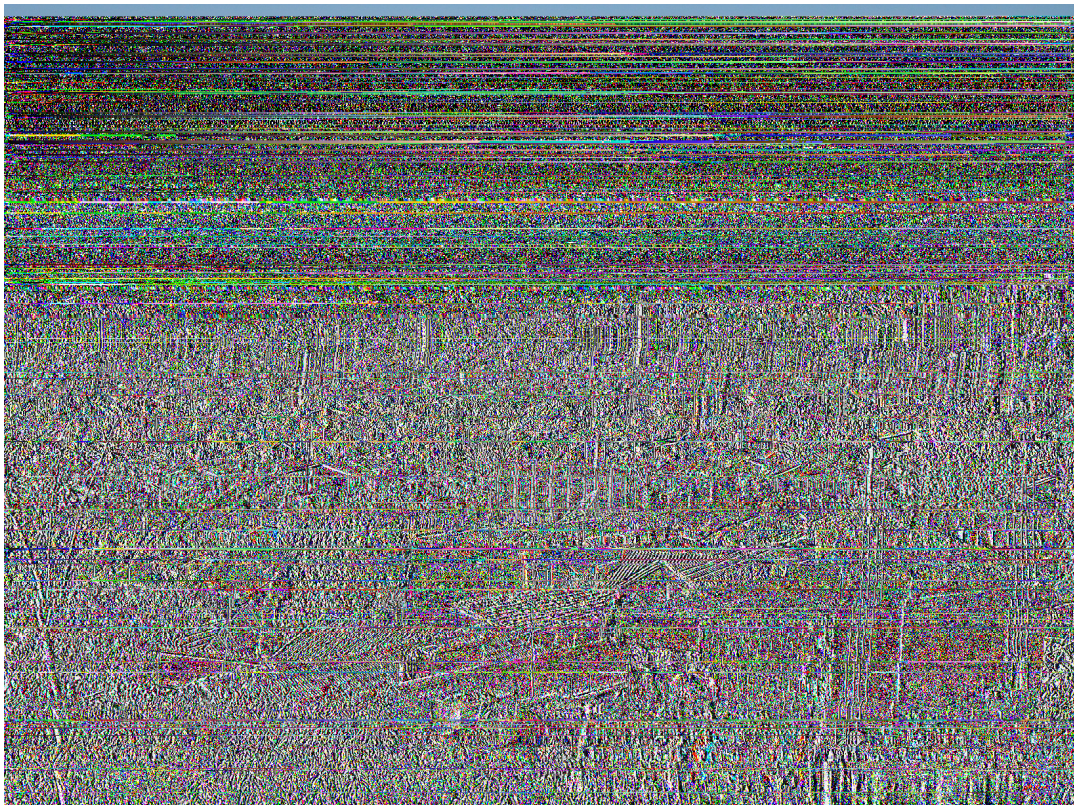


Foto 13 – Vista parcial do Concórdia. Ao fundo os bairros Da Graça, Nova Floresta, Silveira, Ipiranga e Renascença.
Fonte: Foto da autora.

Foto 14 – Vista parcial do Concórdia. Ao fundo o bairro Da Graça.
Fonte: Foto da autora.

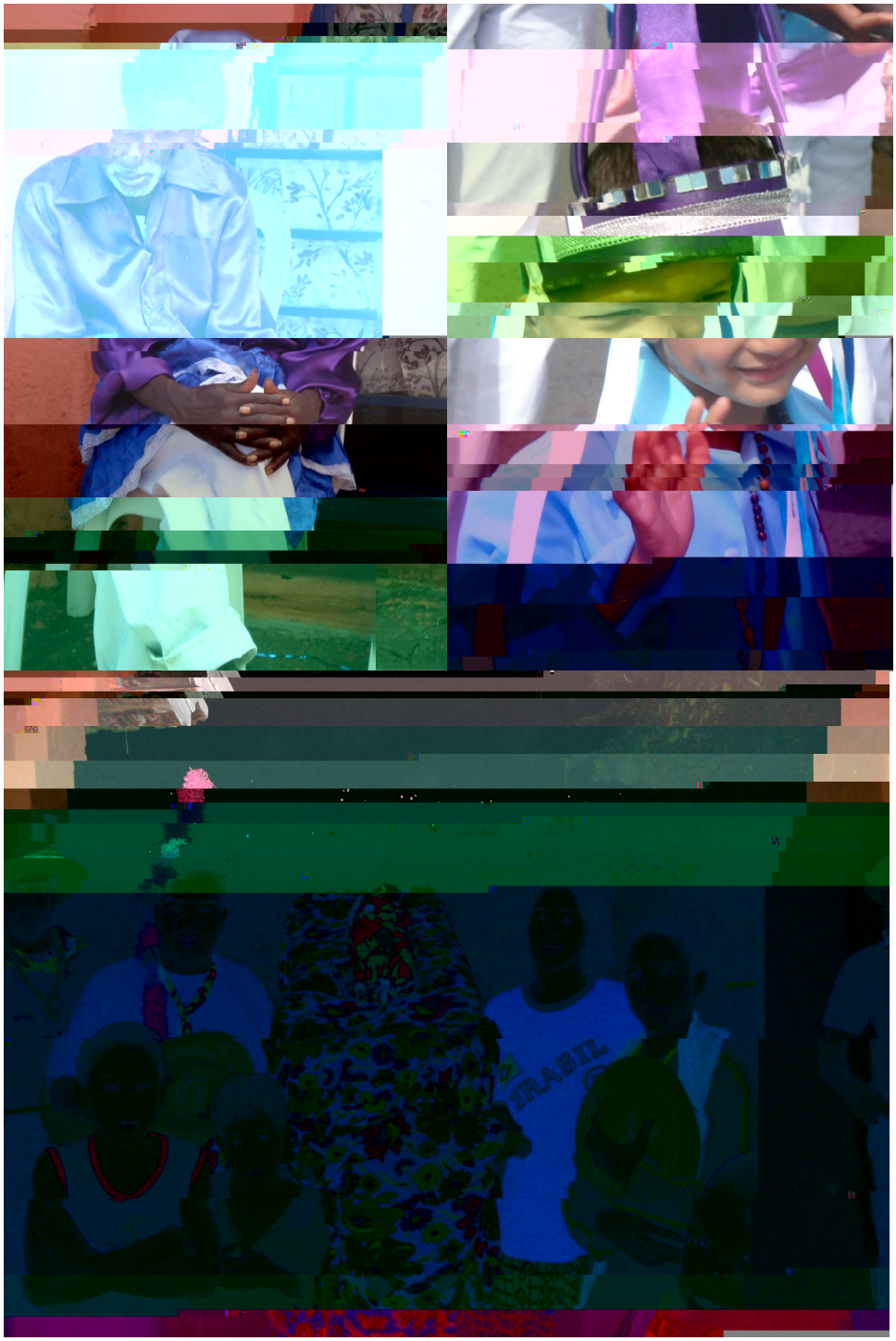
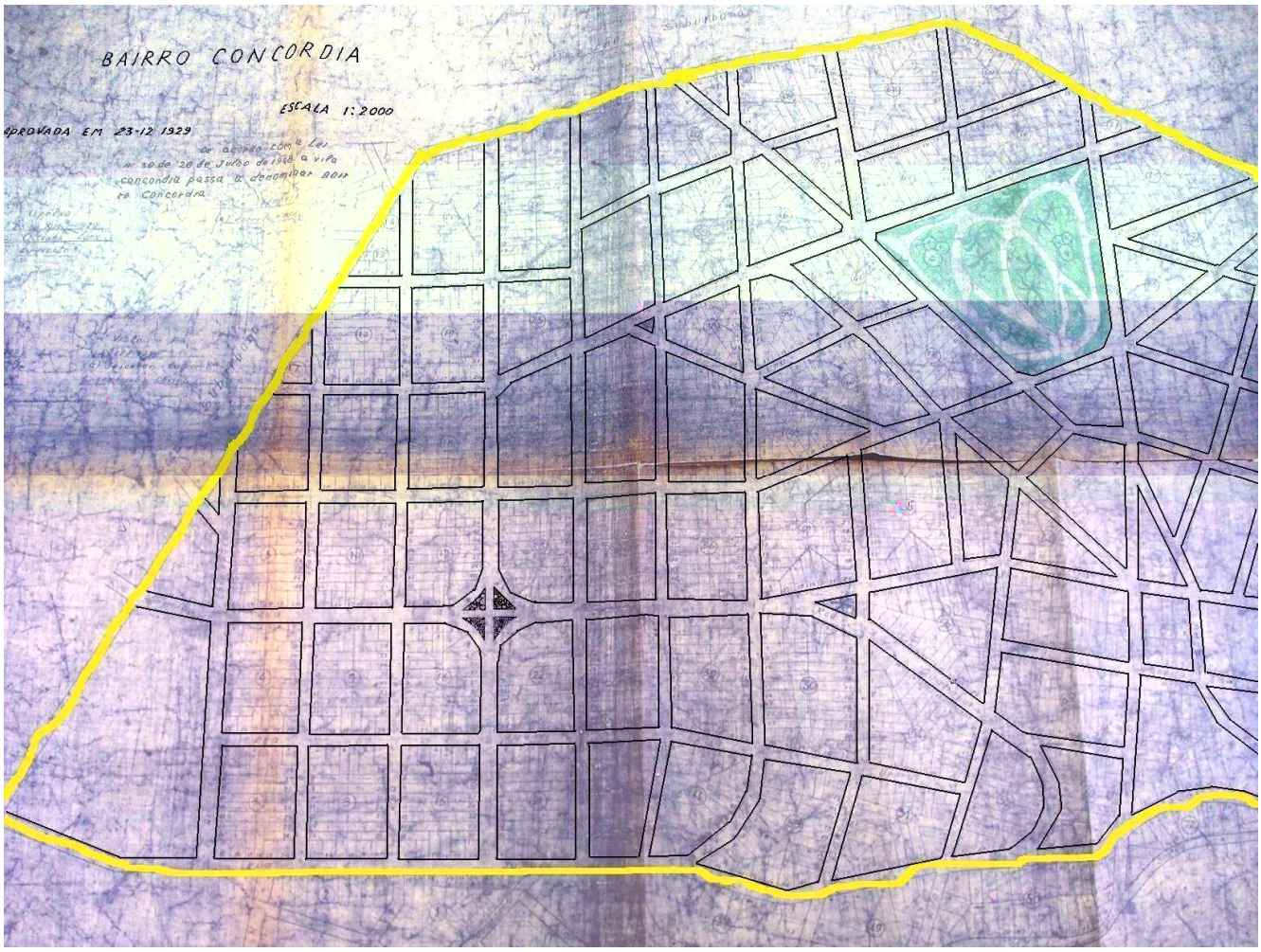
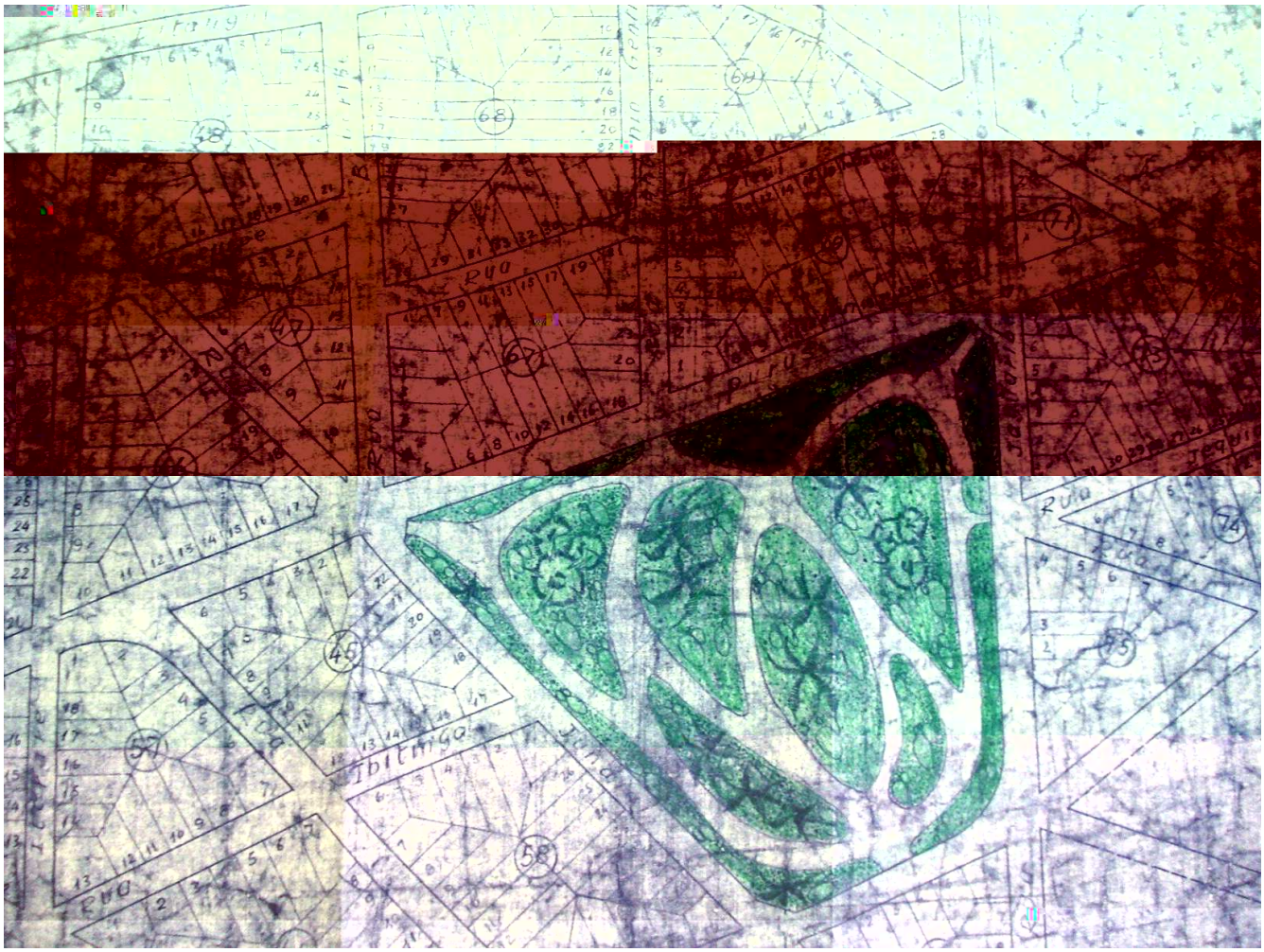


Foto 15 – As gerações do Concórdia.
Fonte: foto da autora.

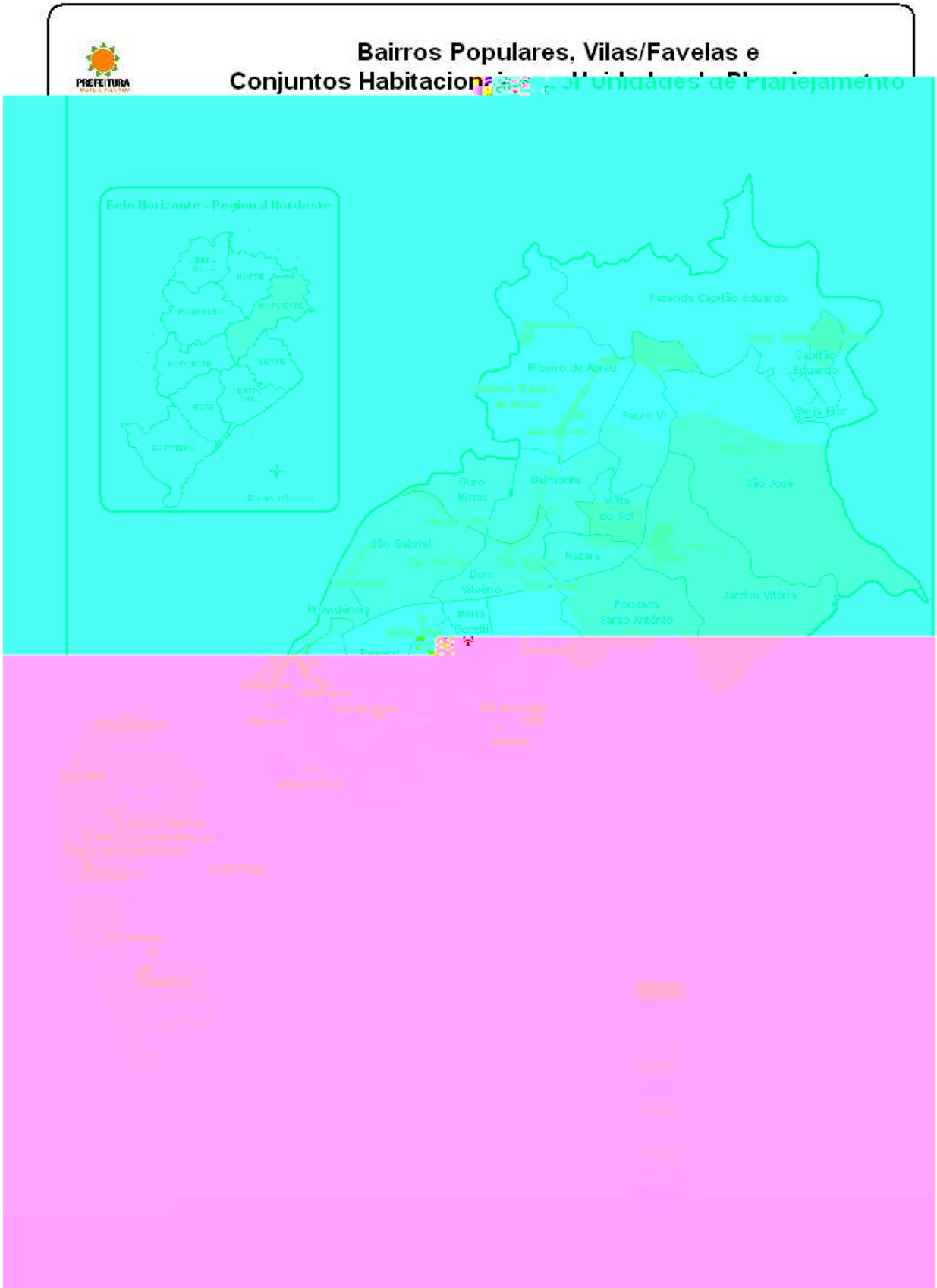
ANEXO A
Planta do Concórdia aprovada em 1929



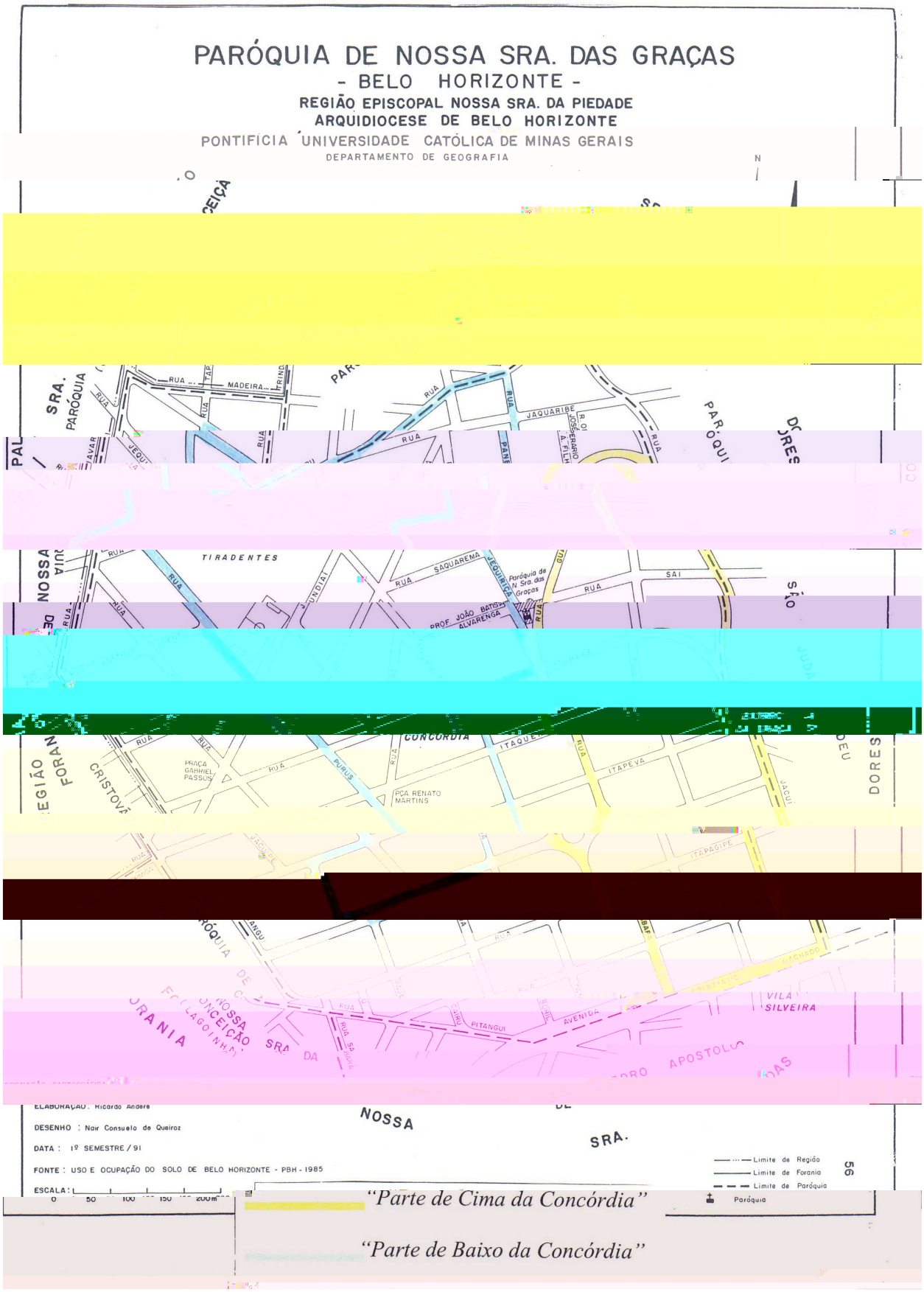
ANEXO B
Detalhe da planta do Concórdia focalizando a área verde, onde hoje está localizada a Vila Tiradentes e o Campo Inconfidência.



ANEXO C
Mapa da Região Nordeste de Belo Horizonte



ANEXO D
Mapa da Divisão Subjetiva Interna do Concórdia

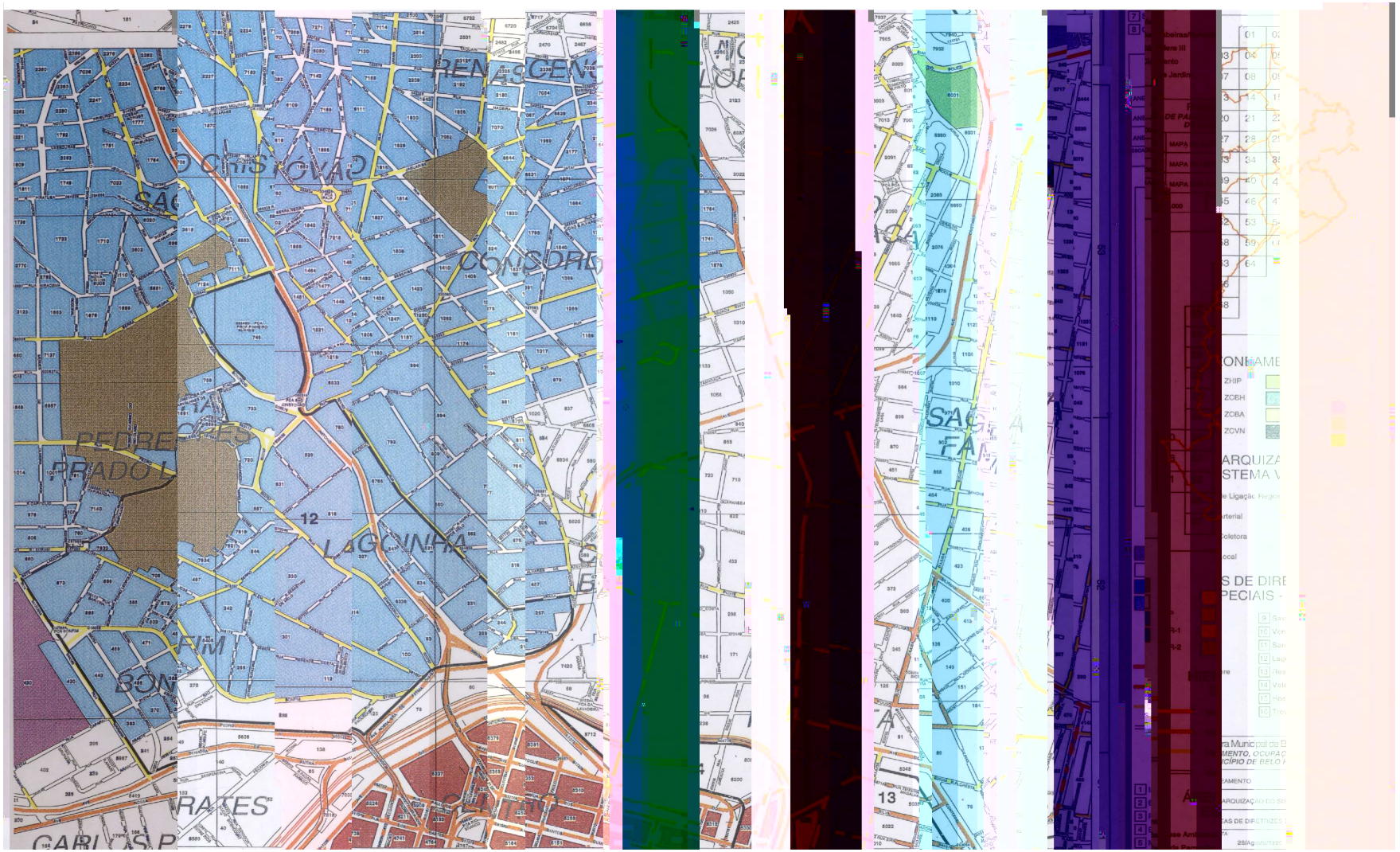


"Parte de Cima da Concórdia"

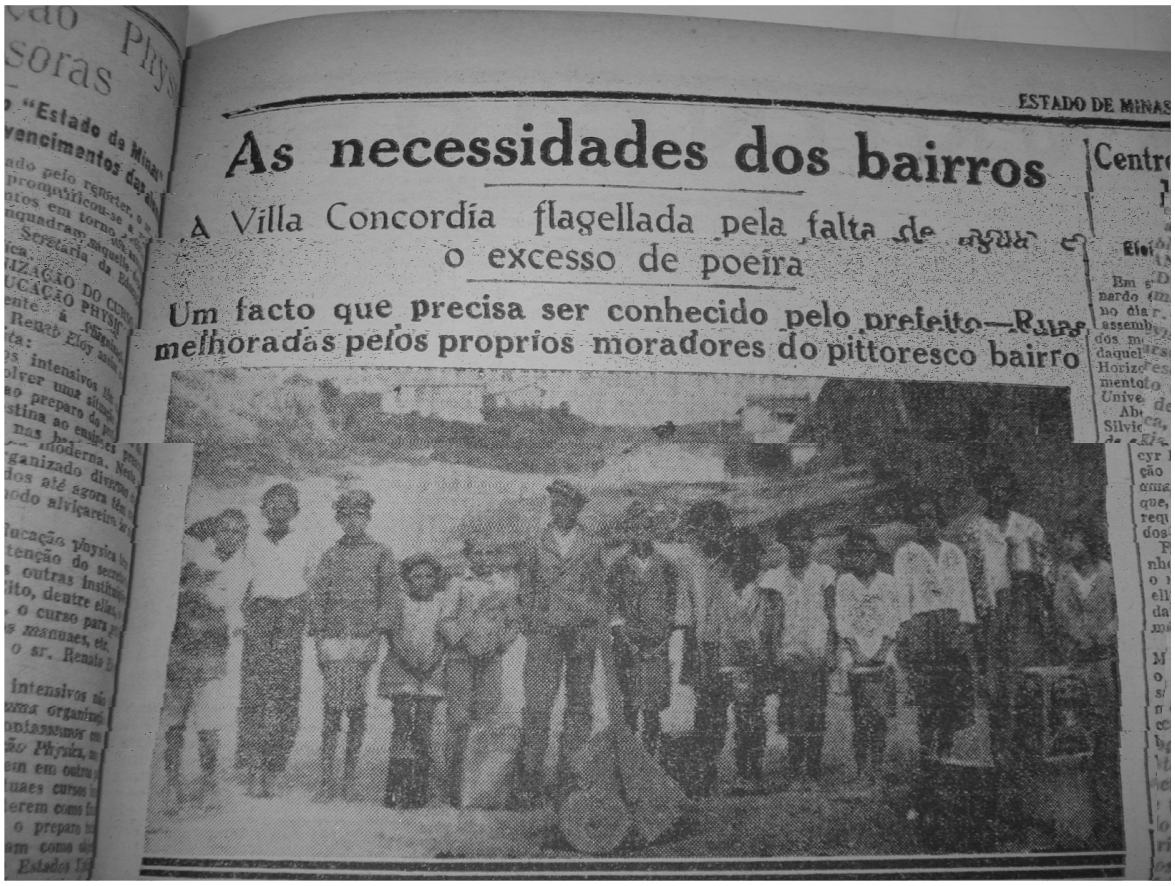
"Parte de Baixo da Concórdia"

ANEXO E

Mapa do Zoneamento do Concórdia de acordo com a Lei Municipal de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo de 1996



ANEXO F
Reportagem de 1934 sobre o bairro Concórdia.



ESTADO DE MINAS

As necessidades dos bairros

A Villa Concordia flagellada pela falta de agua e o excesso de poeira

Um facto que precisa ser conhecido pelo prefeito—Ruas melhoradas pelos proprios moradores do pittoresco bairro

Fonte: Jornal Estado de Minas, 31 julho de 1934.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo